

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18028 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



IRLANDA: A OPOSIÇÃO NO PODER

O primeiro-ministro Jack Lynch reconheceu hoje ter perdido as eleições gerais realizadas ontem na República da Irlanda, concedendo a vitória aos partidos da coligação que se lhe opunham e que era formada pelo «Fine Gael» e pelos trabalhistas. Com aspecto fatigado o primeiro-ministro falou pela televisão para dizer que «tinham sido batidos e que

não valia a pena fazer especulação política». Quando a contagem de votos foi suspensa, a Oposição tinha assegurada a maioria, embora por escassa margem. Observadores políticos acreditam que a coligação oposicionista chefiada por Liam Cosgrave chegará ao fim com cerca de 73 lugares no Parlamento com os quais assegurará a maioria.

MARCELLO CAETANO AO PAÍS:

“Creio que teremos de pensar na instituição de um serviço cívico obrigatório”

Sendo a comunicação do Presidente do Conselho, feita ontem ao País através da televisão e da rádio, uma explicação largamente pormenorizada das ideias e intenções que estiveram na base da concessão dos aumentos ao funcionalismo público — facto já conhecido da população —, revestiu-se de novidade o anúncio feito pelo prof. Marcello Caetano de que teremos de pensar na instituição de um serviço cívico obrigatório englobando o serviço militar mas abrangendo outras actividades

de interesse geral, ao qual ficassem sujeitos todos os jovens dos dois sexos durante um ou dois anos da sua vida. A ideia não é nova, pois existe já em vários países. Há que trabalhá-la. O País ficou assim na expectativa quanto ao significado real das palavras do Presidente do Conselho, proferidas

após ter chamado a atenção para a carência de diplomados, que não se faz notar apenas nos serviços centrais: por esse País fora, é cada vez menor, por exemplo, o número de médicos rurais. Há concelhos onde se torna difícil preencher as vagas que a morte dos velhos clínicos deixa. (Página 2).

O novo primeiro-ministro será assim Cosgrave, um advogado de 52 anos que dirige o «Fine Gael» desde 1965. Assumindo a chefia do Governo irlandês, cargo que seu pai ocupou há cinquenta anos, quando foi fundado o Estado Livre do Eire, lutará pela unificação da Irlanda, devendo continuar a opor-se às actividades dos militantes do IRA. Tal como o anterior primeiro-ministro, Cosgrave é favorável a métodos graduais e moderados para conseguir essa unificação. A vitória da oposição não parece significar necessariamente grandes alterações da política que Lynch tem mantido em relação ao problema da Irlanda do Norte. Os dois grupos dominantes da política irlandesa disputaram as eleições com base nos problemas económicos internos. Para o novo gabinete entrarão membros do Partido Trabalhista, coligado ao «Fine Gael». (R/DL).

Eleições francesas

GEORGES MARCHAIS FALA AO “DL”

— entrevista de

URBANO TAVARES RODRIGUES

AGONIA DO GAULLISMO

— crónica de NUNO VIEIRA

Nas páginas centrais o «Diário de Lisboa» publica hoje a entrevista que o nosso enviado especial a Paris, Urbano Tavares Rodrigues, obteve de Georges Marchais, secretário-geral do P.C.F., num momento decisivo da campanha da União Popular para as eleições legislativas em França.

Também nas centrais, a crónica de Nuno Vieira «agonia do gaullismo».

Amanhã publicaremos novo artigo do nosso enviado especial no qual, além de outros problemas, é focada a atitude dos emigrantes económicos portugueses perante as eleições francesas.

SUDÃO: AMEAÇADOS DE MORTE OS DIPLOMATAS REFÊNS DOS “FEDAYIN”

Cinco palestinianos que assaltaram a embaixada da Arábia Saudita em Cartum, a capital do Sudão, informaram o Governo sudanês que estão

dispostos a abandonar o País se as autoridades os deixarem partir com os diplomatas que mantêm como reféns. Entretanto, reafirmaram a sua

determinação de matar os diplomatas em seu poder se não forem satisfeitas as suas reivindicações. Uma informação posterior dava conta de que o «comando», pertence à organização Setembro Negro, tinha minado o edifício da embaixada. Os diplomatas retidos pelos guerrilheiros são o embaixador e o encarregado de negócios americanos, o embaixador da Arábia Saudita e pessoas de família e os encarregados de negócios da Bélgica e da Jordânia. Subsistem dúvidas, sendo as notícias algo contraditórias, sobre se o embaixador do Japão também se encontra sequestrado pelos «fedayin», que fizeram uma longa lista de exigências. (FP e DL).

Código do Direito de Autor

O Código do Direito de Autor é objecto de um Projecto de Decreto-Lei que o Governo enviou à Câmara Corporativa para que seja elaborado o respectivo parecer. No diploma, que deverá eliminar «graves inconvenientes» do que vigorou até 1966, altura em que o Código foi revisto pela última vez, e em que se pretende eliminar a perpetuidade da protecção atribuída ao direito de autor, estão contidas novas normas, no que se relaciona com questões de registo de direitos, normas internacionais, estabelecendo-se a licença obrigatória de gravação e a redução do prazo de queda no domínio público dos direitos das obras.



Richard Nixon ontem com Golda Meir. (Telefoto UPI-TeleImprensa-«DL»)

Oferta rejeitada

Um porta-voz do Governo egípcio rejeitou a nova oferta de negociações directas entre o seu país e Israel. Essa oferta fora feita pelo primeiro-ministro Golda Meir. «Israel tenta por todos os meios desviar a atenção dos crimes que comete» — disse o porta-voz que recordou as recusas opostas pelo Egipto a qualquer proposta de negociação directa com Israel. Em Washington, Nixon garantiu a Golda Meir a continuação do apoio militar e económico dos EUA. (FP e DL).

32 PÁGINAS INCLUINDO “MESA REDONDA”

DL/NACIONAL

A COMUNICAÇÃO AO PAÍS DO PRESIDENTE DO CONSELHO

O Presidente do Conselho sr. Prof. Marcello Caetano, fez ontem, através da RTP e de todos os emissores de radiodifusão, a seguinte comunicação ao País:

«Em 14 de Novembro do ano passado falei aqui das providências que o Governo tinha em estudo sobre a situação do funcionalismo público. Disse então que o Governo esperava poder «actualizar alguma coisa os vencimentos» no início de 1973, e rever, em sentido mais favorável aos funcionários, o regime das aposentações e o da pensão de sobrevivência a pagar às suas famílias quando faleçam.

O Estatuto da Aposentação foi publicado ainda em Dezembro de 1972. E no Conselho de Ministros de antes de ontem foram aprovados os diplomas que deram cumprimento aos dois restantes pontos.

Já estavam a ser recebidas na Presidência do Conselho cartas de pessoas a estranhar que não houvesse sido respeitada a palavra de publicar o aumento dos vencimentos no início do ano. Não me parece que tivessem razão. Primeiro porque me limitei a dizer que esperava se pudessem fazer a actualização no início do ano: e manifestar uma esperança não é tomar um compromisso. Depois, porque ao falar no início do ano eu não me queria referir, como era evidente, ao dia 1 de Janeiro, mas ao período inicial do ano de 1973 que sem esforço poderia abranger o seu primeiro trimestre.

A verdade é que não deixou de se trabalhar no Ministério das Finanças neste assunto durante todo este tempo. Mas como se queria publicar, simultaneamente, o aumento dos vencimentos e o novo regime das pensões de sobrevivência, os estudos foram demorados e árduos.

Por que é que se quis juntar os dois problemas? Porque ti-

nha de se pedir aos servidores do Estado um aumento de contribuição para o Montepio que assegura o pagamento das pensões e se desejava não lhes impor esse encargos sem a possibilidade de o suportar de modo a não sofrerem diminuição dos seus rendimentos.

Mas para se saber quanto é que se ia pedir aos funcionários, houve que trabalhar muito. A demora foi vantajosa para eles, porque permitiu que, em vez dos 3 por cento dos seus vencimentos, como no princípio se pensou, viesse a fixar-se a contribuição a pagar apenas em um por cento. Isto quer dizer que dentro de poucos anos, quando o sistema estiver em pleno funcionamento, o Tesouro Público terá de saldar importantes déficits do Montepio, superiores aos dois por cento que na previdência privada recaem sobre as entidades patronais.

O esquema adoptado tende mesmo para esta solução: as pensões de sobrevivência serão pagas pelo Estado, com o auxílio de um Fundo alimentado por contribuições dos funcionários.

OS PORTUGUESES NÃO TÊM ESPÍRITO DE PREVIDÊNCIA

De momento teve de contar-se com a existência do Montepio dos Servidores do Estado, criado em 1934, e no qual foram inscritos obrigatoriamente os funcionários de nomeação vitalícia providos desde então. Mas as cotas pagas eram pequenas e pequeníssimas as pensões legadas. Ainda por cima a grande maioria dos inscritos optava pela mais baixa das oito classes existentes o que lhes permitia descontar uma insignificância por mês, mas só lhes dava direito a legar, ao fim de 30 anos, uma pensão também insignificante — 250\$00 mensais.

Os portugueses não têm grande espírito de previdência e por isso não se resignam a fazer sacrifícios no presente a fim de que as suas famílias colham benefícios no futuro: — é o que se vê por este exemplo.

A verdade é que o Montepio, com as pequenas pensões pagas (as maiores são de dois contos por mês) gasta anualmente à roda de 100 000 contos e recebe dos sócios, em cotas, apenas a quarta parte desta importância.

Mas também é verdade que ao servidor do Estado não pode ser indiferente a situação em que, no caso de morte, ficam os familiares que tinha a seu cargo — conjuge, filhos, netos ou ascendentes. É essa insegurança que mesmo em muitos casos constitui uma preocupação, já que nem a todos é acessível contrair seguros de vida. Por outro lado, a previdência social tem coberto sucessivamente os diversos sectores do mundo do trabalho. É indispensável que os servidores do Estado não estejam mais desamparados que os restantes trabalhadores.

Já em 1960 se concedeu às famílias dos funcionários falecidos uma importante regalia: a de receberem um subsídio por morte, correspondente a um mês de ordenado. Mas o problema das pensões de sobrevivência, isto é, da pensão vitalícia a pagar às pessoas de família a cargo do funcionário no caso deste falecer, é que continuava nos precários termos do actual estatuto do Montepio dos Servidores do Estado.

Pela lei agora aprovada a pensão legada será igual a metade da pensão de aposentação ou reforma a que o servidor do Estado teria direito com os anos de serviço (e, portanto, de contribuição) contados à data do falecimento.

Há, porém, uma particularidade a considerar: é que se admite a atribuição da pensão a partir do sexto ano de contribuição do servidor do Estado, isto é, com cinco anos, apenas, de serviço — prazo que, como se sabe, ainda não é bastante para a aposentação.

UM ENORME ESFORÇO

E quanto aos servidores do Estado que já estão há muitos anos ao serviço? Esses, inscritos ou não no Montepio dos Servidores do Estado, podem beneficiar imediatamente do novo regime. Para isso, sendo sócios do Montepio, contem-se-lhes o que para este pagaram até aqui, e depois poderá o funcionário requerer a contagem de mais os anos que lhe interessarem, a fim de satisfazer a diferença entre o que pagou já e o que corresponderia à contribuição de um por cento ao mês. Essa diferença será satisfeita em prazo largo, e dividida em prestações.

Fez-se, pois, como se vê, um enorme esforço para ir ao encontro das necessidades e aspirações do funcionalismo público. Esforço que, como já tenho frisado, só tem sido possível por se manterem as regras de uma política financeira clássica num regime de rigorosa gestão orçamental. E porque o desenvolvimento económico do País vai proporcionando ao Estado receitas que lhe permitem ir fazendo frente às crescentes solicitações da defesa, do fomento económico da educação popular, da refor-

ma da administração pública, que sei eu?

Notarei que no aumento dos vencimentos agora concedido houve a preocupação de favorecer as classes mais baixas do funcionalismo. Todo o pes-

só por lei e por prosápia, e que estejam em condições de ajudar o desenvolvimento nacional, em vez de o entravar.

Quando se fala em pagar melhor a tais técnicos vem logo a crítica de que se está a



O prof. Marcello Caetano durante a sua comunicação

soal relativamente a cujos vencimentos a aplicação dos 15 por cento desse uma importância inferior a 500\$00, tiveram o aumento desta quantia. Oito categorias, das letras Q a Y, ganharam com a fixação deste mínimo, que representa, para a última, um aumento de 26 por cento. E o ordenado mais baixo que a partir de agora o Estado paga ao seu pessoal inscrito no Orçamento é de 2.400\$00. Repare-se também que desta vez se não esqueceram os aposentados e reformados, imediatamente contemplados com o aumento das suas pensões em percentagem igual à dos vencimentos do activo.

Só com o aumento de vencimento e pensões vai o Estado suportar o encargo anual de um milhão e seiscentos mil contos. Sem contar com a actualização, também indispensável a que se procedeu das ajudas de custo e dos subsídios de transporte, de marcha e de embarque.

Pena tenho eu de não ter sido ainda desta vez possível encontrar solução satisfatória para o problema de certas categorias de técnicos, indispensáveis à actividade do Estado e disputados pela concorrência do sector privado.

Hoje na administração pública abusa-se muito da designação de técnicos. E nem todos os que assim são chamados nos quadros possuem as habilitações e a especialização, feita no sentido da aplicação dos conhecimentos, que devem caracterizar o verdadeiro técnico.

SERVIÇO CÍVICO OBRIGATÓRIO

Mas o fomento do País não pode dispensar a existência nos quadros do Estado de bons engenheiros, de bons arquitectos, de bons agrónomos e veterinários... E esses, hoje, são procurados avidamente pelas empresas privadas e pagos por elas regilmente. Daí a dificuldade de recrutamento com que os serviços da administração pública estão a lutar. Temos de encontrar maneira de obter e de reter no Estado técnicos competentes, que o não sejam

onde se torna difícil preencher as vagas que a morte dos velhos clínicos deixa. Os médicos preferem concentrar-se nas cidades universitárias. E creio que teremos de pensar na instituição de um serviço cívico obrigatório, englobando o serviço militar mas abrangendo outras actividades de interesse geral, ao qual ficassem sujeitos todos os jovens dos dois sexos durante um ou dois anos da sua vida. A ideia não é nova, pois existe já em vários países. Há que trabalhá-la.

INSCREVAM-SE NO RECENSEAMENTO!

Não quero acabar esta conversa sem uma palavra acerca do recenseamento eleitoral. Hesitei em dizê-la hoje. Já sei que não faltarão os comentários maldosos a insinuar que, afinal, o Governo actualizou os vencimentos porque se trata de ano de eleições... Os vencimentos foram actualizados porque tinham de o ser: toda a gente o sabe. A última actualização data de Novembro de 1969 e nestes três anos a inflação prosseguiu, aqui como no resto do mundo. Sucedem-se as crises monetárias e os programas dos vários países para lutar contra a alta de preços. Mau grado tudo quanto se tem feito a alta vai continuando e já não foi mau que em Portugal tivessemos, a partir de meados do ano passado, conseguido travá-la.

Aproveito para avisar que estão dadas instruções para apertar agora a fiscalização dos preços. Este aumento do funcionalismo veio para cobrir as altas anteriores do custo da vida — e não deixa margem para agravamentos maiores. Deontamos com dificuldades enormes para sustentar a escada, e pelo menos nos artigos essenciais para a vida temos esperança de conseguir continuar a travagem. Teremos, porém, de ser implacáveis para os especuladores.

Isto vinha a propósito de porventura se pretender relacionar o aumento de vencimentos com as próximas eleições... A relação não existe. E se falo agora no recenseamento eleitoral é porque não conto voltar a este écran antes de encerrado o prazo de inscrição nele.

Não quero, pois, deixar de apelar para quantos se encontram nas condições exigidas por lei para votar a fim de que se não esqueçam de pedir a sua inscrição no recenseamento ou de verificar se lá está o seu nome. Lembro que as mulheres têm o direito de voto. E todos os cidadãos o dever de votar. Nas últimas eleições para deputados recebi imensas cartas de pessoas desoladas por não terem podido votar em virtude de se terem esquecido de se inscrever. É preciso que isso agora não aconteça. As juntas de freguesia estão ao vosso dispor. Inscrevam-se no recenseamento!

Um milhão de contos de certificados especiais

A Junta do Crédito Público foi autorizada a emitir, durante o ano corrente, certificados especiais de dívida pública, até ao montante de 1 230 000 000\$00, a favor das instituições de previdência social incluídas em qualquer das quatro categorias previstas na base III da Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, ou a favor do Fundo Nacional do Abono de Família.

A Direcção-Geral da Fazenda Pública transmitirá à Direcção-Geral da Previdência as formalidades a cumprir para se promover a entrada nos cofres do Tesouro das importâncias

a investir e indicará os termos em que os certificados deverão ser assentados.

Os certificados a emitir gozam de todas as isenções e regalias dos outros títulos de dívida pública fundada, não são negociáveis nem convertíveis, mas podem ser reembolsados pelo seu valor nominal a pedido dos possuidores.

Os certificados referidos vencem, a partir da data da entrega ao Tesouro das respectivas importâncias, o juro da taxa anual de 5 por cento, pagável aos trimestres, em 1 de Março, 1 de Junho, 1 de Setembro e 1 de Dezembro de cada ano.

Companhias Reunidas Gás Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º Sector — Concelho de Lisboa: Rua Dr. António Caetano Sousa 3 a 9, Rua Dr. João de Barros, lotes 1 a 8 e M, Rua K, lotes 1 a 16. (Das 8 às 12 horas).

5.º Sector — Av. D. Carlos I 132 a 146, C. da Estrela 1 a 41. (Das 8 às 12 horas).

Trav. do Arrochela 2 a 50, Rua das Parreiras 1 a 37, 2 a 8, Trav. do Convento a Jesus 27 a 61, L. de Jesus 1 a 3. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Rua Coronel Bento Roma 2 a 22-B e 41 a 41-A, Av. dos Estados Unidos da América lote 939. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Rua Actor Epifânio, lotes 1 a 5, Est. do Desvio 182 a 206 e lotes 1 a 6, C. de Garriche 82 a 86-C e 21-A a 67-A e lotes 1 a 14 e 38 a 45, Est. Militar lotes 24 a 38 e 35 a 45 e Cl., C. do Poço (toda). (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — Concelho de Oeiras — ALFRAGIDE: Av. Ivens, Av. D. Luís I (parte), Rua Pinheiro Borges, Rua Daniel Augusto Silva, Est. da Buraca, Rua de S. Marçal (parte), Rua Pereira Bastos e imediações. (Das 8 às 14 horas).

BURACA: Est. de Alfragide, Rua António Ferro, Rua Padre Cruz, Rua Padre Américo, Rua Professor Dr. Egas Moniz, Rua Tristão Vaz, Rua Gonçalo Zarco, Praceta Fernando Pessoa, Barracas da Est. Militar e imediações. (Das 8 às 14 horas).

AMADORA: Est. da Falagueira, Trav. da Bolacha, Rua António Apolinário da Silva, Rua Nossa Senhora da Lapa, Praceta Nossa Senhora da Conceição, Trav. da Mãe d'Água, Rua Pedro Franco, L. da Eira, Trav. da Falagueira, Av. Elias Garcia e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — Concelho de Sintra: Almagem do Bispo, Covas de Ferro, Aruil, Albugas, Casal do Reboio. (Das 8 às 14 horas).

CHÃO DE MENINOS: Alto da Bonita e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — Concelho de Cascais — ESTORIL: Av. dos Bombeiros, Caminho para Bicesse, Caminho para o Monte Estoril e imediações. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — Concelho de Mafra: Barril. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — Concelho de Vila Franca de Xira — ALVERCA: Estrada Nacional (parte), Cruz das Almas (parte). (Das 8 às 14 horas).

ALVERCA: Estrada Nacional (parte), Rua da Estação, Rua Joaquim Sabino Faria e imediações. (Das 8 às 14 horas).

Adanaia, Manaça, Calhandriz, A dos Potes, Arcena, Bom Sucesso. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — Concelho de Alenquer — CARREGADO: Estrada Nacional 1, Rua Vaz Monteiro, Guisandaria e imediações. (Das 8 às 14 horas).

Toda a rede de B. T. de Olhalvo. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — Concelho de Torres Vedras — S. DOMINGOS DE CARMOES: Carvoeira, Carreiras, Zibreira. (Das 8 às 14 horas).

DL/OPINIAO

O DEVER E O DIREITO

Dizer que o cidadão tem o dever de participar na vida pública será útil quando esse mesmo cidadão, por diversíssimas razões, foi tentado a esquecer o seu direito de o fazer. Mas pode parecer crueldade falar-se em exigência de participação quando, previamente, o reconhecimento do direito foi deixado na nebulosa das intenções ou dos princípios, sem a aplicação prática de todos os dias, sem a firme disposição de fazer desse direito que é dever e desse dever que é direito a justificação cívica dos cidadãos. Só em momentos de crise, afinal, vem invocar-se o que deveria ser tão comum como o pão na mesa, só por essas ocasiões, quando os factos esmagam as entidades que têm poder de decisão o cidadão é chamado a depor e a tomar conta da sua quota-parte da responsabilidade... Melhor seria, repetimos, se essa responsabilidade lhe pertencesse mais como um direito do que como um dever.

Uma relação social que faça prevalecer condições de paternalismo tem, para o cidadão, a aparente vantagem de o deixar livre para se dedicar egoístamente à sua vida, mas só perdura em tempos de imobilismo ou de muito vagarosa mudança. Logo que o processo social se acelera, esta colmeia, que parecia regulada para a eternidade dos tempos, entra numa espécie de vórtice dificilmente controlável: talvez as mãos continuem firmes nas alavancas, mas a máquina roda às cegas, por sua conta, e com risco de quem ainda julga transportar-se pacificamente...

Com pouca diferença, esta tem sido a vida da cidade de Lisboa nas últimas décadas. As diferentes tensões que se exercem nela atingiram um tal extremo de agudeza que, em certos aspectos, não estaremos muito longe da ruptura. Sucederam-se as administrações optimistas, cultivando o tom até ao último dia de cada uma e legando à seguinte uma herança cada vez mais carregada de sombras e de responsabilidades, na observância literal do ditado velho que diz «quem vier atrás, que feche a porta»... Ora, a porta, a julgar pelas declarações que têm vindo a lume nos últimos tempos, está, praticamente, fora dos gonzoos...

No capítulo financeiro, diz o presidente da Câmara, o município «encontra-se neste momento habilitado a satisfazer todos os encargos respeitantes a empreendimentos já concluídos ou em vias de conclusão, mas com disponibilidades extremamente limitadas, pelo menos ao longo do corrente ano, que lhe permitam assumir novos encargos». O optimismo, como se vê, desapareceu. E depois de ter preconizado algumas reformas radicais de gestão e de estrutura, o presidente pôs claramente (e decerto não como simples efeito retórico e lance demagógico) a questão a que se liga o início deste comentário: «Egixe, finalmente, uma cada vez mais crescente e esclarecida participação do lisboeta na tomada de opções que decisivamente influenciarão o futuro da cidade».

Toda a linha de comportamento defendida e preconizada por este jornal, leva-nos a aplaudir, sem condições, o propósito. Mas importa definir de que se trata exactamente quando se fala em participação. Encará-la como um dever, não apresenta grandes atractivos nem capacidade de aliciaamento. Afirmá-la como um direito, não basta se o conteúdo e a amplitude desse direito não forem, por sua vez, objecto de definição. Por outro lado, quais são os órgãos através dos quais se exprimirá essa participação? Por que meios chegará ao conhecimento de quem decide a opinião múltipla dos habitantes de Lisboa? Serão as paralisadas e ineficientes juntas de freguesia o veículo, o nó de ligação, o lugar do confronto, o laboratório judicativo, a plataforma do diálogo? Bastarão para alicerçar despachos e posturas as sondagens da opinião pública? Serão suficientes os ecos captados através dos órgãos de informação, as «cartas ao director», as reportagens possíveis, os inquéritos de rua, as campanhas?

Estas perguntas não surpreenderão o presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Mas enquanto não lhe for encontrada resposta, não vemos como se há-de exigir do lisboeta o cumprimento do seu dever e o exercício do seu direito.

Mediterrâneo

Estão a decorrer conversações para fixar a data de uma reunião preparatória da conferência mediterrânica desejada pela Argélia. Essa reunião, que talvez se efectue em Abril, agruparia os países do Magrebe e do Próximo Oriente e ainda a Jugoslávia, Malta e Chipre. A Albânia também seria convidada. A Argélia teria proposto o critério «países mediterrânicos fora dos blocos militares», o que exclui a participação da Grécia, da Turquia e de Portugal. A França, convidada, como a Espanha, a juntar-se aos outros países mediterrânicos, ter-se-ia mostrado reticente, sem, no entanto, ter respondido oficialmente que não.

A ideia de uma conferência mediterrânica tinha sido lançada oficialmente em Abril de 1972 por Bouteflika, ministro argelino dos Negócios Estrangeiros. Para os dirigentes argelinos, o objectivo principal seria acabar com a tensão e as rivalidades mantidas pelos supergrandes e estabelecer um programa de cooperação económica entre os países mediterrânicos. Essa conferência é tanto mais urgente, quanto o processo de desanuviamento registado actualmente na Europa pode muito bem traduzir-se por um aumento das tensões na periferia imediata da Europa, isto é, na bacia do Mediterrâneo. Com efeito, esses dirigentes receiam que a conferência pan-europeia lance «as bases de uma nova ordem internacional» e venha a estatuir sobre o Mediterrâneo, na ausência dos países ribeirinhos.

Itália: voto aos 18 anos?

Cinco deputados da Democracia Cristã, movimento a que pertence o primeiro ministro Giulio Andreotti, propuseram uma emenda constitucional que reduziria para 18 anos a idade mínima de votação para a Câmara dos Deputados e 22 a idade mínima de votação para o senado.

Os Patrocinadores da emenda, chefiados por Carlo Fracanzani, também redigiram um projecto de lei, presentemente em estudo, segundo o qual os italianos seriam considerados maiores aos 18 anos, em vez de aos 21.

Regenerar o plástico

O espanhol Santiago Cambero Flores afirma ter descoberto um método para regenerar qualquer classe de plásticos — informou o «Arriba».

Flores, de 47 anos, diz ter assim dado solução a «um dos grandes problemas mundiais da actualidade: a eliminação, por transformação, de todos os plásticos inúteis que ameaçam ser uma praga nas futuras décadas».

«Diário de Lisboa»

Têm frequentemente feito transcrições ou referências ao «Diário de Lisboa» os nossos colegas «Diário de Luanda», «Notícias» (Lourenço Marques), «Diário do Ribatejo» (Santarém), «República», «Jornal do Fundão», «Comércio do Funchal», «Vértice» (Coimbra), «Seara Nova» e «Flama» (Lisboa), «Notícias de Chaves», etc.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino PERO PINHEIRO

PEDRO MARTINS DA SILVA

A tristeza de estar sô

Fazia sol e sentia-se calor, num ambiente que dir-se-ia característico do verão lisboeta. Só o céu não tinha a transparência azul do nosso, que escorre, purificado das casas e das ruas.

Elas saíram da boca escura do metropolitano, e ao longo da Praça Trafalgar, tomaram a direcção da National Gallery. Num ambiente cosmopolita como é o de Londres, onde a bizarría de porte e de vestuário é o comum, a provocar olhares de espanto nos primeiros dias de visita, conseguiam chamar singularmente a atenção. A idade de ambas era indefinida, mas de tudo nelas desprenhia-se qualquer coisa de tristeza, de solidão, de velhice decrepita — eram velhas, isto sem importar a idade que tivessem. E estavam sós, não as duas, mas cada uma delas, como bem traduziam os olhares — ferozes (?) — que lançavam uma à outra.

Tinham já ultrapassado as fronteiras do humano, como o entendemos (ou tinham sido empurradas para lá destas fronteiras). Estas duas velhas, entrevistas por momentos nas ruas animadas de Londres, trouxeram ao meu espírito a notícia, lida tempo antes, de uma pobre velha encontrada entre os escombros da sua casa, morta quando a demoliam. Porque era

surda, porque se movia com dificuldade, coisa entre os trastes que eram as suas pobres coisas, para ali ficara e com elas fora destruída.

Vivemos numa época em que se sucedem os progressos da medicina, para nos preservar e prolongar a vida. São as vacinas, os antibióticos mais potentes, os prodígios da cirurgia, as transplantações, enfim coisas que vão para lá do que há pouco poderia imaginar-se. Num futuro, que é já amanhã, estaremos imunes à maior parte dos males que agora ainda nos preocupam. Mas preservar a vida (só), será manter-nos de facto vivos? Integrados no mundo em que estamos, acompanhando-o e sentindo-nos acompanhados? Ou será que, caminhando para um mundo em mudança de ritmo cada vez mais acelerada, nos sentiremos a certa altura — à medida que os anos acumulados nos vão retirando a elasticidade — vegetar atrás das barreiras assépticas que preservam o nosso estado físico?

A criança, durante muito tempo desatendida, considerada brinquedo, adulto pequeno, parece ter já reconhecida a sua posição verdadeira, o que necessita para encaminhar-se sadiamente para adulto. Se não é sempre posto em práti-

ca, isso, todos o sabemos, é outra história. Mas o capítulo último, esse parece não estar ainda escrito. O da Velhice, terceiro período da Vida. E as situações para que, na nossa sociedade, são remetidas, com generalidade, os idosos arrastam-nos para estados de tristeza indizível, porque sem esperança. Para além de tudo o mais, trata-se de uma medida a todos os títulos altamente antieconómica, ilógica numa sociedade onde o económico assume tanta importância. Porque é desaproveitar pessoas ainda potencialmente úteis, tanto mais por serem detentoras de um capital de experiência que, passem todas as mudanças de esquemas de viver, será de utilidade grande para os que, nas frentes mais activas, travam a batalha da vida.

Preservar a vida física, reduzir a duração do período de trabalho obrigatório, são, sem dúvida, medidas de interesse óbvio. Mas que necessitam do complemento que garanta o aproveitamento e a integração social das pessoas assim «libertas». Porque colocá-las, sós, em «prateleira», à espera do que não é esperança, é desumanidade, para além de operação não rentável. A crescente longevidade é necessário responder com o lugar social para os velhos.

Exclusivo «LE MONDE»/«DL»

ALAIN BOUC

Pequim e os revolucionários indochineses

Pequim — Enquanto por toda a parte se anunciam ou prosseguem as discussões sobre a Indochina, a grande preocupação dos chineses consiste em reforçar a coesão da Frente dos revolucionários da península face aos Estados Unidos e, no que lhes diz directamente respeito, conquistar toda a confiança dos resistentes nos três territórios. Já lá vai o tempo em que a vinda a Pequim do conselheiro de Nixon inquietava Hanoi. Essa época pertence agora ao passado, e, aliás, Kissinger passou já pelo Vietname do Norte antes de se dirigir à China.

Esta preocupação de coesão indochinesa está patente na primeira página do «Diário do Povo» de 9 de Fevereiro. Efectivamente, a comissão central expõe aí a sua posição sobre o problema cambodjano e vietnamiano no fim da visita à República Democrática do Vietname do Príncipe Sihanouk.

«O comentador», personagem eminente ou, mais frequentemente, um grupo de dirigentes altamente colocados da

comissão central, congratula-se com a unanimidade manifestada no comunicado conjunto khmero-vietnamiano. Trata-se de uma visita de extrema importância, diz o jornal, e as relações dos três povos são mais estreitas e melhores do que nunca.

Tratando-se do Vietname do Sul, o texto é formal: é preciso acabar a revolução democrática nacional. Não se trata de socialismo; a prioridade vai para a luta anti-imperialista. Na opinião dos chineses, por conseguinte, a tarefa que cabe aos sul-vietnamitas não é muito diferente da dos nacionalistas khmers. O colectivismo depende de um outro período.

Moderação em política, firmeza no aspecto militar, Pequim prosseguirá as suas entregas de armas; a China espera «a vitória total» e adopta nesse aspecto a posição do Príncipe Sihanouk.

Isso não impede, é certo, de dar conselhos de táctica diplomática, a fim de evitar que um dos três movimentos revolucionários se isole dos outros, o

que poderia acontecer eventualmente com o petulante príncipe cambodjano.

Seja como for, este foi recebido em Cantão com extrema cordialidade.

Na véspera, à sua chegada, o Príncipe Sihanouk e a sua comitiva tinham passado sob arcos de folhas de palmeira e de flores, enquanto que os altalantes faziam ouvir nas ruas da capital meridional as canções chinesas e cambodjanas compostas pelo ilustre visitante. Todo este aparato se reveste, bem entendido, de um significado político: não se trata, para os chineses, de um compromisso sobre o problema da legitimidade. O Príncipe que abrigam e apoiam é o único soberano legítimo e as negociações indochinesas não devem, não podem, transformar-se, no caso do Camboja, num processo de discussão à moda saigonense. Eis, entre outras coisas, o que se dirá na próxima quinta-feira a Kissinger.

ALAIN BOUC

DL/NACIONAL

ABSOLVIDO O RÉU: SÓ O MAU TEMPO AFUNDOU O «JOMABA»

Não houve inconsideração, negligência ou falta de observância de qualquer regulamento marítimo por parte dos proprietários do batelão «Jomaba» — foi o que apurou o juiz que ontem decidiu sobre a causa, absolvendo portanto o sócio-gerente da firma proprietária da embarcação, o sr. Joaquim Eduardo Cerqueira Baptista.

O «Jomaba» afundou-se no

Tejo, no meio do temporal, em 8 de Janeiro de 1970. No sinistro perderam a vida quatro tripulantes, incluindo o arrais David Costa e Silva. A viúva deste pedia que lhe fosse judicialmente atribuída uma indemnização pouco superior a quinhentos contos, alegando que a embarcação se afundara por efeito conjugado do mau tempo, de excesso de carga e, sobretudo, das

deficientes condições de segurança em que se encontrava, pelo que deveria ser responsabilizada a firma proprietária.

O 4.º Juízo Correccional deu apenas como privado que o naufrágio se verifica num ponto particularmente perigoso do rio e por altura de violento temporal, pelo que a firma proprietária não tem de pagar a indemnização pedida.

O PREÇO DAS LARANJAS DO PALÁCIO

Está a melhorar o estado de saúde do servente de pedreiro António Maria Serrado Chaparro, de 16 anos, que ao fim da tarde de ontem foi submetido a uma operação cirúrgica no Hospital de S. José, em virtude de, momentos antes, ter sido ferido a tiro, na barriga, pelo guarda do Palácio Nacional de Queluz, Rui José Alves Baptista.

O ferido foi surpreendido, juntamente com outro in-

divíduo, a colher laranjas no pomar do Palácio. O guarda, que na mesma tarde já havia dado um tiro para o ar, a fim de afugentar outros intrusos, conseguiu agarrar os dois rapazes.

Mas estes tentaram libertar-se, tendo-se um deles agarrado ao guarda. Foi quando a pistola que este empunhava e que, segundo declarou, estava travada, se disparou, atingindo o jovem na barriga.

DEZASSETTE GOLPES NO VIGILANTE DA PENSÃO

«Tenho assistido a muitos crimes, mas nunca vi nada de semelhante», foi a exclamação do agente da Polícia Judiciária ao entrar em casa de hóspedes do 2.º andar do n.º 69 da Rua da Emenda. Por detrás do balcão, caído, estava o corpo de António, num charco de sangue saído dos dezassete golpes que lhe tinham sido vibrados.

Foi por volta das 4 horas da tarde de ontem que Eduardo Aguiar, vigilante de dia da pensão-camarata (que cobra 5500 e 10500 por dormida e é frequentada quase só por caboverdianos carregadores) encontrou o corpo do seu colega, que era recepcionista no turno da noite. Este, que tem 56 anos e é natural de Loures, encontrava-se apenas há um mês ao serviço, após ter regressado do sanatório, pois sofria de tuberculose. Mas já anteriormente tinha trabalhado naquela casa.

Ao deparar-se-lhe aquele espectáculo, Eduardo Aguiar recordou que pouco antes tinha ouvido barulho junto ao balcão. Os golpes vibrados no pescoço, mais o convenceram de que tinha havido luta.

No entanto, António era um homem pacato e muito metido consigo próprio. Pelo menos, é esta a opinião do dona da taberna que ele costumava frequentar, na esquina das ruas do Loreto e da Emenda.

«Vinha aqui, bebia o seu copo e não falava com ninguém», afirma.

A Polícia Judiciária deteve já alguns suspeitos, que estão a ser interrogados. As investigações são conduzidas pelo inspector Ribeiro Coelho e pelo sub-inspector Estorninho.

PASSAGEM INFERIOR DE OEIRAS

A Sociedade Estoril Sol comunicou à Câmara Municipal de Oeiras que vai pôr à disposição desta a importância de 576 426\$80, correspondente à sua participação na construção da passagem inferior de Oeiras. Em face disto, aquele Município deliberou efectuar uma reunião entre os serviços municipalizados e os dirigentes daquela empresa, a fim de serem esclarecidas dúvidas quanto ao pagamento da diferença entre o referido quantitativo e 796 497\$40, que é o custo total da obra.

70.º ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO MILITAR

O Colégio Militar comemora hoje o seu 70.º aniversário. Presentes às cerimónias o ministro da Defesa Nacional e do Exército, o ministro da Marinha, o secretário do Estado-Maior das Forças Armadas e os vice-chefes do Estado-Maior da Armada e da Força Aérea.

Após uma alocução do di-

rector do Colégio, brigadeiro Mendonça Frazão, iniciou-se o desfile junto ao busto do fundador, marechal Teixeira Rebelo.

Cerca das 12 horas e depois de haver sido rezada missa no Mosteiro dos Jerónimos, o batalhão colegial desfilou em parada perante as entidades oficiais.

ACIDENTE FERROVIÁRIO SEM GRAVES CONSEQUÊNCIAS

PORTO, 2. Cerca do meio-dia, ficaram concluídos os trabalhos de carrilamento de três vagões de um comboio de mercadorias que, ontem, cerca das 20 horas, embateu fragorosamente numa composição parada, num ramal ferroviário que liga Leixões a Ermesinde, entre os apeadeiros do Lido e de São Gemil.

O acidente ocorreu na altura em que um comboio de mercadorias, procedia a uma manobra, em marcha de recuo, por desequilíbrio de peso entre os diversos elementos que compunham a composição.

Felizmente não houve desas-

tres pessoais, mas apenas prejuízos materiais de certa monta. Por outro lado, a circulação não foi afectada, visto tratar-se de um ramal que pouco tem sido utilizado, a não ser para as descargas que vão sendo retiradas da linha do Douro.

Concurso para livros escolares

Está oficialmente aberto, até 2 de Janeiro de 1974, concurso destinado à aprovação dos livros escolares para o Ciclo, no quinquénio que engloba os anos lectivos de 1974-75 a 1978-79, sem prejuízo de alterações dos programas, nos termos do artigo 10.º do Estatuto do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

Os livros a aprovar destinam-se às disciplinas de Ciências da Natureza (1.º ano), Matemática (1.º e 2.º anos), Francês (1.º e 2.º anos), Inglês (1.º e 2.º anos) e Língua Portuguesa (Gramática).

Adrian o Ramalho de Oliveira Amorim

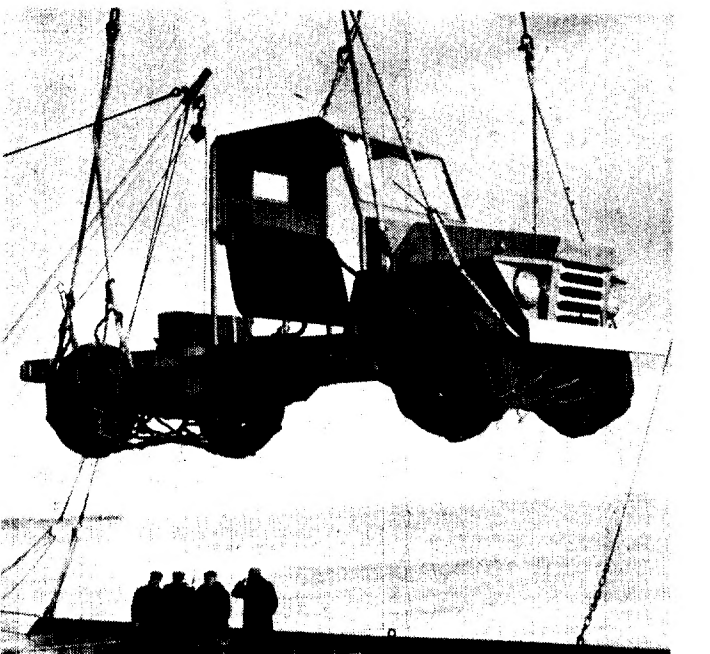
MISSA DE 7.º DIA

A Embaixada e o Consulado Geral do Brasil em Lisboa convidam para a missa de 7.º dia que mandarão celebrar pela alma do Vice-Cônsul do Brasil, no sábado, dia 3, às 10,30 horas, na Igreja de São João de Deus, à Praça de Londres.

Novo modelo da GM destinado (também) à exportação

Um novo veículo de transporte destinado inicialmente ao mercado interno, está a ser produzido pela linha de montagem da GM, na Azambuja, que no seu 10.º ano de laboração montou já cerca de 78.000 unidades Opel, Vauxhall e Bedford. O novo veículo de transporte recebeu a designação de «Amigo», encontrando-se em fase avançada de estudo a exportação para outros mercados. Diversos protótipos seguiram a semana passada para Itália, Bélgica, Inglaterra e Equador.

As características principais do «Amigo» são a sua grande capacidade de carga, custo inicial muito acessível, fácil manutenção, consumos pequenos e desenho completamente funcional. Estrutura e revestimento metálicos, vidros, estofos, equipamento eléctrico, tintas, pneus, etc. são alguns dos muitos componentes com que a indústria nacional contribui para a fabricação do «Amigo».

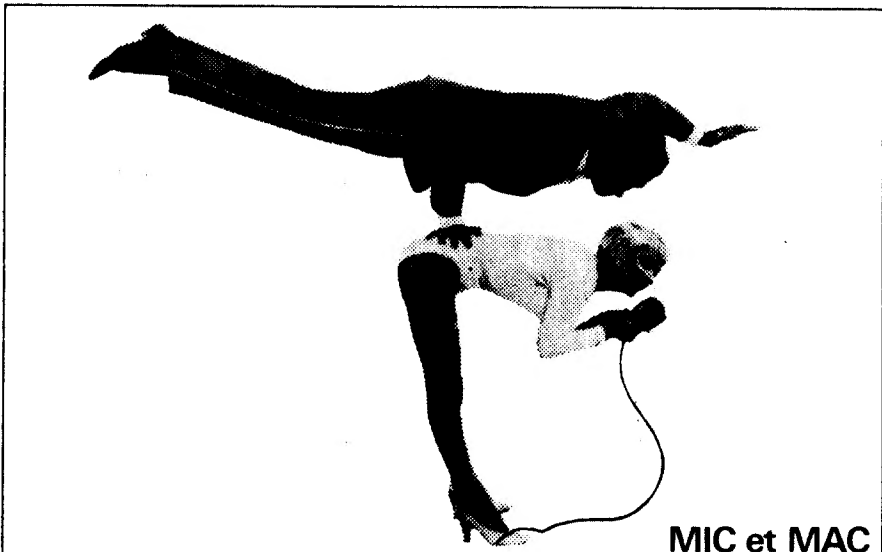


O SEU MELHOR CARNAVAL TORRALTA

ALGARVE



BOBBY SALVADOR
E
SUAS BONECAS ORIENTAIS



MIC et MAC

Artistas fantasistas franceses



música para dançar pelo conjunto **ESPAÑOL FEMININO**

LAS AMAZONAS
e
“OS FABULOSOS”

sábado/domingo/segunda-feira/terça-feira

reservas: Lisboa-telefones 555400/555562

Portimão-telefones 32211/32128

GRUPO D
MAIORES DE 18 ANOS

TV

DL/ESPECTÁCULOS

"HÁ SÓ UMA TERRA"

Foi dito no programa «Há só uma Terra»: Lisboa não é uma cidade grande; Lisboa é uma cidade desarrumada. Mais do que isso: uma cidade estrangulada.

Abrenúncio, caldeireiro! E no entanto, assim é. Isso que se disse e muito mais que se não disse. O que se disse, no entanto, foi o bastante para se-
meiar o terror entre os alfai-
nhas de hoje e de amanhã. Por-
que se hoje é assim, amanhã
como será, se continuar tudo
como está, caramba?

REPARTIÇÃO CENTRAL DO IMPOSTO COMPLEMENTAR

Passam a estar concentrados numa repartição central de finan-
ças os serviços de liquidação
de imposto complementar do
concelho de Lisboa, até agora
distribuídos pelas repartições de
finanças dos respectivos bairros
fiscais, segundo determina uma
Portaria do Ministério das Fi-
nanças hoje inserta no Diário
do Governo.

A repartição agora criada ofi-
cialmente está já a funcionar
provisoriamente no número 35
da Praça do Príncipe Real, es-
tando previstas para breve insta-
lações definitivas noutra local.

EQUIVALÊNCIA DE CURSOS DE PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

Foi homologada uma delibe-
ração da Comissão Corporativa
Central segundo a qual os cur-
sos de Contabilidade e de Cor-
respondentes leccionados no
Centro de Aperfeiçoamento Pro-
fissional (CAP) do Sindicato dos
Profissionais de Escritório do
Distrito de Lisboa passam a ter
equivalência ao curso dos li-
ceus, para efeitos de admissão
e promoção na profissão de em-
pregado de escritório.

As questões avolumam-se de forma que, sem nenhuma retórica, podemos crismar de dramática. A expressão mais dolorosa ouvimo-la da boca de Bárbara Lopes: Queimamos uma grande parte da nossa vida em transportes de casa para o emprego e do emprego para casa. «A vida familiar es-
boroa-se...» Qual a alegria de viver numa cidade como Lis-
boa?

Fica-se de boca aberta. Aprendi sempre que a família constitui a célula da socieda-
de. O marido pode não se en-
tender com a caríssima, ambos
podem não entender-se com os
filhos e os filhos podem não
entender-se entre si: isso é já
outra história. O certo, certo
é que a família e a célula, deite-
me a sua bênção, meu pai,
Deus te abençoe malandro, e
assim por diante, mas uma so-
ciedade que não se baseia na
família unida, tendo a
desassociação-se. Isto ou-
vimos nós com frequência en-
tre as pessoas bem parientes,
isto lemos nós em jornais e em
revistas da especialidade.



Ora acontece que diáriamen-
te numa cidade como Lisboa
a família se esboroa perante
os olhos de todos perante a
indiferença de uma sociedade
que deste modo desbarata as
suas células.

Há mais. O deputado Correia
da Cunha veio lembrar-nos um
problema de que não se fala
muito mas de que virá a falar-se
muitíssimo se não for encarado
a sério: o problema do abaste-
cimento de água a Lisboa. No
dealbar do ano dois mil —
diz-nos — o consumo de água
será quatro vezes superior ao
de hoje. Fácil será concluir
que, se não espremermos mais
as tetas do Alviela, dentro de
30 anos cada habitante não po-
derá obter mais de um litro por
dia para a comida e para a
bebida. Quanto ao mais, e para



Por MARIO CASTRIM

disfarçar, aumentará o consu-
mo de água-de-colónia.

Fora dos transportes e da
água, existe a poluição do ar.
Em certos locais da cidade, fi-
cámos a saber ontem, o teor
de gases já ultrapassa os
níveis admissíveis. Neste as-
pecto — e indo ao encontro
da necessidade, cada vez mais
urgente, de uma informação
mais objectiva destes proble-
mas — os espanhóis vão bem
mais adiantados. A imprensa
madrilena comunica diária-
mente o teor da poluição do
ar com a respectiva classifi-
cação de periculosidade.

Ainda quanto às maneiras de
combater essa poluição, o de-
putado Correia da Cunha re-
gozija-se com o possível regresso

dos terrenos do actual aeropor-
to à zona verde que terá sido
a sua em tempos recuados.
Não deite foguetes, meu amigo.
Já me chegaram uns zumbidos
de que a Portela funcionará co-
mo aeroporto dos voos do-
mésticos. Não impede, claro,
a plantação do verde pino, des-
de que os Caravelles se resig-
nem a aterrar à sombra das
grandes árvores purificadoras
do ar e da vida.

Uma das intervenções mais
curiosas de Bárbara Lopes
consistiu no seu apelo para a
participação de maneira con-
creta na gestão da cidade por
parte dos seus habitantes.

Vamos a isso, doutora. Pela
minha parte, não me recuso a
participação. Por mim, assino.
Apoiado!

Claro que, por força das cir-
cunstâncias, certas transfor-
mações lá se vão processando.
Com estes dois que a terra
há-de comer (se a televisão os
não comer antes) vi eu, há
anos ser uma rapariga multada
porque lhe faltava no fato de
banho qualquer coisa, o cinto
de castidade ou coisa pareci-
da. Hoje, isto seria impensável.

Entre sacrificar a moral obsole-
ta e a divisa dolórica — está
mesmo à vista o caminho do
bom-senso.

Pensar em colectivo nos
grandes e nos pequenos pro-
blemas da nossa Pátria é uma
exigência cada vez maior do
nosso tempo, sob pena de se
cair no atoleiro funesto da pas-
sividade. E não há nada pior
para um país do que os juro
da passividade.

Consequências da passivida-
de a grande nível estão na qua-
se loucura com que avoluma-
mos acontecimentos gratuitos:
discutimos à brava uma cantigui-
nha de festival, sofremos
com os desastros do basquete-
bol no Barreiro, roemos as
unhas por causa do menisco
do Eusébio, avaliamos o palmi-
nho de cara da miss, rimos
com os desarranjos florais na
televisão, etc., etc.

Contra esta psicose de fuga
contra esta emigrância na nos-
sa própria terra, contra este
alheamento em que nós
próprios, e não apenas a
família, nos esboramos, se le-
vanta de quando o programa
«Há só uma Terra».

BOM APETITE

RESTAURANTE

SANCHO

Trav. da Glória, 8-16

Telef. 369780

LISBOA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO

Telef. 2960535

(Auto-Estrada para Sintra)

ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA

E
CABRITO NO FORNO

A PADEIRO

LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE E BAR

DO
HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA

(Contratos especiais em cas-
amentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

A CARRUAGEM

BAR * RESTAURANTE * SNACK

DÁ-NOS UM TOQUE DIFERENTE

ABERTO DAS 11 DA MANHÃ AS 2 DA MADRUGADA

AR CONDICIONADO

BADOS

RUA FILIPE FOLQUE, 49-A — TELF. 561457

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

30.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

com **JOSÉ VIANA**

no protagonista

EXCELENÇA
O VEDURA

com
DORA LEAL (revelação da
temporada 72-73), Henrique
Viana, Luís Santos, Manuela
Cassola, Maria Otília, Vitor
de Sousa, Luís Pinhão, Cán-
dido Mota, Carlos Rosa, Jo-
aquim Miranda, António Seme-
do, Ana Le Matre, Jorge
Nascimento e a colaboração de
MARIA PAULA

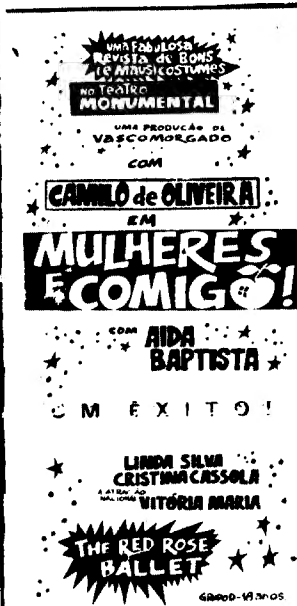
Terça e quarta-feira, às 21.45 ho-
ras; quintas, sextas e sábados,
2 sessões, às 20.45 e 23 horas;

domingos, às 16 e 21.45

HOJE

À NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h

TELEF. 55 51 33



domingos: «matinées» às 16 h
e 4.ª feira, descanso da C.

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

10.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com
FLORBELA QUEIROS

Sexo, nunca!
somos britânicos...

No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sou-
sa Costa, Norberto de Sousa,
Fernanda Franco, Mariano,
Fátima Miranda e, pela pri-
meira vez em comédia OCTÁ-
VIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos

3.ª e 5.ª: às 21.45 horas
6.ª FEIRAS, SÁBADOS E DO-
MINGOS — 2 sessões: AS 20.45
E 23 HORAS
Domingos: «matinées» às 16 h
e 4.ª feira, descanso da C.

AGORA
EM

3
SEMANA

NO

estúdio
444
GRUPO D - 18 ANOS



ENCONTRO com uma MULHER
(INCONTRO)
de 30 ANOS

FLORINDA BOLKAN * MASSIMO RANIERI

CASINO ESTORIL



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 12 AS 3 HORAS

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE A
MAIORES DE 21 ANOS

Noites de Noites de CARNIVAL



THE KOREAN KITTENS

AS FAMOSAS COREANAS
QUE CONQUISTARAM
AS AMÉRICAS

THE THURANOS

ORIGINAIS EQUILIBRISTAS

JULIO CESAR

IMITADOR E FANTASISTA

MIKE AND JO RICARD

COMEDIANTES DA ACROBACIA



THE JAN ARNTZ DANCERS

"From Holland With Love"

JIRINA'S COMBO **ORPHEU'S QUARTET**
"CAVALINHO 73"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

DELLA MONTEE SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1.0 H. Maiores de 21 anos

Amanhã — Baile de Abertura — traje de noite no Salão Restaurante e traje de passeio no Wonder-Bar.

Domingo e Segunda-Feira — Bailes Trapalhão (traje de fantasia no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Terça-Feira — Baile de Encerramento (traje de passeio no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Preços: Restaurante e Wonder-Bar, Sábado, Domingo e Terça-Feira, 200\$00 por pessoa, com direito a consumo de bebidas no valor de 100\$00. Segunda-Feira, 450\$00, com direito a uma garrafa de espumante para 4 pessoas no valor de 200\$00.

Taxas e impostos não incluídos.

Respeitem-se marcações até 24 horas antes de cada baile.

Domingo e Terça-Feira — «Matinées» dançantes.

Preço: 50\$00.

Todas as noites o «show» habitual no Salão-Restaurante às 23.30.

Les Chéries — Mike et Jo Ricard — Beatriz da Conceição — The Jan Arntz Dancers

No Wonder-Bar, à 1 hora, Della Montee, além das restantes atrações.

DL / ESPECTACULOS

SANTARENO REPRESENTADO NO BRASIL



«António Marinheiro», de Bernardo Santareno, com o subtítulo «O Edipo-Rei Entre os Pescadores», foi representada em S. Paulo por um grupo de amadores, «O Tacho», constituído, na sua maioria, por universitários. Como se pode verificar pelas gravuras, a encenação de Romano Domingues incidiu na tentativa de levantamento dos valores simbólicos da peça através da depuração de alguns dos seus elementos (especificamente,



o cenário e os figurinos). Alguns dos actores pisaram o palco pela primeira vez o que deve ter ajudado a transmitir ao espectáculo uma juventude e uma frescura que poderão ter contribuído para uma autêntica recriação do texto de Santareno. «António Marinheiro» foi interpretado em Portugal por Maria Lalande, Eunice Muñoz e João Perry numa encenação de Costa Ferreira localizada, de acordo com o texto, em Alfama.

Henryk Szeryng

Vai realizar-se no Teatro Municipal de São Luiz mais um concerto pela Orquestra Filarmónica de Lisboa, no próximo dia 4, às 16 horas, em que será solista o violinista Henryk Szeryng, considerado pela crítica internacional um «violinista primoroso e de técnica extraordinária».

Seis vezes Grande Prémio do Disco, Szeryng nasceu em Varsóvia estando naturalizado mexicano.

Com um repertório vastíssimo, Szeryng tem tocado com

Maestros como Solti, Ansermet, Klemperer, Von Karajan, etc.

O programa do Concerto compõe-se de uma Abertura de António da Silva do Concerto para violino e orquestra, de Tchaikowsky e do 3.º Concerto, de Paganini que Szeryng revelou ao Mundo, num extraordinário Concerto que a Eurovisão transmitiu, de Londres, há tempos.

A Orquestra Filarmónica será dirigida pelo seu Maestro Titular Manuel Ivo Cruz.

Novo conjunto brasileiro para o Carnaval de Lisboa

Neide, Robertinho, Yorio e Sérgio — da esquerda para a direita — com as suas violas, sem bongós e chocalhos, compõem o «Acauã», o mais recente conjunto brasileiro em Portugal. O seu repertório inclui os mais novos trabalhos da música popular brasileira (Milton Nascimento, Belchior, Novos Baianos) além de pesquisas de folclore, resultado de estudos es-

pecializados no Instituto Villa-Lobos, na Guanabara.

O «Acauã» cujo nome é o de uma ave nordestina que canta até durante a seca, assumiu, para as actuações de Carnaval, o cognome de «Aquele Abraço». Com esse nome se apresentam na noite de sábado numa «boite» de Lisboa, para animar o Carnaval e apresentar um «show» especial.



PRAÇA DE TOUROS DE SETÚBAL

SÁBADO, 3 DE MARÇO, ÀS 16,00 HORAS
M/6 anos



Passe o carnaval Taurino, mais divertido do Ano, vendo «ALEGRIAS DE ESPANHA» Cavaleiros e Forcados. PREÇOS POPULARES
No final haverá um toiro para curiosos

CARNAVAL INFANTIL

1973

EUROPA

NAS TARDES DE

SÁBADO (3), DOMINGO (4),
2.ª-FEIRA (5) E 3.ª-FEIRA (6)

FILMES DE WALT DISNEY

ATRAÇÕES/PALHAÇOS

PRÉMIOS — Ofertas da

★ PLÁTANO EDITORA ★ FAVORITA

★ VALENTIM DE CARVALHO

BRINDES A TODAS AS CRIANÇAS

5 HORAS DE PERMANENTE ALEGRIA

Bilhetes à venda

M/ 6 anos

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73

10.º CONCERTO

Domingo, 4 de Março, às 16 horas
Quinta-feira, 8 de Março, às 21,45 horas
ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
Maestro: **MANUEL IVO CRUZ**
Violino: **HENRY SZERYNG**

PROGRAMA

ABERTURA **ANTÓNIO DA SILVA**
3.º CONCERTO **PAGANINI**
CONCERTO **TCHAIKOWSKY**

TARDE — 6 ANOS

NOITE — 10 ANOS

AVISO — Devido à realização de um recital no Porto, o concerto previsto para o dia 7, às 21,45, realizar-se-á no dia 4 de Março, às 16 horas, podendo os senhores espectadores que já haviam adquirido bilhetes, trocá-los para o dia 4 ou para o dia 8.

A EUROPA ENCERROU OS MERCADOS DE CÂMBIOS

Enquanto os mercados de câmbios dos países do Mercado Comum do Japão e da Suécia se mantêm encerrados devido à grande especulação com o dólar, esta manhã, em Lisboa continuava-se a efectuar operações de compra e venda de moeda estrangeira tendo o Banco de Portugal fornecido as habituais tabelas de cotações. O dólar sofreu uma ligeira descida e as moedas europeias, de uma maneira geral, subiram.

Entretanto os cambistas pensam que haverá novidades durante a tarde admitindo-se a hipótese do mercado de câmbios de Lisboa também suspender as suas operações até que a situação internacional se esclareça.

Em Zurique pensa-se que não vai ser fácil encontrar solução para a crise. Para já, o Governo suíço põe de parte a hipótese de introdução do duplo mercado de câmbios. Pensa-se porém que se os outros países europeus decidirem uma flutuação conjunta das suas moedas em relação à americana, a Suíça aceitará. Por isso Berna e Zu-

rique seguem atentamente a visita de Edward Heath a Bonn.

Efectivamente o chanceler Willy Brandt que ontem à noite ordenou o encerramento do mercado de câmbios de Frankfurt, fez a seguinte declaração depois de uma sessão de trabalho com Edward Heath: «Julgar-nos-ão em função da capacidade com que reagirmos juntos aos problemas críticos apresentados pelo sistema monetário internacional. Se falharmos, não nos dará crédito para o resto». O chanceler salientou o facto de não confiar a comunidade a uma «Europa de negócios», transformando-a sim numa «união social». Insistiu em que a C.E.E. precisa de delinear as trajectórias da sua política externa. Edward Heath, respondendo, notou que a recente crise monetária pôs em relevo alguns dos obstáculos que se opõem à efectivação do programa fixado pela cimeira a 9 de Outubro de 72. «Mostrou sobretudo a necessidade de uma reforma monetária internacional e de uma acção neste sentido sobre uma base comunitária».

REUNIÃO SINDICAL SOBRE A CAIXA DE PREVIDÊNCIA DA C.U.F.

Representantes dos numerosos sindicatos que têm associados inscritos na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia União Fabril e Empresas Associações reúnem-se esta noite na sede do Sindicato Nacio-

nal dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa para deliberar sobre quais os organismos sindicais que não-de designar os vogais representativos dos beneficiários na direcção da Caixa para o triénio 1973-75.

Aumentados os subsídios de viagem para servidores do Estado

Foi publicado, em suplemento ao Diário do Governo, o Decreto-Lei que aumenta os vencimentos dos servidores do Estado em 15 por cento, com o mínimo de 500\$00, o que envolve para o Orçamento um acréscimo de encargos anuais de cerca de 16 000 000 contos.

Segundo aquele diploma, não se considera servidor do Estado, o pessoal que presta serviço de ocasião, sendo para o efeito recrutado sem qualquer expectativa de continuidade.

Também não recebem aumento, o pessoal assalariado eventual com remunerações fixadas de harmonia com os salários correntes na região, as praças que prestam serviço militar obrigatório e os alunos das escolas militares.

Dependerá da publicação de diploma especial, a atribuição

do aumento ao pessoal civil e militar das províncias ultramarinas.

Também, segundo o Decreto-Lei n.º 77/73 de 1 de Março, foi feito novo ajustamento dos quantitativos dos subsídios de viagem e de marcha, cuja última actualização datava de 1942.

Segundo se determina na Portaria n.º 153/73, cada funcionário recebe 2\$60 por quilómetro em percursos a pé, 3\$30 por km em automóvel de aluguer.

As ajudas de custo sofreram alteração pela Portaria n.º 152/73 passando os servidores do Estado, nas categorias A e B, a receber 300\$00 (1.º grupo) ou 260\$00 (2.º grupo); da C à F 230\$00 ou 210\$00; da G à M, 190\$00 ou 160\$00, da N à T 160\$00 ou 150\$00 e todas as outras 130\$00 ou 120\$00.

Carreiras da Transul

Ontem e hoje, alguns empregados da TRANSUL (a empresa que faz a maioria dos transportes colectivos da outra margem, entre Cacilhas e os diversos aglomerados populacionais) não compareceram ao serviço, motivo porque não foram asseguradas as carreiras em número suficiente para o transporte dos passageiros, nomeadamente nas horas de ponta. Tratava-se de fazerem, como é usual, horas extraordinárias.

Segundo um informador da empresa, não foram feitas até agora, quaisquer reivindicações por parte dos trabalhadores, a não ser algumas lamentações «relacionadas com o custo de vida que tem subido muito durante os últimos tempos».

Por agora não há nada de concreto. Mas tanto o Sindicato como o INTP, já estão ao corrente do caso. Temos uma entrevista marcada com os dirigentes sindicais para tentar resolver o problema. Nada mais podemos dizer antes destes contactos... Entretanto, a situação mantém-se. Os passageiros que vão saindo dos cacilheiros não vêm, de modo algum, satisfeitos a sua necessidade de transporte, já que de facto a maioria das carreiras eram feitas por funcionários em cumprimento de horas extraordinárias.



Direitos de Autor Projecto para um novo código

O Código do Direito de Autor é o objecto de um Projecto de Decreto-Lei apresentado pelo Governo à Câmara Corporativa, e que visa eliminar alguns graves inconvenientes do Decreto de 1966, actualmente vigente, «nomeadamente a perpetuidade da protecção atribuída ao direito de autor». Segundo se afirma no preâmbulo do presente Projecto, aquele Decreto «foi publicado precipitadamente» e «a breve trecho, verificou-se que as imperfeições do novo Código o tornavam um entrave à política cultural do Governo». Justificando a urgência da reforma no que respeita à regulamentação do Direito de Autor, diz-se, ainda: «a situação actual é caótica. No que respeita às regras sobre a realização e os efeitos do registo, não se sabe quais estão efectivamente em vigor. No que respeita às taxas cobradas, vive-se em regime de inconstitucionalidade».

Ao fazer a definição de obra literária, procura o presente Código fixar os factos que são objectos de registo, introduzindo o registo do nome literário ou artístico e dos títulos de obras ainda não publicadas; regular o registo provisório; determinar os efeitos do registo e esclarecer quais as disposições subsidiariamente aplicáveis. No que respeita aos efeitos do registo prevê-se na legislação vigente a admissibilidade de uma aquisição do direito de autor, mediante o registo, em detrimento do titular verdadeiro. Neste Projecto pensa-se que o exercício efectivo de poderes representa a normalidade da vida, não se admitindo, portanto, «que o titular verdadeiro, seja

sacrificado seja qual for a situação do registo». Também se cria com este diploma uma Conservatória do Registo do Direito de Autor, dependente da Direcção-Geral dos Registos e do Notariado do Ministério da Justiça.

O REGIME INTERNACIONAL

Mereceu «uma atenção cuidada» o direito de autor no campo internacional, tendo em conta que o nosso País é grandemente importador e escassamente exportador, motivo por que não poderá aceitar esquemas de protecção internacional que o constituam numa dependência cultural.

Ao abrigo do que é permitido pela Convenção de Berna, e à semelhança do que já é praticado em muitos países, projecta-se agora introduzir entre nós, ainda que em termos comedidos, a licença obrigatória de gravação. Assim, se o autor autorizou já a gravação, qualquer pessoa a pode realizar de novo, embora sem prejuízo de uma remuneração ao autor. «Esclarece-se, também, que toda a faculdade de utilização de uma obra sem autorização do autor implica a faculdade de a traduzir».

OUTRAS INOVAÇÕES

«Deixa de se exigir que toda a restrição desfavorável ao autor tenha de ser expressa, quando as restrições desfavoráveis a outros podiam ser implícitas; os crimes de usurpação e contra-facção deixam de ser crimes públicos e passam a ser crimes quase públicos, seguindo a evolução geral que, no direito por-

tuguês, se tem desenrolado neste sector; elimina-se a anomalia constante de o autor poder recorrer não só a entidades judiciais, mas também às administrativas, para fazer cessar a exibição da sua obra — e isto quando a licença policial para a representação da obra é, e continuará a ser, dependente do consentimento do autor para essa representação; revê-se todo o sistema de providências cautelares, que se integram agora no regime comum, e fazem-se correcções semelhantes ao longo do texto».

Propõe-se ainda a redução para quinze anos do prazo estabelecido para a queda do domínio público das obras que haviam estado sujeitas ao regime de perpetuidade, o qual havia sido abolido pelo Código de 1966, mas aí fixado em vinte e cinco anos. Quanto ao «título de jornais ou quaisquer outras publicações periódicas é protegido enquanto estas se publicarem regular e seguidamente. O mesmo título não poderá ser utilizado em publicação con-

gênera:

a) Durante um ano, após a cessação definitiva da publicação, de qualquer modo anunciada, ou após a extinção do direito à publicação periódica;

b) Durante três anos, após a interrupção da publicação».

São abrangidos pela regulamentação expressa no Código de Direito de Autores os livros, folhetos e outros escritos; conferências, alucções, etc.; obras dramáticas; composições musicais; obras cinematográficas; obras de desenho, pintura, arquitectura, escultura, gravura e litografia, etc.

SESSÕES ÀS 15,30 - 18,30 E 21,45. NOS DIAS 3, 4, 5 E 6

ROMA
GRUPO D - 18 ANOS
TECHNICOLOR

ESTREIA ÀS 21,45

uma história divertida e bulhosa,
inteiramente devotada ao amor e à beleza feminina

FRANKIE HOWER
JULIE EGE
PATRICK CARGILL

OS ALEGRES DIAS DE

POMPEIA



UMA COMÉDIA ALUCINANTE!

CINEMA
CASTIL

GRUPO B - 10 ANOS

5ª
SEMANA

BARBRA STREISAND

RYAN O'NEAL

Que se Passa Doutor?

Uma produção
PETER BOSCHANOVICH



Dist. por

COLUMBIA
& WARNER

W

TECHNICOLOR
Panavision

DI/ESPECTACULOS

NA CASA DA COMÉDIA

A história de uma piranha

«Oh papá, pobre papá, a mãe pendurou-te no armário e eu estou tão triste...», de Arthur Kopit. Tradução: João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenário e figurinos: Artur Casais. Cenografia e montagem: Hernâni e Rui Martins. Realização de plantas e piranha: Inês Guerreiro. Sonoplastia: Carlos Manuel. Assistência de palco: Maria Joana. Luz: António Mileu. Som: António Pedro. Guarda-roupa: Casa da Comédia, executado por Afonso Patrício e Elisa Alves. Casa da Comédia. 28/2/73.

Arthur L. Kopit — dramaturgo norte-americano da geração de 60 (com Jack Gelber, Jack Richardson, Kenneth Brown, Sam Shepard, etc.) estreou este «Oh Papá...» em 1960 num espectáculo montado por um grupo de alunos da Universidade de Massachusetts. Em 1962, a peça teve a sua estreia «profissional» num teatro da Broadway. Estreou posteriormente outras peças, algumas de títulos tão estranhos como esta, e de que «Índios» é, talvez, a mais interessante.

A um hotel de S. José de Porto Rico, símbolo do imperialismo yankee, chega uma viúva norte-americana, Madame Pétala de Rosa, acompanhada pelo filho (homem-menino-atrasado-mental-e-tudo-o-mais) que puxa por uma trela. Fazem parte da sua bagagem alguns objectos bastante insólitos: um caixão, em que transporta o

defunto marido que será pendurado no guarda-vestidos numa espécie de cabide-cruz; uma piranha; duas plantas carnívoras; além das fabulosas colecções de selos, moedas e livros que oferece ao fi-

passar ao longe, não por ser um símbolo de liberdade, mas pela possibilidade de viajar no seu interior (na sua barriga). Porque é essa a situação psíquica de Jonas: feto que se transformou em criança no

Wayne à frente. Devo dizer que no que se refere a estes materiais da encenação, só os «slides» me levantaram dúvidas por sublinharem de forma excessivamente esquemática o que na peça e no espectáculo é mais subtil, mais elaborado.

Jonas alcançará a liberdade. Ouvindo a mãe narrar as suas aventuras ao comodoro (personagem menos conseguida por parecer integrada na peça com a finalidade de ouvir a confissão da viúva), Jonas sabe que ela matou o pai — é pois, através da morte que se fará a sua libertação. Começa por destruir as plantas (que era obrigado a alimentar, o que constitui também uma referência psicanalítica) e a piranha, que se alimenta de gatos, preferentemente siameses, as quais simbolizam na sua luxúria e na sua avidez, os apetites da viúva, a sua vocação possessiva, a monstruosidade do seu Poder; depois, incitado por Rosália, a jovem que se prepara para substituir a mãe na posse de Jonas (1), penetra no «lugar sagrado», o próprio quarto da viúva. Entre o desejo de Rosália e o cadáver do pai que sobre ambos tomba, agarrando-se ainda a Jonas: entre as colecções que o alienam e o medo da mãe — Jonas cumpre a sua libertação, destruindo simultaneamente Rosália e as

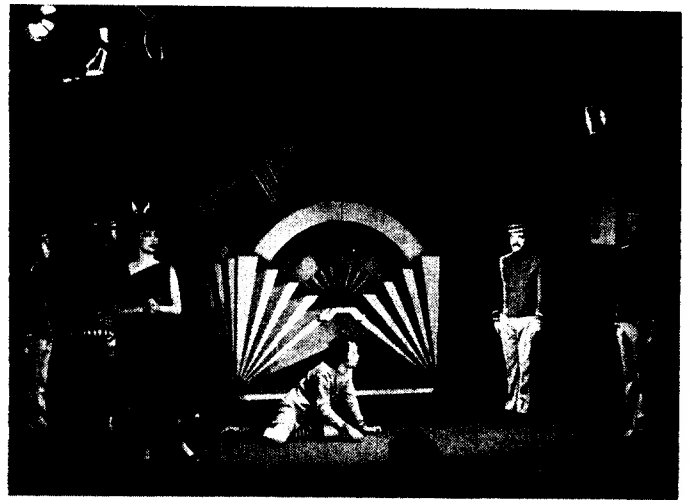
Crítica de teatro CARLOS PORTO

lho. A viúva, bastante alegre, embora vista rigorosamente de luto e mande colocar cortinas negras nas janelas, tem duas irreprimíveis ambições: manter o filho enjaulado para que o mundo não o apanhe (o sol cresta; os pássaros sujam; há as outras mulheres) e agarrar outro marido rico. Pode ser o comodoro que entra no porto a bordo do seu fantástico iate (uma das especialidades da senhora é medir lates!). O comodoro, multimilionário que atrai moedas ao oceano para que os nativos as apanhem, sofre de asma e cansa-se a dançar a valsa, acabará por se raspar, temeroso dos belos da viúva que parece querer engoli-lo como uma sanguessuga.

Uma jovem — mais ou menos condescendente (ou ambiciosa) — que Jonas ama através do telescópio, acabará por ajudá-lo a libertar-se. Jonas, a quem a mãe chama Alberto ou Eduardo, alimenta um enorme ideal: voar no avião que vê

ventre da mãe; criança que se transformou em adulto no interior do prolongamento circular desse ventre, círculo de posse, de domínio, de ameaça, ou seja, ser coisificado e, por isso, extremamente introvertido, fechado na sua própria debilidade, incapaz de se ligar ao mundo.

Na inteligente e criadora encenação de João Lourenço (estreia que consagra um encenador) os significantes históricos são evidentes: o «machado de guerra» que os índios desenterraram há algum tempo, será o instrumento da libertação de Jonas (não esqueçamos que Kopit escreveu uma peça a respeito da situação colonizada dos índios); a composição da viúva (imagem da Estátua da Liberdade); a música (numa cena em que os «grooms», cercam Jonas ouve-se o «hino-sulista»); os «slides» que nos mostram algumas imagens da civilização americana, com John



Uma cena da peça

colecções, a memória do pai e o medo da mãe.

Agora já tudo é possível: até viajar de avião. Enfia a mãe, com tudo o que representa, no quarto-túmulo-ventre, e parte.

O que aqui se conta muito a sério é dado no texto de Kopit e no espectáculo da Casa da Comédia em forma de farsa (2) com um toque de Ionesco, uma gota de Durrenmatt, um pouco de Tennessee Williams, e Freud em contraponto. Foi pelo riso que Kopit tentou desencadear esta «guerra de libertação»; é pelo riso que ela se torna teatro.

Embora por vezes um pouco presa, também por culpa de um texto que se compraz com os seus próprios achados, a encenação de João Lourenço é uma proposta de leitura inteligente e certeira. Sem conseguir ir até às últimas consequências de crueldade e de humor negro que o texto possibilitaria mas que em Portugal não são possíveis, pelo facto dos nossos actores não estarem tecnicamente preparados para o fazer, João Lourenço criou um espectáculo cujo humor não só não anula como acentua a carga significativa do texto, revelando além disso, excelente capacidade na direcção de actores.

Há discrepâncias na encenação que me parecem superiores: a diversidade plástica

de alguns acessórios, por exemplo. Enquanto as garrafas e os copos surgem estilizados, o martelo não o é; o caixão não foi reinventado como podia ter sido. O óptimo cenário de Artur Casais — um leque que esconde o quarto onde há uma cama e o armário (também estes elementos mereciam outro tratamento plástico) é prejudicado por outros elementos pouco imaginativos e significantes: o caso das cadeiras e da mesa na cena do baile.

Em compensação, o encenador e o cenógrafo conseguiram excelentes soluções superiores às encontradas no espectáculo espanhol.

Nenhuma surpresa em relação ao trabalho de Fernanda Alves. Trata-se de uma das nossas atrizes mais capazes e intencionais, senhora de uma voz e de um saber trabalhá-la que lhe permite passagens rapidíssimas de um registo a outro, passagens que podem ser igualmente nuances de acordo com cada situação. A cena em que faz a sua confissão ao comodoro é um prodígio de intenção e de inteligência: com um excelente fundo musical, ficará como um dos grandes momentos do teatro que se está a fazer em Portugal. Jorge Vale, num papel de caracterização relativamente fácil traduziu muito bem as gradações da personagem que do atraso mental se vai transformando num ser em trânsito para um processo de consciencialização. Vivendo fisicamente e animicamente a sua personagem, Jorge Vale tornou-a coerente e densa, como o texto pedia. Seria possível transformá-la, artificializá-la mas assim perder-se-ia o contraste com a mãe, essa sim, uma personalidade artificial, teatral.

Outro actor em que vale a pena reparar é Vasconcelos Viana (chefe dos «grooms») cuja mobilidade e cujos registos ajudam a construir o absurdo da situação. É muito bem acompanhado pelos outros «grooms» e em especial por Carlos Botelho (creio). Luís Cerqueira com uma cena cheia de comicidade corresponde ao que o papel pedia embora sem levar tão longe como seria para desejar o que nessa cena há de cruel. Ângela Ribeiro faz uma cena de sedução com muita força, esbatendo os defeitos de uma voz demasiadamente marcada pelo teatro ligeiro.

Margarida Carpinteiro (uma piranha demasiado figurativa), Madalena Sá Pessoa, Maria João (as plantas), Manuel Tabor, pianista, Carlos Vieira de Almeida, Osório Ferreira, Luís Óscar ajudam a dar verdadeira homogeneidade a uma equipa que construiu um espectáculo vivo que é necessário ver.

(1) No espectáculo do T. E. I. que vem Madrid (v. D. L. 26.2.72) era mais sublinhada essa tendência possessiva da personagem.

(2) O autor chama à peça «uma farsa trágica pseudo-clássica numa tradição francesa bastarda».

CARNAVAL NO MAR PORTO DAS BARCAS

NO RESTAURANTE DA ESTALAGEM S. JOSÉ
(DE JOSÉ FILIPE)

com música para dançar e variedades com os artistas da Rádio e Televisão
CARLOS AREIAS e os seus electrónicos e **MARIA DILAR** vencedora da melhor interpretação do Festival da Figueira da Foz e **MANUELA** uma voz portuguesa

E M E N T A S

SÁBADO	DOMINGO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA
Sopa de lagosta Camarão suado Febras de porco à S. José	Sopa de lagosta Camarão suado Cabrito à S. José	Sopa de lagosta Camarão suado Pão c/ chouriço caseiro Febras de porco à S. José	Sopa de lagosta Lagosta suada Febras de porco à S. José
Preço p/ pessoa 150\$00	Preço p/ pessoa 150\$00	Preço p/ pessoa 160\$00	Preço p/ pessoa 180\$00
Taxas—10% + 3,1%	Taxas—10% + 3,1%	Taxas—10% + 3,1%	Taxas—10% + 3,1%

MARCAÇÕES PELO TELEFONE — 0011 - 42095 — LOURINHÃ

NOVO PROCESSO DE PINTURA

IMITAÇÃO DE PAPEL DECORATIVO

A STARKING casa altamente especializada em pinturas, desenha com rapidez (8 horas andar completo grande ou pequeno) motivos em cores ao gosto do cliente com o máximo de asseio, não sujando cortinas ou alcatifas e 100% lavável ao preço de 450\$00 por divisão.

Entre em contacto connosco ou visite a exposição de vários painéis pintados na Calçada do Tojal Lote 1, loja, a Benfica, com o telefone 749101.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Rodrigues de Sousa. Rua Cândido dos Reis, 25 — ALVITO



Rua Ferreira Lapa, 38-D
Telef. 534466 — Lisboa

HOJE

As 18 horas: inauguração oficial para convidados
As 22.30 horas: Para o público até às 5 horas

A BOITE AO MAIS ALTO NÍVEL

M/ 17 anos

CASA

COMPRA-SE OU ALUGA-SE

MORADIA OU PEQUENO PRÉDIO ANTIGOS DENTRO DE LISBOA C/ JARDIM OU VISTA SOBRE O RIO, PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA.

Dá-se preferência a zona antiga s/ reconstrução.

Resposta a este jornal ao n.º 777.

CARNAVAL COM ESCOLA DE SAMBA BRASILEIRA NO PAVILHÃO DE CASCAIS

DIAS 3-4-5-6 DE MARÇO

PATROCÍNIO J. PIMENTA

ESTUDANTES
SENHORAS
SÓCIOS

50\$00

HOMENS

70\$00

Mesas 4 pessoas
(com entrada)

400\$00

BILHETEIRAS

LISBOA: A.B.E.P., Restauradores; Apolo-70; Valentim de Carvalho; Boutique Tomsky; Cantina Universitária.
ESTORIL: Junta de Turismo.
CASCAIS: Restaurante O. K.; Pavilhão Jornal A Nossa Terra.

SORTEIO DE 2 VIAGENS AO BRASIL
PELA VARIG

prontos-a-vestir...

A vestir com a nova e sensacional colecção do pronto-a-vestir do Pão de Açúcar.

Para eles, é claro, e para si, para o seu marido, para toda a família, está no Pão de Açúcar a colecção de modelos de pronto-a-vestir para a Primavera-Verão 1973. São modernos, são elegantes, são sensacionais!

Vestidos, saias, calças, camisolas, para homem, senhora e criança.

A partir de 1 de Março.

No Pão de Açúcar.

E a preços verdadeiramente fora de série!



Pão de Açúcar

Lisboa (8 lojas) • Porto • Setúbal
Barreiro • Almada • Oeiras

DL/NACIONAL

CRÉDITOS PARA FOMENTO NO ULTRAMAR

Por decreto dos Ministérios das Finanças e do Ultramar, publicado na folha oficial de hoje, foi fixado em 300 mil contos a importância das obrigações a emitir no ano de 1973, pelo governador-geral de Moçambique, relativamente a um empréstimo até ao total nominal de 1 200 000 contos, denominado «Obrigações de fomento ultramarino, 6 por cento, 1969, III Plano de Fomento 1968-1973». Esta verba destina-se a financiar empreendimentos económicos incluídos no Plano de Fomento daquele Estado.

Outro decreto do Ministério do ultramar, também publicado no «Diário do Governo» de hoje, eleva para 1 200 000 contos a importância total nominal do empréstimo de um milhão de contos, contraído pelo Governo-Geral de Moçambique e autorizado pelo Decreto-Lei n.º 49 414, de 24 de Novembro de 1969. Este em-

préstimo, cujas obrigações já se encontram quase todas subscritas, integra-se igualmente no referido Plano de Fomento.

A Direcção Provincial dos Serviços de Finanças de Moçambique foi também autorizada a emitir a obrigação geral correspondente à 10.ª e 11.ª séries do empréstimo interno amortizável denominado «Obrigações de fomento ultramarino, 6 por cento, 1969, III Plano de Fomento para 1968-1973, na importância de 200 000 contos.

As obrigações deste empréstimo, no valor nominal de 1 000 000, vencem o juro de 6 por cento ao ano, pagável semestralmente, a partir de 15 de Julho próximo. Estas obrigações, que gozam do aval do Estado podem ser adquiridas pelos residentes em qualquer outro território nacional e são transmissíveis por todos os modos admitidos em direito.

A GUERRA ÀS DROGAS

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

Com 66 deputados presentes, a Assembleia Nacional ouviu ontem, na ordem do dia, a justificação do aviso prévio sobre a toxicomania, apresentada pelo dr. Delfino Ribeiro, representante do círculo de Macau.

Num longo discurso de 45 páginas dactilografadas, o orador historiou a existência dos estupefacientes, desde tempos recuados, o modo como, ao longo dos séculos, os homens os foram utilizando e com que fins, a maneira como são cultivados, fabricados e comercializados, os lucros que permitem, os perigos que representam para a saúde dos indivíduos e para a sociedade. O deputado limitou-se, de facto, a uma análise circunscrita aos efeitos, não entrando nas causas possíveis. Visando, essencialmente, a organização da repressão no país ao cultivo, comércio e consumo da droga, Delfino Ribeiro sugeriu, mesmo, que os denunciantes tivessem direito a uma percentagem em relação ao montante das multas aplicadas aos transgressores.

Em conclusão das suas considerações, o deputado propôs que se crie uma comissão, constituída por elementos de instituições e departamentos ligados ao assunto, a qual deve ser responsabilizada da garantia de que a publicidade dos riscos do consumo ilícito das drogas obedeça a um critério uniforme; melhor estruturação e apetrechamento da Polícia Judiciária, para a repressão a exercer; medidas legislativas mais completas e uma política

clara de recuperação; encaminhamento de todos os toxicómanos e suspeitos, incluindo os detidos, para os centros de tratamento e reabilitação.

A ESCOLA NOS AÇORES

Unico orador antes da ordem do dia, o deputado Mota Amaral sublinhou a importância do trabalho que o Governo tem feito, nos últimos tempos, no campo da educação. Salientou igualmente os projectos, nomeadamente o da Reforma do Ensino, Decisão para o futuro de Portugal como pátria de homens livres e com um papel a desempenhar no mundo, como afirmou.

Tratando, depois, de problemas dos Açores, acentuou que nas ilhas de S. Miguel e Santa Maria existe a maior percentagem de população jovem da Metrópole, embora as estatísticas não sejam muito actualizadas — são de 1960, as últimas consultáveis. De qualquer modo, a escolarização obrigatória foi garantida quase integralmente, mesmo à custa de outros atrasos. «Arruinamo-nos para instruir as gerações mais novas e estamos convencidos de ter feito bem» — afirmou. «Resta-nos a queixa de só tardiamente ter o Governo mostrado entender o que se passava, tomando sobre si, como se impunha, o pagamento dos

vencimentos do professorado do ensino básico e dando assim à Junta Geral a possibilidade de prosseguir, em termos normais, a realização dos interesses administrativos nesta descentralizada». O orador recordou, depois, que para levar por diante a escolarização de oito anos é necessário preparar o professorado, assegurando-lhe cursos de reciclagem, instituição do Ciclo Preparatório, melhores condições sociais. E apelou para que não tarde a criação da Escola Normal Superior de Ponta Delgada e o prometido Instituto Politécnico do Arquipélago, instrumento fundamental para a fixação dos jovens e para o desenvolvimento da economia local, sobretudo da agropecuária.

A ACÇÃO DO «EXAME PRÉVIO»

Antes do início dos trabalhos, foi lido um ofício assinado pelo secretário de Estado de Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista, do seguinte teor:

«No plenário da Assembleia foi afirmado recentemente que as Comissões de Exame Prévio cortaram algumas passagens da intervenção do Deputado prof. Miller Guerra em 15 de Janeiro p.p., pelo que os jornais não puderam publicá-la

na íntegra.

Tendo mandado proceder a averiguações, foram-me hoje transmitidos os seus resultados, quanto aos diários publicados em Lisboa.

Concluiu-se que os jornais «Diário de Notícias», «Século», «Época», «Novidades», «Jornal do Comércio», «Diário Popular», «Capital» e «República», não houve qualquer corte. No jornal «Diário de Lisboa» houve intervenções, mas apenas em considerações marginais da redacção.

Não deixarei de informar V. Ex.ª do resultado das restantes diligências em curso, mas, dado o que se conclui das que já foram feitas, solicito me seja comunicado qual o jornal ou jornais a que o deputado interveniente pretendia referir-se ao afirmar a existência de cortes.

A intervenção do prof. Miller Guerra, em causa, tratou da situação da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Os trabalhos da Assembleia prosseguem hoje, tendo na ordem do dia a generalização, requerida pelo dr. Agostinho Cardoso do debate do aviso prévio.

Boite "A Pantera"

Com a presença de inúmeros convidados, entre os quais os representantes dos órgãos de informação, abriu ontem ao público a «boite» «A Pantera» (na Rua Ferreira Lapa 38, B), dirigida por Rui Castelar.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O "WESTERN" MAIS DIVERTIDO DO ANO!



1.º Prémio do Festival de San Sebastian

KAREL FIALA · OLGA SCHOBROVA · KVETA FIALOVA
RUDOLF DEYL Realização de Oldrich Lipsky

VENHA RIR!

HOJE, CONDES ESTREIA

COLORIDO · SCOPE GRUPO C-14 ANOS

O pintor Chileno ALTAMIRANO

Dado o grande interesse que tem despertado a exposição de Arturo Pacheco Altamirano, os seus trabalhos ainda continuarão no Palácio Foz até ao próximo Domingo.

A partir do dia 8 do corrente alguns dos seus quadros serão apresentados na cidade do Porto, no salão de Exposições do «Primeiro de Janeiro».

PASCOA EM LONDRES

Partidas acompanhadas:
ABRIL 10, 11, 14, 15, 18, 19 e 20
(Estadios de 5-6-7 e 9 dias)

PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS DESDE

2750\$

INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELARIAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1940

LISBOA - Av. Liberdade, 160
Telef. 230021 (15 linhas)
PORTO - Av. dos Aliados, 207
Telef. 37941 (15 linhas)
COIMBRA - Rua da Boia, 2
Telef. 27001/27005

estúdio

2.ª SEMANA

obra completa de JEAN VIGO

O RIMBAUD DO CINEMA,
POR UMA OBRA
DEMASIADAMENTE BREVE,
CHEIA DE CÓLERA E DE AMOR,
DE LIRISMO E DE VERDADE.
GEORGES SADOUL



GRUPO D/18 ANOS

ATALANTE

(L'ATALANTE)

ZERO EM COMPORTAMENTO

(ZÉRO DE CONDUITE)

EM COMPLEMENTO:

A PROPOSITO DE NICE (A PROPOS DE NICE)

TARIS

animatôgrafa

PARIS EM VÉSPERAS DE ELEIÇÕES-2

GEORGES MARCHAIS FALA AO "DL"

A impressão que recolhi em Paris, de múltiplos contactos com investigadores, escritores, intelectuais, comerciantes, operários, é a de que a França está vivendo uma crise (crise pode ser uma forma de crescimento, de libertação), da qual sairá inevitavelmente modificada após as eleições de Março, seja qual for o seu resultado, seja ou não possível desde logo à Frente Unida das Esquerdas formar Governo e cumprir o programa da União Popular.

Junto do Secretariado de Mitterand, em conversas com adeptos dos Reformadores, almoçando informalmente com os gauchistes ou escutando Georges Marchais, que consegui entrevistar e com quem discuti não só o problema (no presente e no futuro) dos emigrantes portugueses em França, como diversos pontos do Programa Comum, fiquei consciente de que a França, desta vez, quer mesmo mudar, embora no pequeno-burguês subsista, como travão, o receio do desconhecido.

Quanto à questão da expansão económica, apesar da taxa de crescimento da economia francesa ser de 6 por cento, os líderes do Programa Comum desejam elevá-la para 8 por cento e basta um exame objectivo e até desapaixonado da situação actual para nos certificarmos de que isso é possível. François Mitterand e Georges Marchais (isto é, o Governo da União Popular) aumentariam verosimilmente (na hipótese da vitória das esquerdas) os meios de produção, colocando-os na ordem dos 80 a 100 por cento de aproveitamento. Não esqueçamos que em França há regiões ainda muito subdesenvolvidas como a Bretanha, outras em situação económica difícil como a Lorraine ou o Nord. Em cada cinco fábricas uma não trabalha.

A direita faz muito barulho com a não rentabilidade das futuras nacionalizações, quando afinal estas afectariam empresas cujos produtos respeitam ao sector público e é evidente que a supressão da mais valia, alcançada por uma administração competente — os quadros não seriam alterados — só viria a traduzir-se numa expansão económica e numa melhoria da vida.

Mitterand tem explicado a todos os franceses que o ouvem como na verdade os monopólios acumulam e sobreacumulam parte dos investimentos necessários ao desenvolvimento de uma produção orientada para a satisfação das necessidades sociais? «Não, é utilizado unicamente para reforçar ainda o lucro monopolista. Longe de ser indispensável, sequer útil ao desenvolvimento dos recursos da nação, o grande capital desvia uma enorme porção desses recursos e congela outra parte. Metade dos capitais acumulados não é utilizado para fins produtivos para o País, há massas de capitais disponíveis que nadam nas águas turvas da especulação, colossais

despesas parasitárias são consentidas, capacidades potenciais, quer materiais quer humanas, são literalmente esterilizadas».

E por isso que a Esquerda Unida se propõe realizar progressivamente a transferência para a colectividade dos meios de produção mais importantes e dos instrumentos financeiros actualmente nas mãos dos grupos capitalistas dominantes.

culto. Somos pelo direito de opinião e de expressão. Somos pela independência da justiça. Somos pela liberdade sindical, pelo direito de organização, de manifestação, de reunião. Somos por tudo isso porque, a nosso ver, não pode haver soberania do povo sem liberdade. E não venham dizer-me que isto é uma posição táctica, eleitoral, a poucos dias das eleições».

Sobre o desenvolvimento deste último ponto ouvi Georges Marchais afirmar que, em seu entender, não há actualmente liberdade de desenvolvimento da cultura em França. Acaso os trabalhadores, com as suas longas horas, largas semanas de trabalho, com todo

já praticamente conquistado. Só não especificou se acreditava que ele se produzisse logo depois das eleições ou no seguimento da luta que a coligação tripartidária (socialistas, comunistas e radicais) travará, como maioria, no futuro parlamento, para ascender à governação e impor o seu programa comum de União Popular.

Georges Marchais, qual será a política da Esquerda Unida em relação aos emigrantes económicos portugueses?

O secretário do P.C.F. fala clara e resolutamente:

— Vamos por partes. Em primeiro lugar, será estabelecido o número de trabalhadores de que o País necessita (ou quem o concerne os que já cá se encontram fixados). Em segundo lugar, pôr-se-á termo à exploração de que esses trabalhadores são objecto. Finalmente, ser-lhe-á concedida rigorosa igualdade de salários em relação ao operário francês e beneficiarão de todos os direitos sociais, desde a sindicalização à assistência, à instrução. É esta a política da União Popular.

— E quanto ao direito de voto?

— Pois é firme tenção do P.C.F. outorgar os direitos políticos a todos os tra-



Georges Marchais durante um colóquio

bahadores estrangeiros residentes em França.

Sobre um assunto que domina a mente de interesse, o da educação, do acesso ao saber e à profissão (em França há 800 000 desempregados desajustados) Georges Marchais encara a nacionalização de escolas privadas que servem os interesses do patronato e custam muito dinheiro aos pais dos estudantes. Prevê a revalorização geral do Ensino Técnico, hoje ainda tido como parente pobre, ramo desfavorecido da formação profissional. A educação permanente será garantida aos trabalhadores e a toda e qualquer pessoa desejosa de adquirir uma qualificação profissional. Do

Programa Comum — diz rá uma legislação que assegure inclusivamente às classes trabalhadoras «a remuneração do tempo de estudos para essa educação permanente», a manutenção do emprego, a consequente elevação de nível profissional. E tudo isso será ajudado pelo Governo, embora a responsabilidade da iniciativa caiba aos sindicatos, associações, colectividades territoriais, organismos cuja independência e originalidade serão sempre respeitadas.

A sala do meeting estava cheia. No palco, em vez da mesa-púlpito tradicional, Marchais, Cathala, os dois

Continua na pag. 14

Do nosso enviado especial URBANO TAVARES RODRIGUES

Da boca de Georges Marchais ouvi que a União Popular aumentaria o número de trabalhadores em um milhão e quinhentos mil, acabando assim com o desemprego e resolvendo o problema da promoção das mulheres e do acesso dos jovens à profissão. Mas, sem antecipar, quero aqui desde já referir algumas das frases, que em toda a França tiveram um efeito tónico, do diálogo travado na TV entre o escritor liberal Max-Pol Fouchet e o secretário-geral do P.C.F., diálogo esse que deixou bem clara a posição de Georges Marchais no espírito ceavam pudesse a democracia avançada vir a atentar contra a liberdade de expressão do pensamento.

Max-Pol Fouchet — São conhecidas as suas simpatias pelas democracias populares do Leste onde a liberdade do escritor, por exemplo, está longe de ser sempre respeitada. Basta pensar no caso do escritor russo Soljenitsyne: não pôde ir a Estocolmo receber o prémio Nobel e já não se publicam os seus livros na U.R.S.S. Então que me diz?

Georges Marchais — Max-Pol Fouchet, vou responder sem qualquer ambiguidade à sua pergunta. Nós, os comunistas franceses, somos a favor de que os escritores e, de modo geral, todos os criadores, qualquer que seja a disciplina a que pertençam, disponham do direito absoluto de publicar as suas obras. Opomo-nos decididamente à censura. Por outras palavras: com os comunistas amanhã no Governo, Soljenitsyne poderia publicar aqui os seus livros desde que esta ou aquela editora assim o decidisse. Mas a sua pergunta vai mais longe. Trata-se de saber qual será a nossa atitude sobre os problemas da liberdade. Pois bem, somos pela liberdade de consciência e de

o tempo que consomem nos transportes públicos, têm acesso livre à cultura? Ora é preciso acabar com a siderável da mais valia produzida à escala social. Esse capital — socorro-me agora dos termos precisos do Programa Comum — serve acaso para efectuar os investimentos sociais.

Só 34 filhos de operários aparecem em mil alunos inscritos na Universidade — disse-me Georges Marchais.

Mitterand, que tem orientado a sua campanha mais na província do que em Paris — e com extraordinário êxito —, estava a descansar três dias no Nièvre, em Chateau Chillon, aonde me era difícil deslocar-me. Por isso agarrei com entusiasmo a oportunidade de um encontro com Georges Marchais, que deveria efectuar-se precisamente na comuna de Ville-Juif (arredores de Paris, 100.000 habitantes) pela qual ele se candidata como deputado. Foi, aliás, o deputado cessante, Maria-Claude Vailland-Couturier, mulher admirável pela inteligência, pelo rigor da expressão, pela coragem, pela grandeza moral, quem nos pôs em contacto directo.

Conheci o secretário-geral do P.C.F. na Casa da Cultura Gérard Philippe, onde após o nosso encontro ele ia participar num meeting com a juventude local, rodeado por Jean Michel Cathala, uma das mais brilhantes jovens personalidades da vida política francesa; Louis Dolly, maire de Villejuif, e Marcel Trigon, maire de Arcueil.

CONFIANÇA NA VITÓRIA

Quanto à sua confiança na vitória e na probabilidade de formação de um Governo da Esquerda Unida, Georges Marchais mostrou-se seguro de que tal Governo era um facto

CRÓNICA INTERNACIONAL

AGONIA DO GAULLISMO

Mesmo que a coligação governamental em França consiga evitar a provável derrota nas eleições gerais que comecem no próximo domingo, não parece haver dúvidas quanto à agonia do gaullismo pouco mais de dois anos depois da morte do general Charles de Gaulle. E o próprio sistema capitalista francês enfrenta uma ameaça mortal ou deverá evoluir de acordo com a «terceira força», reformista, que tem tentado definir-se na campanha eleitoral em curso.

Pela primeira vez desde o governo de Frente Popular de Léon Blum em 1936, a oposição de esquerda socialista-comunista, que inclui ainda os radicais de esquerda dissidentes, tem sérias possibilidades de subir ao poder e mudar o destino do país e talvez da Europa Ocidental. A poucos dias do início do escrutínio, as sondagens de opinião continuavam a salientar uma vantagem de quatro a oito por cento da esquerda socialista-comunista de François Mitterand e Georges Marchais sobre os gaullistas.

A coligação governamental, por seu lado, aos sinais de decadência e crise permanente, que tomaram a forma de cor-

rupção e má administração, juntou ultimamente erros de estratégia e táctica eleitoral mostrando até que ponto os seus dirigentes se sentem ultrapassados pelos acontecimentos, além de não beneficiarem do génio político do general de Gaulle para sobreviverem facilmente a uma situação que poderá significar o fim de 15 anos de um regime nascido no período perturbado da guerra da Argélia.

O presidente Georges Pompidou, que, apesar de ser a primeira figura da pirâmide gaullista desde o afastamento do general, devia manter-se acima dos partidos, como chefe do Estado, foi suficientemente inábil para dar a entender que não reconhecera a vontade popular e procederia a novas eleições se a vitória fosse dada à oposição de esquerda, o que equivale a confessar que os gaullistas encaram as instituições francesas apenas como um meio que os ajude a perpetuar-se no governo, confirmando assim acusações feitas à coligação governamental de querer manter um verdadeiro monopólio do poder, contrário ao alardeado espírito democrático. Quanto ao primeiro-ministro Pierre Messmer, as

suas intervenções na campanha não foram negativas.

Por fim, prevendo todas as hipóteses e um pouco também para atenuar o impacto do programa da esquerda — que alegadamente pretende acabar com o capitalismo em França —, os gaullistas admitiram a abertura na direcção do centro reformador, orientado por Jean-Jaques Servan-Schreiber e Jean Lecanuet, que poderão tornar-se árbitros no futuro Parlamento, no caso de tanto a esquerda como a coligação governamental não conseguirem a maioria. Daí as esperanças do radical J. J. S. S. de ver surgir finalmente uma oportunidade para desempenhar um papel decisivo na política francesa.

NUNO VIEIRA

GRANDE OURVLSARIA
DA MODA

DI/ESTRANGEIRO

EM VÉSPERAS DAS ELEIÇÕES

Identidade socialista comunista reafirmada por Georges Marchais

PARIS, 2 — (FP) — Depois da conferência de Imprensa de François Mitterrand, o outro dirigente da coligação de esquerda, Georges Marchais, convocou, por seu turno, os jornalistas para lhes apresentar as suas conclusões da campanha eleitoral, antes da primeira fase do escrutínio.

Comparando as duas conferências, os observadores notaram que as posições dos dois

chefes políticos são idênticas, a vários níveis.

Quanto ao escrutínio de 4 e 11 do corrente, ambos pensam que não se trata de uma escolha entre uma sociedade liberal e outra, colectivista, como dizem os dirigentes da maioria cessante, mas sim entre uma sociedade que produz injustiças e desigualdades e uma outra que assegura aos franceses o bem estar e uma vida melhor.

Assim, Mitterrand salientou

que o debate não se situa entre o combate pela igualdade (da esquerda) e o combate pela liberdade (da direita). Os socialistas e seus aliados — disse — procuram precisamente a síntese entre essas duas lutas: «Não se pode conceber igualdade sem liberdade, nem liberdade sem igualdade».

Para Marchais, trata-se de uma escolha entre «uma sociedade autoritária e injusta e uma sociedade de progresso social e democrática».

Os dois dirigentes esquerdistas criticaram também a argumentação da maioria cessante que, segundo Marchais, tudo fez «para falsear o debate à volta da escolha essencial, que se esforçou por lançar a confusão recorrendo à distração», enquanto que Mitterrand acusava Pompidou de ter querido «desviar o debate sobre a «catástrofe» institucional».

No entanto, comunistas e socialistas não deixam de marcar bom o seu acento próprio. Por isso, Mitterrand afirmou que «o Partido Comunista é o único a propôr e a realizar a síntese entre a luta pela igualdade e a luta pela liberdade», ao passo que Marchais reafirma que «o Partido Comunista é a única garantia» de aplicação do Programa Comum na sua totalidade.

Entretanto, o «France-Soir» publica a quinta e última sondagem do IFOP. Realizada em 27 de Fevereiro, a sondagem indica que a esquerda terá 47 por cento dos votos, o Governo 36 por cento e os reformistas 14 por cento.

Segundo o IFOP, «a maioria (Governo) perdeu quatro pontos em dois meses».

A liberdade de Imprensa ameaçada em Itália

FLORENÇA, 2 — (R.) — A Federação dos Jornalistas Italianos preveniu que a liberdade de Imprensa no país está a ser ameaçada por poderosos grupos económicos e políticos.

O aviso foi feito numa sessão especial do conselho da Federação, que se realizou nesta cidade para discutir a crise na Imprensa e na Rádio.

O conselho, num apelo urgente, declarou: «a liberdade de Imprensa em Itália corre perigo. O direito de todos os cidadãos a informações livres e completas encontra-se seriamente ameaçado por poderosos grupos económicos e políticos que gostariam de conseguir para sempre o domínio da maior parte dos jornais da Rádio e Televisão».

O apelo acrescentava que essa manobra fazia parte de um enfraquecimento geral da vida democrática em Itália e pedir aos políticos e ao público para defrontarem o desafio.

DECLARAÇÃO SOBRE O VIETNAME

A conferência internacional poderá voltar a reunir-se

PARIS, 2 — (R.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros das cinco grandes potências acompanhados pelos ministros de mais sete países participantes na conferência internacional de Paris, assinam hoje durante uma cerimónia simples, uma declaração solene de apoio ao acordo de paz no Vietname.

A declaração, composta por nove artigos, é o produto de quatro dias de trabalho da conferência internacional e destina-se a reafirmar o interesse dos países participantes na manutenção da paz no Vietname, através do acordo de cessar-fogo elaborado entre os Estados Unidos e o Vietname do Norte.

Os países participantes na conferência, incluindo a URSS, a China, a Grã-Bretanha e a França, comprometem-se ainda a respeitar a soberania, independência, unidade e integridade territorial do Vietname e o direito do povo vietnamita à autodeterminação.

A cerimónia da assinatura, prevista para as 15 horas no cen-

tro de conferências, assistirá o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, mas as futuras ligações entre a ONU e a questão do Vietname continuarão a ser muito reduzidas.

As objecções dos países comunistas fizeram malograr as diligências do Canadá para que o secretário-geral da ONU fosse encarregado de receber da Comissão Internacional de Fiscalização os relatórios sobre violações do cessar-fogo.

O Canadá assina a declaração conjunta com reservas e avisou já que poderá abandonar a Comissão Internacional se continuarem a registar-se graves violações do cessar-fogo no Vietname.

Prevendo que essas violações continuem, a declaração estipula que a conferência internacional poderá reunir-se novamente a pedido dos governos de Hanói e Washington ou por proposta de seis ou mais dos doze países participantes.

Resumindo os resultados al-

cançados pela conferência, os diplomatas pensam que a declaração conjunta não é de modo algum perfeita e completa, mas parece ser, por outro lado, o melhor que de momento era possível obter para pôr de acordo ocidentais e comunistas.

A declaração pede ainda que seja suspensa toda a interferência estrangeira no Laos e no Camboja, cuja neutralidade e integridade territorial deve ser respeitada.

LIBERTAÇÃO DE PRISIONEIRO

SAIGÃO, 2 — (FP) — Em princípio, é no domingo que será libertado em Hanói o segundo contingente de prisioneiros de guerra detidos pelas autoridades norte-vietnamitas — indicou hoje a AFP um representante da delegação norte-vietnamita à comissão quadripartida. As autoridades de Hanói libertarão 108 prisioneiros — 106 americanos e dois tailandeses.

Operação "Arca de Noé"

MORGES (Suça), 2 (FP)

A União Internacional para a Conservação da Natureza pretende lançar uma autêntica operação «Arca de Noé» para salvar da extinção total cento e trinta e duas espécies de mamíferos selvagens. Num livro vermelho a união, com sede em Morges, enumera os animais ameaçados: os ungulados formam a maioria, com dezasseis tipos de cervídeos, 28 de bovídeos, quatro ou cinco de rinocerontes, três de burros selvagens e o único verdadeiro cavalo selvagem. Figuras também nessa lista dezoito felinos, incluindo o tigre, o leão da Ásia, a onça, o leopardo, o puma e o lince da Espanha. Dela constam ainda primatas, como o gorila das montanhas, o orangotango e várias espécies de baleias.

A União Internacional para a Conservação da Natureza enumera, além disso, sessenta mamíferos que estão em vias de entrar na categoria das espécies em perigo de extinção. Trata-se sobretudo do jaguar, da pantera manchada, do ucelote e de outros felinos, de alguns lobos e cães selvagens, de certas espécies de focas, de lamatins e de búfalos da Ásia.

Cinquenta e sete tipos de mamíferos embora raros, não estão ainda em perigo. Entre eles conta-se o panda gigante, o grizli, o hipopótamo anão e vários macacos e marsupiais. Sete tipos de mamíferos, até agora ameaçados, foram salvos graças às medidas tomadas para a sua sobrevivência. Entre eles conta-se o bisão da Europa.

Maior representação dos espanhóis na administração do seu País

MADRID, 2 (R) — O vice-presidente Luis Carrero Blanco afirmou que o seu Governo pretendia que os espanhóis tivessem uma maior representação na administração do país, mas pôs de lado qualquer hipótese da formação de partidos políticos em Espanha.

O almirante Carrero Blanco,

de 69 anos, que deverá tornar-se chefe do Governo quando o generalíssimo Franco falecer ou se aposentar, discursava a noite passada na sessão inaugural do Conselho Nacional, o organismo do movimento nacional, o único partido político autorizado em Espanha.

Apresentou sete pontos da política governamental que se espera o Conselho ajude a concretizar. O Conselho, mais alar-

gado, actua como conselheiro do Governo, mas sem poder executivo, que é prerrogativa do gabinete do generalíssimo Franco.

O almirante Carrero Blanco pediu ideias sobre medidas concretas para alargar a participação de espanhóis em tarefas públicas, mas sublinhou que o movimento nacional deve continuar a ser o único canal para isso e que os partidos políticos não seriam autorizados.

EX-REFENS DOS ÍNDIOS ADEREM AO PROTESTO

PINE RIDGE (DAKOTA DO SUL), 2 — (FP e R) — Duzentos índios Sioux militantes, que tomaram na terça-feira a localidade de Wounded Knee, libertaram as 11 pessoas que mantinham como reféns, segundo revelou um informador governamental numa conferência de Imprensa.

Os reféns, a maioria dos quais vive em Wounded Knee ou na região circunvizinha e que foram libertados ontem, encontram-se ainda dentro da cidade, onde podem circular livremente. Alguns deles, de ascendência índia, resolveram permanecer dentro de Wounded Knee, a fim de aderirem à manifestação de protesto contra discriminação racial e no trabalho, disseram simpatizantes dos pele-vermelhas.

O senador George McGovern, o candidato democrático na eleição presidencial de Novembro passado, e o seu colega de Dakota do Sul, senador James Abourezk, parlamentaram ontem com os militantes numa tenda dos pele-vermelhas erguida numa «zona desmilitarizada»

entre barreiras nas estradas, colocadas por funcionários federais e pelos Sioux.

O senador Abourezk declarou na conferência de Imprensa nesta cidade que perguntara aos reféns, que se afirmou terem sido libertados ao meio-dia, antes do encontro, se sentiam realmente livres.

Responderam todos, prosseguiu o senador, que se sentiam livres porque Wounded Knee era a sua terra Natal.

Os dois senadores projectam travar novas conversações com os índios.

As duas reivindicações principais dos índios são: inquérito por uma comissão senatorial dirigida pelo senador Edward Kennedy acerca das actividades da repartição federal das questões índias relativamente aos Sioux Oglala e inquérito pelo senador Fullbright (que preside a comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado) acerca da aplicação dos 371 tratados realizados na sua maioria no século passado entre o Governo Federal e as Nações Índias.

VITÓRIA DE UM REBELDE

O político britânico rebelde Dick Taverne, que se demitiu do Partido Trabalhista, na oposição, por causa da sua política em relação ao Mercado Comum, manteve às primeiras horas de hoje, por uma margem confortável, o seu lugar no Parlamento, enquanto o Labour conseguiu uma vitória difícil numa segunda eleição secundária. Taverne, antigo ministro do Governo trabalhista e enérgico defensor da entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum, obteve 21 967 votos — uma percentagem de 58,2 por cento — na sua circunscrição de Lincoln, na eleição realizada ontem, a despeito das tentativas do Labour para lhe tirar o lugar. (R.)

BOMBEIRO PIRÓMANO

Christian Nietto, bombeiro voluntário, confessou ter sido o autor do fogo que há pouco mais de uma semana destruiu o Hospital Saint Nicolas, de Verdun, causando dez milhões de francos de prejuízos e a morte de um doente. Nietto confessou ainda ter sido o causador de mais três incêndios, há dois anos, dois no mesmo hospital e um outro num edifício particular. Christian Nietto salienta-se pelo zelo que pôs no com-

bate ao incêndio do hospital. (F. P.)

«MAYOR» RAPTADO

Um rapaz de dezanove anos, Larry Casus, raptou ontem o «Mayor» de Gallup (Novo México), Emmett Garcia, e acabou por ser morto, num tiroteio travado com a Polícia. Larry fora em tempos presidente de um clube ameríndio na Universidade do Novo México, clube esse que se opusera energicamente à nomeação de Emmett Garcia para um lugar no Senado. O «Mayor» conseguiu fugir por uma janela, enquanto o rapaz que o raptara travava tiroteio com a Polícia. (UPI/ANI).

ISMAIL REGRESSA

Os membros da delegação militar egípcia, chefiada pelo general Ahmed Ismail, ministro da Guerra e comandante-em-chefe das Forças Armadas egípcias, deixaram hoje Moscovo de regresso ao Cairo, no fim de uma visita oficial de cinco dias à União Soviética. (F. P.)

ESTUDADA A INTERDIÇÃO DE CERTOS BRINQUEDOS

O ministro do Interior da Grã-Bretanha, Robert Carr, anunciou que se estuda a interdição da venda de certas armas

de brinquedo, do género das que foram utilizadas há dias no assalto do alto comissariado indiano. «A necessidade de uma interdição das imitações muito boas de armas de fogo, interdição que abrangeria diversos brinquedos para crianças, é um dos tópicos em que terei o prazer de recolher opiniões, antes de chegar a uma decisão final» — revelou Carr no Parlamento. Dois dos três paquistaneses que invadiram o alto comissariado, no dia vinte de Fevereiro, brandindo pistolas de plástico, adagas e uma espada, foram mortos pela Polícia, que pensou que as pistolas eram verdadeiras. (UPI/ANI).

CONFERÊNCIA DOS NOVE

BONA, 2 — (R) — Os ministros das finanças e economia dos nove países do mercado comum conferenciarão na próxima segunda-feira, o mais tardar, em Bruxelas, a fim de procurarem uma solução para a recente crise internacional do dólar, segundo revelou hoje um informador do ministério da economia da República Federal Alemã. E aguardada em breve uma comunicação governamental nesse sentido.



Há duas semanas que Ruth Schneider, uma americana de 31 anos, está empregada na penitenciária de San Quentin. É a primeira mulher admitida como guarda de prisão e o facto parece não entusiasmar os detidos, que consideram a sua intimidade inviolada, sobretudo quando estão nos chuveiros. (UPI-Telimprensa-DL)

DL/ESTRANGEIRO

A Jordânia rejeita as exigências dos palestinianos em Cartum

AMÃ, 2 (R.) — A Jordânia anunciou hoje que não acederia às exigências da organização de guerrilheiros árabes do «Setembro Negro» para libertar «fedayin» detidos em prisões jordanas, em troca do encargo de negócios jordanos, que se encontra agora como refém, juntamente com outros diplomatas, em Cartum.

Elementos do «Setembro Negro» assaltaram, ontem à noite, a embaixada da Arábia Saudita na capital sudanesa, aprisionaram cinco diplomatas e fizeram grande número de exigências.

Os outros diplomatas aprisionados são o embaixador americano Cleo Noel, que acabara de chegar a Cartum, o seu encarregado de negócios, George Curtis Moore, o embaixador saudita Abdullah Al-Malhok e o encarregado de negócios belga.

Rádio Omdurman, numa emissão captada hoje nesta capital, citou a agência noticiosa sudanesa como afirmando que o encarregado de negócios polaco tinha dufigo ileso quando os guerrilheiros atacaram.

A decisão de Amã de não se sujeitar às exigências dos guerrilheiros foi transmitida num telegrama do ministro jordanos dos Negócios Estrangeiros, Salah Abuzaid, aos seus homólogos sudaneses e sauditas.

Informava-os de que o Governo jordanos se recusava a negociar com os guerrilheiros a libertação do dirigente da Fa-

tah, Mohammed Abu Daoud, e de seis dos seus camaradas, que se encontram agora detidos em cadeias jordanas após serem presos em princípios de Fevereiro.

O Governo jordanos acusou Abu Daoud e os seus companheiros de terem entrado em terri-

tório jordanos com o objectivo de praticarem actos subversivos. O movimento de guerrilheiros da Fatah afirmou que Abu Daoud e os seus companheiros iam a caminho de Israel e de território ocupado pelos israelitas quando foram presos.

A LIBERTAÇÃO DE SIRHAN ENTRE AS CONDIÇÕES

CAIRO, 2 (FP. e UPI-ANI) — Um grupo de cinco guerrilheiros palestinianos, pertencentes a organização «Setembro Negro», ocupou ontem a embaixada da Arábia Saudita em Cartum e prendeu um grupo de diplomatas, incluindo o embaixador cessante norte-americano, Cleo A. Noel, como refém — segundo informa a agência MENA. Os outros diplomatas capturados são os encarregados de negócios dos Estados Unidos, da Jordânia e da Bélgica, o embaixador da Arábia Saudita, sua mulher e os filhos do casal.

Num noticiário da RÁDIO Omdurman, distribuído pela MENA, diz-se que os guerrilheiros exigem:

— A imediata libertação de Sirhan Bishara Sirhan — o assassino do senador Robert Kennedy, agora detido na Califórnia.

— A libertação, em 24 horas, de Abu Daud e 16 guerrilheiros que comandava, todos presos na Jordânia.

— Libertação de Rafi El Hindawi, Mahmud El Khaleeli e outros detidos nas prisões jordanas.

— Libertação de 50 presos, incluindo mulheres, detidos na Jordânia.

— A libertação de elementos do «grupo Baader-Meinhof» e outros radicais presos na Alemanha Ocidental.

— A libertação de guerrilheiros da resistência palestiniana detidos em Israel.

Mais tarde, ainda segundo a rádio Omdurman, os «fedayin» decidiram prolongar até as 14 horas locais (13 horas em Lisboa) o prazo fixado. Renunciaram, em contrapartida, as suas exigências visando a libertação dos presos em Israel e do grupo Baader-Meinhof na Alemanha.



O embaixador dos Estados Unidos no Sudão, Cleo A. Noel, um dos diplomatas que um «comando» palestiniano reteve no edifício da embaixada da Arábia Saudita em Cartum. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

RECUSA ISRAELITA

JERUSALEM, 2 (F.P.) — As autoridades israelitas, de acordo com a sua política de nunca ceder a chantagem das organizações extremistas palestinianas, não tem a mínima intenção de libertar as mulheres árabes presas nas cadeias israelitas por «acções terroristas» como pedem os homens do «Setembro Negro» que mantêm como refém os diplomatas da embaixada da Arábia Saudita em Cartum.

E o que se declara hoje de manhã nos meios políticos de Jerusalém. Sublinhava-se também que esta exigência não tinha sido feita pelo «Setembro Negro» senão com o objectivo de libertar Abu Saoud e os outros «fedayin» presos e condenados recentemente, na Jordânia. Abu Daoud deve ser considerado como um dos dirigentes do «Setembro Negro».

Zâmbia:

Penas mais severas para a espionagem

LUSAKA, 2 (R.) — O Parlamento zambiano aprovou a noite passada uma lei introduzindo penas mais severas por espionagem e outros crimes contra a segurança do Estado.

Nos termos da nova lei, a qual emenda o acto de segurança do Estado em vigor desde 1969, espões enfrentam em tribunal uma sentença mínima de 20 anos de prisão e máxima de 30 anos. O máximo anterior era de 25 anos, não havendo mínimo.

A lei terá agora de ser assinada pelo presidente Kenneth Kaunda entrando imediatamente em vigor.

O ministro da defesa, Grey Zulu, declarou na quarta-feira que zambianos haviam sido «raptados» para receberem treino na Rodésia e África do Sul como sabotadores.

Na mesma altura, passando em revista a situação da segurança do país desde a independência, o ministro disse que 20 pessoas haviam sido mortas e 58 feridas em «pelo menos» 100 incursões a território zambiano por tropas portuguesas, sul africanas e rodésianas, durante os anos de 1965 a 1968.

Um total de 49 zambianos havia sido raptado por forças brancas desde 1966 — acrescentou Zulu.

Novas perspectivas em África: Objectivo brasileiro

BRASILIA, 2 (R.) — A política externa do Brasil era a de consolidar as suas relações continentais e a de abrir novas perspectivas em África, segundo afirmou ontem o presidente Emílio Garrastazu Médici numa mensagem ao Congresso, assinalando a inauguração da sessão de 1973.

Na sua mensagem sobre o estado da união, o presidente prometeu lutar lado a lado com as nações em desenvolvimento para conseguir maior participação desses países na tomada global de decisões.

Notou que o Brasil estava empenhado na «mudança das regras de

coexistência internacional» e era contra «a cristalização do poder».

Prosseguiu: «a paz verdadeira implica na mudança das regras de comércio internacional e na alteração da dinâmica de distribuição mundial de progresso científico e tecnológico. Não existe paz verdadeira sem desenvolvimento».

«A atitude do Brasil é de activa solidariedade com os países em desenvolvimento e cabe à diplomacia brasileira conseguir melhor entendimento com os povos que estão travando conosco a dura batalha do progresso. A nossa política externa deverá ser global e de coope-

ração íntima com os países em desenvolvimento».

O presidente acentuou que, à medida que os países se desenvolvem, aumentam as suas responsabilidades e participação nas relações internacionais e isso deveria ser reconhecido.



JÚLIA DA PIEDADE
SIMÕES COELHO
DE ALMEIDA

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Conceição Coelho de Almeida, Joel Coelho de Almeida sua mulher, Rosa Coelho de Almeida Henriques seu marido, filha, genro e netos, João Coelho de Almeida sua mulher, filhas e genros, Manuel Coelho de Almeida sua mulher, filha, genro, neta e mais família, participam o falecimento ocorrido em 24 de Fevereiro, da sua muito querida mãe, sogra, avó, bisavó e parente e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 3, pelas 14,30 horas, na Igreja do Santo Condestável.

ONDA VERDE PARA O CARTÃO SOTTOMAYOR



Mais eficiência, mais rapidez e melhor acesso para todos os possuidores do nosso Cartão. Correspondendo à expansão do CARTÃO SOTTOMAYOR, procuramos que o ritmo do nosso serviço acompanhasse as necessidades dos nossos Clientes.

Agora, novas instalações na
Rua Braamcamp, 52
Lisboa

☎ 412 72 - 418 46 - 418 71 - 421 72 - 56 72 13/4/5/6/7/8

CARTÃO SOTTOMAYOR o seu BANCO DE BOLSO

Vinho verde só o português

Vinho verde, com este nome e escrito em português, só o da sua região demarcada — esta «grande vitória que se conseguiu para Portugal» acaba de ser reconhecida pelo organismo internacional competente.

Vitória difícil, é o que conclui da exposição que o presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, António da Costa Leme, apresentou ontem na conferência de Imprensa que antecedeu um jantar comemorativo, na Casa do Minho. «Em termos muito gerais e práticos — resumiu —

significa este registo internacional que para além dos países signatários do acordo de Lisboa, todo o mundo vitivinícola que se honre de respeitar as regras de boa convivência não poderá usar a designação de Vinho Verde para os seus vinhos, nem tão-pouco a tradução deste designativo nas suas línguas». A dificuldade veio do facto da designação nacional não se referir à região de origem mas a certa característica do vinho, que em França, por exemplo, é atribuída a um produto «de consumo difícil para estômagos delicados».

GRÊMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS

Os Estabelecimentos Bancários estarão encerrados, como de costume, na terça-feira de Carnaval, dia 6 do corrente, com excepção dos Serviços de Tesouro a cargo do Banco de Portugal.

Lisboa, 1 de Março de 1973.

A DIRECÇÃO

DL/GERAL

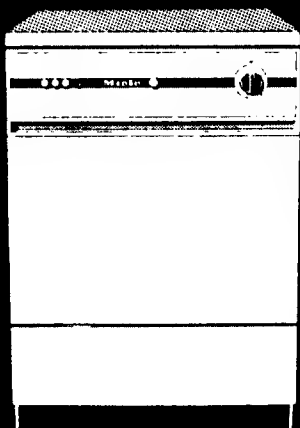
PESCA DESPORTIVA

Fica proibido a partir de hoje, e por um período de dez anos, todo e qualquer exercício da pesca, com excepção da cana e linha de mão, no troço do Rio Sever que percorre o Concelho de Marvão, bem como no seu afluente denominado «Ribeiro das Trutas».

A Portaria que o determina

justifica a decisão no facto de, após uma experiência de cinco anos, se ter verificado que se mantém o interesse da pesca desportiva no troço de 18 km do Rio Sever e atendendo às condições ali criadas pelo Município de Marvão, para efeitos turísticos.

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



"Unibody" — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

A. Oliveira

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A

Telef.: 538323-536308-530838

Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

CASAS PARA ALUGAR

Para prédios que administramos, temos andares para alugar, tanto em Lisboa, como na Amadora, Damão, Queluz, Almada, Alverca, V. F. N.ª, Barcelos, Inda de Cascais, etc.

São cobrados aos inquilinos qualquer importância a título de comissão.

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES INVECTA, LDA

LISBOA — Rua dos Sapateiros, 231. A

Telef. 3 47 55 - 36 93 84

OPPE



MÚSICA CLÁSSICA

Este é 1 dos 2.000 DISCOS L. P. STÉREO que pode escolher do n.º catálogo a preço especial de divulgação. Envio à cobrança para todo o País e Ilhas.

Escreva para:

APARTADO 5.095 LISBOA 5

Preço 85\$00

Georges Marchais fala ao "DL"

Continuação da pag. 11

mães já referidos e uma jovem estudante sentaram-se em círculo, sem cerimónia. À volta, bandeiras francesas.

As «girafas» com os microfones voltavam sobre assistência, formada por operários, estudantes e empregados. Sem hesitações nem balbucios, as perguntas eram formuladas. Marchais e Cathala respondiam tour à tour, concisamente, cordialmente.

Discutiu-se o condicionismo classista do ensino, o direito de todos à Universidade gratuita, o que significam as boas e as más classificações nas circunstâncias actuais. Lembro-me, a propósito, das palavras de Pierre Juquet (indagado como possível ministro da Educação) numa entrevista dada ao *Nouvel Observateur*: «Queremos a renovação da escola para todos, a escola elementar média sem distinções de meio ou origem. O que só pode conseguir-se com o ensino gratuito. O Programa Comum começará a realizar essas condições para uma autêntica igualdade de oportunidades. Mas não nos batemos por um igualitarismo abstracto que não corresponda às realidades humanas da sociedade. A igualdade não exclui a diversidade. Esse, porém, é menos um problema de selecção do que de orientação.

Mas voltemos ao meeting em Villejuif.

Georges Marchais pugna pela redução da duração do serviço militar a seis meses. Considera os casos de estudantes pobres que interromperam definitivamente os estudos por não terem obtido o adiantamento que lhes houvesse permitido terminar a sua formação. Cita a cifra anual de 3 bilhões de francos despendidos pelo Governo actual na

força de frappe. Preconiza uma reorganização total do exército francês quer do ponto de vista material quer no tocante ao seu funcionamento.

Marchais tem uma visível preocupação: por neste momento bem em evidência a sua total lealdade ao Programa Comum. E certo que François Mitterrand se conduz com a mesma elegância e honradez, sem enjeitar, é claro, a posição socialista. Num texto seu publicado pelo *Monde Diplomatique*, com o título «Um Novo Internacionalismo», lê-se: «Quando das discussões que conduziriam à conclusão do Programa Comum, foi com convicção e realismo que os partidários da esquerda definiram as bases políticas que esperam praticar na próxima legislatura. Não se apagaram todas as divergências, o partido socialista legítimo do País e internacionalismo: tais são os dois pilares do projecto socialista no domínio das relações internacionais». No encontro que houve em Paris entre socialistas e sindicalistas da C. F. D. T. (de origem cátolica), Edmond Maire, secretário-geral desta organização, acordou na necessidade de tudo fazer para a consecução da vitória da esquerda e, por seu turno, François Mitterrand declarou-se «pessoalmente» favorável ao «poder dos trabalhadores na empresa», mas especificou que para se chegar à autogestão seriam precisas etapas. Talvez daqui a cinco anos.

É certo que o Partido Socialista é hoje uma formação heterogênea, com uma ala direita ainda burguesa e uma ala esquerda muito radicalizada. Mitterrand tem sido o timoneiro habilíssimo, esclarecido e honesto dessa nave por ele reconstruída e difícil de guiar.

Um mês de futurologia no Instituto Alemão

«Como foi possível chegar à situação em que nos encontramos e como poderemos modificá-la?»

A esta pergunta, que o nosso sentido crítico e a nossa insatisfação formulam constantemente, procura, agora, uma nova ciência dar resposta. Trata-se da futurologia, tal como foi baptizada em 1943, por Ossip Flechteim — segundo nos recorda esta tarde, no Instituto Alemão, o prof. Georg Nees, da Universidade de Nuremberg, numa conferência que versa sobre «Emergência, complexidade técnica e possibilidades da futurologia».

Mas o que é a futurologia, a que, talvez abusivamente, chamamos ciência? O professor Nees responde que ela «pode ser encarada como uma discussão sobre a amplitude possível, não só da transferência, mas até da redução da autonomia do meio ambiente à autonomia do homem na sua qualidade de controlador». Por outras palavras, talvez o homem possa vir a controlar os sistemas mais complicados que, no dizer daquele professor, são o meio ambiente e o nosso próprio eu. Procurar parâmetros de controlo para esses dois sistemas é um dos objectos da futurologia.

AS SENSACÕES PERDIDAS

«Suponhamos que conseguíssemos construir um sistema de tráfego controlado por um computador, que permitisse aos seus utilizadores chamar uma cabine e indicar o destino da viagem, tomar lugar e juntamente com outros passageiros — cuja presença é o resultado da coordenação por computador — ser levado até ao seu destino. Compare-se agora isto com o prazer de deslizar livremente no nosso próprio carro, a alegria de ver o motor corresponder a um leve pisar do acelerador, a nervosidade da ultrapassagem. (...) Todos sabemos que conduzir um automóvel tecnicamente perfeito é uma experiência muito bem cotada na escala de valores do homem. Se tivéssemos que os privar dessa vivência, então eles teriam que renunciar a ela».

Depois de tudo isto, a futuro-

logia aparece, para o professor Nees, como «a possibilidade de compensar os homens». Conseguir-lo ou não, supõe resolvido o problema de refrear a técnica.

«A futurologia deve preocupar-se ainda mais com o nosso esclarecimento da nossa atitude para com a técnica» — é uma das conclusões. E na sua sequência: «A futurologia deve ajudar a descobrir no sistema da técnica subsistemas cuja substituição reduza os efeitos secundários e prejudiciais da mesma».

PROGRAMA

A conferência é proferida às 18.30, no Instituto Alemão que, em matéria de actividades culturais se encontra, este mês, sob o signo da futurologia. Vejam os:

No próximo dia 9, também às 18.30, o prof. Hartmut Bosse do Instituto Técnico Fraunhofer para Técnicas de Sistemas e Investigação de Novas Técnicas, de Karlsruhe, falará sobre «O futuro — a arte de não sucumbir ao crescimento».

No dia 12, o catedrático de Zoofisiologia da Universidade de Innsbruck, prof. Wolfgang Wieser, dissertará sobre «Estratégia biológica frente ao futuro».

Finalmente, no dia 26, o eng. Rogério Martins, do Banco de Fomento Nacional, analisará «A nova sociedade».

FEIRA DE MOEDAS DE TOMAR

Sábado, 3 de Março

de 1973

das 18 às 23 horas

Informações pelos telefones

32676 e 32827

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Roque RUNA

SENHORES CAPITALISTAS!!!

COLOCAI O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES COM GARANTIA HIPOTECÁRIA, AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292.1 — LISBOA — Tel. 36 93 84/5/6

RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

chapa
super longa
perfil sc

chapa
super larga
perfil 7

Cimianto

Dizem os leitores

"QUE SE PASSA EM CASCAIS"?

Da nossa leitora Sr.^a D. Maria Ângela Mota Maia, residente na Av. Gaspar Corte-Real, Lote 100-B, em Cascais, recebemos, com pedido de publicação, a seguinte carta:

«Relativamente à minha carta publicada no dia 9 do corrente, e à resposta da Câmara Municipal de Cascais publicada no dia 16 do mesmo mês, julgo necessário prestar alguns esclarecimentos.

Tendo eu escrito: «Lamentavelmente e sem se saber exactamente a que interesse obedeceu, construiu-se nos limites desse centro cívico uma Torre de 10 andares e está em construção outra não menos elevada», o arquitecto Meneses da Câmara Municipal de Cascais afirma que basta consultar os documentos para verificar que se trata duma afirmação puramente gratuita. Mas, os documentos indicados provam apenas que as construções citadas tiveram um projecto aprovado em 1968 e faziam parte dos já velhos planos de urbanização do Rosário e não provam que a sua construção não seja lamentável nem provam a que interesse obedeceu essa construção.

A Torre que ainda está em construção será construída por 14 pisos, numa média de 5 fogos por piso com 2 divisões assalhadas cada, cujo preço unitário será à roda de 700 contos. A Torre que já está construída é constituída por 10

pisos com 5 fogos por piso. Estas duas Torres vieram construir-se no coração dum bairro residencial de moradias!

Seguidamente e em relação à minha passagem: «Entre os dois enormes edifícios que contrastam com as moradias que constituem o bairro, situa-se um pequeno pinhal destinado segundo compromisso verbal assumido por dois presidentes da Câmara, a centro cívico, a dotar de jardins e edifícios baixos» afirma o arquitecto Meneses que «se houve alguma promessa, essa só poderia envolver, não a responsabilidade da Câmara Municipal, mas uma atitude sem consequências de índole pessoal e puramente verbal». Ora, não houve de facto promessa alguma pessoal, o que houve foi uma garantia formal da Câmara Municipal na pessoa do seu Presidente, garantia essa que me foi dada quando compradora dum terreno da Câmara e que não era puramente verbal, não estava apenas no pensamento do então Presidente, pois estava apoiada pelo projecto existente na Câmara para urbanização da zona, projecto esse que foi alterado em favor do actual.

A alteração fundamental, único motivo que levou à minha carta publicada no dia 9, foi a substituição das construções baixas previstas no projecto antigo, por seis prédios de rendimento de 5 a 8 andares que irão si-

tuar-se entre as duas Torres existentes de 10 a 14 andares respectivamente.

Diz depois o arquitecto Meneses, que a maioria dos habitantes da zona querem a construção do centro cívico e a dinamização do local, não existindo nenhuma medida compulsória da parte da Câmara e convida o repórter a deslocar-se à zona para avaliar as opiniões dos moradores.

Não desejo passar adiante, sem frisar que o que estava em causa não era a construção do centro cívico, mas, sim, a substituição de construções baixas por construções altas no citado centro.

Pensando que seria boa altura de conhecer de facto a real opinião da totalidade dos moradores da zona, resolvi ir de porta em porta em toda a zona que circunda o pinhal, e assim, colher todas as opiniões das pessoas mais directamente interessadas. Posso agora afirmar, na posse de provas, não verbais mas escritas e todas identificadas, de que não encontrei um único morador na zona que não se sentisse altamente lesado pela perspectiva das novas construções altas. A maioria afirmou-me que, na data da compra, aluguer ou construção da respectiva habitação, tinha obtido da Câmara a mesma informação que eu obtivera, baseada no projecto existente para a zona, que apenas previa construções baixas. Houve até alguns moradores que me disseram, com uma certa razão, que um centro cívico, mesmo de construções baixas, não se justificava no centro de um bairro residencial mas sim em muitas outras zonas de Cascais.

Estas pessoas que contactei, assinaram uma lista, onde apuseram as respectivas moradas, pelas quais se pode verificar que se trata de facto dos moradores da zona afectada. Os poucos que faltam deve-se ao facto de, de momento, não estarem em casa. Envio fotocópias da lista ao Diário de Lisboa e ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Cascais.

Aproveitando agora o pensamento do senhor arquitecto Meneses que bastante apreciei e, segundo o qual, há que atender às aspirações da maioria e não aos desejos humanos, mas desajustados de apenas alguns, pergunto, vai então a Câmara atender não só às aspirações como aos legítimos direitos da maioria, ou aos desejos humanos, mas muito pessoais da D. Maria da Piedade, empregada doméstica, que acha o bairro «muito sózinhos»?

Todos sabemos que, duma maneira geral, as Câmaras Municipais lutam quase cronicamente com falta de verba, mas há que ter em conta os legítimos interesses dos municípios e as características arquitectónicas e paisagísticas das diferentes zonas do concelho, contra as quais, em minha opinião, se têm cometido com demasiada frequência, verdadeiros e irreversíveis atentados.

Possivelmente a Câmara pensaria utilizar a verba assim obtida, na resolução dos graves e urgentes problemas que afectam o bairro, tais como a desratização, os lixos, o calcetamento de passeios e o

policimento, mas, creio que haveria outros meios, mais morosos é certo e menos fáceis, mas certamente, sem tantos inconvenientes.

Fazendo algumas contas por alto e pelo mínimo, no caso das edificações em causa (5-8 andares) viem a construir-se, teríamos que contar num futuro próximo com o estacionamento de 200 carros numa zona muito restrita, sem contar com os estacionamentos de quem se dirigisse ao supermercado, ao cinema, aos escritórios e aos consultórios. Certamente teria sido prevista pela Câmara, a obrigatoriedade de cada edifício albergar os respectivos automóveis, caso contrário, seria criado ao respectivo bairro mais um grave problema irresolúvel.

Terminei, transcrevendo alguns dos comentários feitos pelo «Jornal da Costa do Sol», no seu número de 17 de Fevereiro, à minha carta de 9 de Fevereiro, os quais considero importantes para o esclarecimento do problema.

«A urbanização do Bairro do Rosário não difere substancialmente de muitas outras efectuadas na Costa do Sol. E genericamente, tem-se procedido assim: Considera-se determinada área; pensa-se na sua urbanização; planeia-se logo em desacordo com a ideia inicial; começa-se a construir com alterações ao respectivo plano (?) de urbanização; e preenchem-se os últimos espaços vagos de acordo com conveniências (materiais) de momento. Os espaços verdes — se acaso foram previstos inicialmente... — depressa mudam de cor».

«Ora o Bairro do Rosário foi pensado de outro modo. Por exemplo a área a nascente da Av. Infante D. Henrique, estaria, em princípio, destinada a zona verde. Posteriormente mudou tão radicalmente de coloração que até lá estão implantadas várias Torres, lixeiras, moscas e ratazanas!

Mas a Câmara arrecadou uns bons milhares de contos, embora as novas zonas urbanizadas estejam carecidas dos mais elementares serviços comunitários.

O mais grave de tudo isto é a irreversibilidade do processo».

«A Câmara Municipal de Cascais não pode (não deve) ser o que o seu presidente queira que seja».

«Faça o leitor as contas que quiser, mas não nos pergunte como (do que) viverá a Câmara Municipal de Cascais quando vender todos os seus terrenos. Nem sequer caro leitor, nos interroge acerca do modus faciendi das urbanizações da Costa do Sol».

A nossa leitora enviou uma lista com 19 assinaturas de pessoas moradoras no bairro e que declaram não concordarem «com a construção de prédios de 6-8 andares no respectivo centro cívico».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António dos Santos, «Quiosque Rivoli» PÓVOA DE SANTA IRIA

As vinhetas do imposto sobre automóveis

A propósito de um comentário que publicámos no passado dia 14 sobre as vinhetas comprovativas do pagamento do imposto sobre os automóveis, dirigiu-se-nos um leitor a apelar os reparos feitos e fazendo igualmente as sugestões que registamos:

Num artigo acerca do novo imposto sobre automóveis, o autor fala, com razão, sobre a dificuldade em manter intactos durante um ano, colados ao pára-brisa, os rectângulos de papel representativos do imposto pago. A questão é: como proteger as vinhetas?

O problema está resolvido há algumas dezenas de anos em alguns países, como a Inglaterra, onde se pa-

ga um imposto anual sobre automóveis.

A vinheta não deve ser muito grande: um círculo de cerca de 6 cm de diâmetro ou um quadrado de dimensões equivalentes. Coloca-se do lado interno do pára-brisa e fixa-se com uma placa metálica, com junta de borracha, de modo a poder fazer-se vácuo. Esta ventosa, que não deverá custar mais de poucas dezenas de escudos, dura a vida do carro e protegerá a vinheta contra meninos curiosos, cães e lavadores de carros.

Esperemos que as vinhetas para 1974 sejam mais pequenas, preferivelmente circulares, como creio que já existem algumas da D.G.T.T.

Ainda a crise do automóvel

A propósito do artigo «A crise do comércio automóvel», publicado pelo nosso jornal no dia 25 de Fevereiro, escreve-nos o sr. Ezequiel de Castro e Silva:

«Ao ler no Diário de Lisboa o artigo inquérito A crise do comércio automóvel, duas coisas nos saltam logo à vista:

1.º A vontade dos representantes inquiridos importarem automóveis acabados. Com ou sem vantagens para a Comunidade? Não temos, elementos nem conhecimentos para analisar.

2.º Estamos em presença de uma verdadeira corrida, no mercado português, de todas as marcas de carros produzidos no Mundo e só não se construíram linhas de montagem das fábricas da Cortina de Ferro por motivos óbvios. E, na nossa ansia e necessidade de entrar no Mercado Comum, o que julgo muito aleatório, pois os guardiões políticos estão atentos, queremos meter o Rossio na Betesga, isto é, pôr cerca de vinte linhas de montagem a trabalhar em moldes e ritmos que, (agora desculpem-me os técnicos de Gestão e Organização Industrial e heresia), devido à estreita dimensão do nosso mercado, não serão talvez possíveis para uma. Ora qualquer pessoa que viaje um pouco pelos países da Europa, nota que, conforme as regiões observadas, aí impera determinada marca de automóvel ou, até mais, determinado tipo. Em Espanha, o caso é bastante flagrante com o «Seat» utilitário. Pouco ou nada conhecemos da organização industrial de Espanha, mas julgamos que este país adoptou uma quase

po de automóvel.

A Espanha tem o triplo da nossa população e, admitindo que tem um nível de vida igual ao nosso, certamente terá um parque automóvel triplo do de Portugal. Se admitirmos que oitenta por cento do seu parque é de uma marca única e de tipos pouco variados, certamente que estamos em presença de uma organização industrial de tal vulto, que poderia talvez aguentar, neste campo, o embate de uma ausência total de protecção pautal.

Outro caso flagrante, observado como simples leitor de jornais, pois que sou absolutamente leigo na indústria automóvel, é o da Rússia: quando pensou em fazer chegar o automóvel às camadas populares, convidou todas as grandes indústrias do automóvel popular do Mundo para, em concurso, ser escolhida uma única, como fornecedora, montadora e organizadora da sua incipiente indústria do automóvel acessível às massas. Se não estamos em erro, foi vencedora a Fiat italiana.

Admitindo que a população russa tenha um nível de vida como o nosso, e com uma população 25 vezes maior, terá logicamente capacidade potencial para absorver um parque automóvel 25 vezes mais do que o nosso. Dentro da nossa visão industrial, deveria ter 500 linhas de montagem de automóveis. Pois contentam-se em ter só uma fábrica de carros tipo pupolar. Arre que são estúpidos. E também não as poupamos aos «nuestros hermanos», pois que deviam ter pelo menos 60 linhas de montagem».

Que é a "tropicalização"?

A propósito da questão levantada pela exportação de vinhos para Angola, analisada no artigo «Exportação vinícola — recuo no mercado angolano, avanço no americano», publicado neste jornal, no passado dia 25, recebemos a seguinte carta do nosso leitor Adão Cid:

«O vinho exportava-se dantes, para o Ultramar, apenas em barris, garrafas e garrafões. O vinho de barril era comprado avulso pelo consumidor. Não era, porém, tão saboroso como o que nas mesmas condições ele compraria na Metrópole. Atribui-se tal diferença de sabor à necessidade de os vinhos a exportar para os trópicos deverem ser previamente «tropicalizados», isto é, submetidos a tratamento especial para não chegarem azedos ao seu destino. Isto, quando não eram também submetidos, nos destinos, a um tratamento que lhes aumentava o volume, tornando possível ao retalhista vender mais vinho do que aquele que comprava. Mesmo «tropicalizados», os vinhos chegavam frequentemente azedos aos seus destinos, por os barris serem de mau fabrico e mal tratados nas estivas. Chegavam muitos vazios ou mal cheios. E vinhos em barris mal cheios azedavam pelo caminho e iam continuar a azedar nos armazéns dos importadores.

Por estes motivos ou talvez principalmente por outros, resolveu-se exportar, vinhos a granel, carregados nos porões de navios, de modo semelhante àquele como se carrega pe-

tróleo. Os vinhos assim transportados são, nos destinos, submetidos a tratamentos e depois filtrados e engarrafados. Com tais tratamentos, aumentou, nos destinos, o consumo de álcool de fabrico local, álcool de cana, impróprio, por insuficiente refinação, para «uso interno» e também o consumo de determinados produtos químicos.

Tenho, destes tratamentos, conhecimento de mera outiva. Ouvia também dizer, com frequência, que havia médicos que desaconselhavam o consumo de vinhos engarrafados depois de tais tratamentos. Ocorria isto em Moçambique.

O que sei e posso afirmar peremptoriamente, é que tais vinhos são grandes zurrapas que só podem enganar quem não saiba o que são vinhos, e que, quanto a preço, o consumidor nada beneficiou, antes pelo contrário, com o transporte de vinhos despejados aqui em porões de navios.

Há vários interesses em jogo, nesta questão dos vinhos, os dos exportadores metropolitanos; os dos tanoeiros metropolitanos; os dos importadores e tratadores ultramarinos de vinhos; os dos fabricantes ultramarinos de garrafas; e os de quem importa cuidar antes de quaisquer outros — os da saúde e da bolsa dos consumidores.

A questão tem de ser estudada em todos os seus aspectos e em todas as respectivas implicações. Enquanto tal se não faça, acho perfeitamente legítimo que sejam suspensas as re-riessas de vinho a granel».

DL/DESPORTOS

COMUNICADO

O União de Coimbra toma posição

Em relação aos recentes incidentes entre o União de Coimbra e Associação Académica provocados pelas eleições da A. F. Coimbra, recebemos o seguinte comunicado do União, assinado pelo vice-presidente da direcção, Manuel José Fernandes Pinto Ferreira:

A Direcção do Clube de Futebol União de Coimbra, perante as controvertidas opiniões que têm vindo a lume, a propósito das eleições da Associação de Futebol de Coimbra, vem, publicamente, esclarecer o seguinte:

1.º Os Estatutos que regem a A. F. C. foram aprovados em 1958.

2.º Tal diploma, insere no seu art.º 23.º, 1.º, que «os membros serão escolhidos e propostos por um mínimo de três clubes que representem um mínimo de trinta votos, em lista conjunta, contendo esta, pelo menos, a Presidência e a Vice-Presidência dos Clubes ou Clube da Divisão Superior».

3.º Mostra-se, à evidência, que houve a preocupação, na elaboração dos Estatutos, em proteger o clube que disputasse a 1.ª Divisão Nacional —

na altura, a Académica.

4.º O Clube da Rua Padre António Vieira aceitou, pois, o regime constante dos artigos do Estatuto e, ao cabo de 15 anos, nenhum filiado da A. F. C. contestou o direito da Académica ter e manter o presidente e vice-presidente por si escolhidos e propostos.

5.º E isto aconteceu porque todos os clubes do Distrito, incluindo o União, nunca lhes passou pela cabeça violarem as normas que eles próprios tinham aprovado em Assembleia Geral, no ano de 1958!

6.º Sucedeu que a Académica (Secção de Futebol), se viu atirada para a II Divisão na corrente temporada e, ao invés, o União de Coimbra trepou à divisão maior do futebol nacional, mercê de um brioso esforço e com o entusiástico apoio de uma massa associativa em constante crescimento.

7.º Mas a Académica que, em abono da justiça se diga, continua a ter o apoio dedicado e saudosista de inúmeros antigos estudantes de Coimbra que recordam, ainda, as serenatas, a Queima das Fitas, a capa e batina, etc., não quis aceitar a situação. Na altura de baixar de Divisão «esperneou», engendrou exposições, recorreu, voltou a recorrer, mas debalde. Fez-se justiça!

Sobressaiu a sua falta de elevação em não saber perder...

8.º Vieram as eleições da Associação de Futebol de Coimbra e o actual clube da antiga rua Abílio Roque não se importou de atropelar os Estatutos que ele próprio aprovou. E mais: Não teve a grandeza necessária para reconhecer os direitos alheios — os direitos de um adversário leal, sempre disposto a colaborar.

9.º É concebido, pela generalidade dos desportistas de todo o País, que o União, num gesto de franca e leal solidariedade, emitiu no final da época transacta, um comunicado a exortar a sua massa associativa a apoiar a Académica. E foi notória a reacção positiva dos adeptos unionistas que, de bandeira em punho, acompanharam, carinhosamente, a equipa escolar, numa demonstração inequívoca de elevação de sentimentos.

E os exemplos poderiam multiplicar-se — nomeadamente aqueles que foram soluçio-

nados a nível de direcção, sem conhecimento público.

10.º Vê-se, agora, o União espoliado dos seus direitos por um clube que, quer queira quer não, está presentemente a disputar a II Divisão, teimando em não saber reconhecer as razões que assistem a uma colectividade que, como clube da I Divisão, lhe é superior!

11.º O descaramento — (amos a escrever irreverência mas esta só se justificava antigamente, porque eram jovens académicos) — levou a Académica a isto: subcreveu, votou, aprovou, em 1958, os Estatutos da A. F. C., servindo-se deles durante quinze anos. E agora, julgando-se um clube de elite, de protecção multifacetada e pluriateral, tem a desfaçatez, a falta de pudor de incumprir escandalosamente ao que se obrigou. (E quem sabe se não foi só ela quem

congeminou os Estatutos!).

12.º A Académica, regai-se, ao longo de 15 anos, com a submissão dos clubes do Distrito que estavam vencidos que a lei quando nasce é para todos. Mas quando chegou a hora da Académica (Secção de Futebol) também cumprir, ela invoca um falso conceito de democracia, perdendo a dignidade, provocando a confusão dos menos avisados que lhe dão o seu apoio não obstante a sua responsabilidade.

13.º Aqueles que na Assembleia Geral invocaram o ideal democrático, esquecem que este começa pelo cumprimento da lei... que democraticamente aprovaram! E nem o espírito democrático (nem o verdadeiro espírito académico, nem o da gente honesta do União) se compadece com condenáveis «fintas» à lei.

Festa no Vitória de Setúbal

Silvério Jones, tesoureiro e director do departamento de futebol juvenil do Vitória de Setúbal, ofereceu, num restaurante da cidade do Sado, um jantar às equipas de juvenis e juniores do clube, ambas campeãs distritais e — o que é ainda mais notável — sem que qualquer dos sessenta e tantos jogadores que participaram em ambas as provas tivessem sofrido qualquer castigo.

Associaram-se à simpática homenagem quase todos os dirigentes do Vitória, tendo

do presidido o dr. Manuel Constantino de Goes, presidente do Município e da assembleia geral do prestigioso clube setubalense, que procedeu à entrega de medalhas comemorativas aos mais jovens futebolistas vitorianos, aos treinadores Francisco Polido (juniores) e Miguel Diogo Gonçalves (juvenis). Ao seccionista Edmundo Moisés foi entregue uma placa de prata como homenagem e reconhecimento à sua extraordinária dedicação pelo futebol juvenil do Vitória.

VENÂNCIO DESLANDES DIRIGENTE DO SPORTING

A partir de ontem à noite o Sporting conhece os nomes das três individualidades que vão encabeçar os órgãos sociais e dirigentes do clube: José Silveira Machado é o presidente da Assembleia Geral; dr. Orlando Valadão Chagas, pre-

sidente da Direcção e general Venâncio Deslandes, presidente do Conselho Fiscal e Disciplinar.

De notar que apenas é novidade, em relação à notícia que publicamos há já algum tempo o nome do general Venâncio Deslandes, ocupando um lugar em princípio destinado ao prof. Palma Carlos e que este não pode aceitar (diz-se) que, por doença. O dr. Valadão Chagas já tem outros nomes na sua lista (é aos presidentes que compete escolher o restante elenco), mas está na disposição de só os revelar na Assembleia Geral, que se deve realizar na segunda quinzena de Março.

NOTÍCIAS E FACTOS

JOGOS JUVENIS: Estão abertas, até ao dia 31 de Maio, as inscrições para os II Jogos Juvenis da Pontinha, que este ano se disputam nos meses de Agosto e Setembro. Podem inscrever-se jovens dos dois sexos, dos 8 aos 16 anos, nas modalidades de andebol, atletismo, basquetebol, ciclismo, damas, futebol de nove, ténis de mesa, voleibol e xadrez. A secretaria dos jogos funciona no Bairro dr. Mário Madeira, 177, na Pontinha.

NATAÇÃO: As provas referentes à segunda jornada dos campeonatos regionais de Inverno realizam-se esta noite, a partir das 21 horas, na piscina do Areiro.

BASQUETEBOL: Principia no domingo o Campeonato Nacional de Juniores, Zona Norte, efectuando-se os jogos Académica-Vasco da Gama (11 horas no Pavilhão Universitário de Coimbra) e F.C. do Porto-Galitos, à mesma hora, no Pavilhão do Académico do Porto. Também na Zona Norte, prossegue o Campeonato Nacional Feminino de II Divisão, constando da jornada de domingo (a segunda), os jogos: Cucujães-Galitos (Pavilhão da Sanjoanense), Esqueira-Sanjoanense (em Aveiro) e Olivais-Sangalhos (Pavilhão do Conimbricense). Os três jogos das meninas efectuem-se às 16 horas.

CLARK TRANSFERE-SE: O americano do Académico, Robin Clark transferiu-se para o Futebol Clube de Luanda. A transferência está autorizada e foi, inclusivé comunicada pela Federação de Basquetebol.

CONVÍVIO: Integrada na actual promoção, a nível nacional, da modalidade de minibasquete, decorreu no passado domingo dia 25-2-73 e nas instalações do Estádio Nacional, uma jornada de convívio inter-estabelecimentos de ensino do Distrito de Lisboa. Participaram cerca de 800 jovens de ambos os sexos, disputando um total de 80 jogos simultâneos.

FORTUNA: O máximo dos ganhos num concurso de prognósticos de futebol foi alcançado na quarta-feira por um contramestre britânico de 56 anos, James Wood, que ganhou 542 252 libras (32 500 contos), apenas com uma libra. O máximo anterior era de 536 000 libras. Wood, que começou a apostar há dois anos, pensou consagrar a sua nova fortuna à compra duma casa de campo, para que sua espo-

sa possa criar cães, e duma reserva de pesca onde possa dedicar-se ao seu passatempo favorito: pesca do salmão.

TAÇAS: Na sede da delegação da F.N.A.T. do Porto, efectua-se hoje às 19 horas, a distribuição de prémios respeitantes aos campeonatos corporativos das épocas 1969-70 e 1970-71. Serão distribuídas 197 taças, 1 324 medalhas e 20 placas. No final será servido um beberete aos atletas premiados e dirigentes dos centros.

ESTÁGIO: Incluído nas acções promovidas pela Direcção-Geral da Educação Física e Desporto e com vista a melhorar a qualidade do respectivo ensino, vai ter lugar na Escola de Instrutores de Educação Física do Porto, ministrado pela especialista francesa M.me Costa, um estágio de informação de basquetebol destinado aos docentes sem habilitação específica. Data: de 5 a 9 de Março.

MINIBASQUETE EM LEIRIA: Cerca de 500 crianças do ensino primário de Vermoiz, Meirinhos, Parceiros, Marrazes, Boavista, Cortes, Monte Real, Leiria, Barreiros, Várzea, Arrabal, Monte Redondo e Pombal participaram na quinta movimentação de minibasquete no ensino primário do distrito de Leiria. O festival educativo decorreu no estádio municipal e revestiu-se de grande beleza.

BRAGA: Na tarde do dia de Carnaval, a Associação de Futebol de Braga realiza dois jogos entre selecções regionais, nas categorias de juvenis e juniores. Em juvenis defrontam-se Braga e Viana do Castelo, com início às 15 horas, e em juniores jogam Braga e Porto, devendo o encontro principiar às 16 e 30. Ambos os jogos se efectuem no estádio 28 de Maio, em Braga.

BASQUETE NACIONAL: O Sporting conquistou o título de campeão distrital de Lourenço Marques em basquetebol e participará, juntamente com o Ferroviário (segundo classificado) no campeonato provincial da modalidade. No último encontro da prova, o Ferroviário venceu o desportivo por 74-66.

BASQUETE INTERNACIONAL: Em encontro da 1.ª «mão» das meias-finais da Taça da Europa dos Vencedores das Taças de Basquetebol (senhoras), o Levski Spartak (Bulgária) venceu o Slavia de Praga (Checoslováquia) por 90-78 (42-34).

INDÚSTRIAS QUÍMICAS SYNRES PORTUGUESA, S. A. R. L.

Capital Social:
Esc. 11 000 000\$00

Sede Social:

Rua de Marvila, n.º 151 — Lisboa

CONVOCATÓRIA

Ficam por este meio convocados os Ex.ºs Senhores Accionistas para a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade que terá lugar na sede social, no próximo dia 31 de Março, pelas 10 horas, com a seguinte ordem de trabalho:

- 1.º — Discutir e aprovar, modificar ou recusar o balanço e contas relativas ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1972, bem como o relatório do conselho de administração e o relatório e parecer do conselho fiscal;
- 2.º — Preencher as vagas existentes nos corpos sociais;
- 3.º — Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse social ou administrativo.

Lisboa, 1 de Março de 1973.

P'lo Presidente da Mesa da Assembleia Geral — o 1.º Secretário —
António Monteiro Gomes Varela.

carnaval Sheraton

Dias 3 e 5 — Noites Grandes de Carnaval!
É Sheraton Informal! Sensacional! Infernal!
O mais brasileiro ambiente de samba e reinação!
O Carnaval do Rio veio ao Sheraton com Escola de Samba e tudo!
O principal é reservar! 563911 Fundamental!
É preciso contar consigo para a ceia à uma hora:
Churrasco Gaúcho — Farofa à brasileira — Pastelinhos e Quindins, tudo incluído e para si e o seu par uma garrafa de espumante.
As quatro, para retemperar, vai chocolate quente! Vail!
O que vocês vão dançar! Até o dia chegar!

Reservas: 563911



Lisboa-Sheraton Hotel

SHERATON LISBOA - Rua Latino Coelho, 1 - Telef. 563911-41-51
UM SERVIÇO MUNDIAL DA ITT



Restaurante MONTES CLAROS

MIRADOURO

Telefone 636566

Direcção de ÂNGELO PEREIRA

CARNAVAL
DE GRANDE ANIMAÇÃO FAMILIAR

Boa Música e bons Jantares e Ceias
PREÇOS FIXOS

Maiores 15 anos

BASQUETEBOL

Barreirense : 90 dias de interdição

Concluído o campeonato metropolitano de basquetebol, a Federação distribuiu o seu último comunicado disciplinar, que envolve matéria basta para reflexão, tal a quantidade e o peso das penas aplicadas. Assim, em face das ocorrências verificadas no ginásio do Barreirense (após o jogo com o Sporting), o F. C. do Barreirense foi punido com a multa de 500 escudos e a interdição do seu ginásio para a prática do basquetebol, em 90 dias, a contar de 1 de Março.

Ficou também suspenso, mas preventivamente, e até que o processo disciplinar instaurado se conclua, o massagista da Académica, Rosado Cordeiro devido a factos ocorridos no jogo Ginásio Figueirense-Académica.

Quanto aos jogadores, a lista

de castigos é muito mais completa e abrange praticantes de alto valor técnico como é o caso de Aniceto, Killium e Carlos Sousa. Por partes temos: Aniceto (do Vasco da Gama), castigado em 60 dias de suspensão reduzidos a 30 dias; Carlos Sousa, do Sporting, castigado com a pena de 15 dias de suspensão, reduzida a 8; Ernesto Killium, do Barreirense (neste momento já está na América), recebeu como pena da expulsão, 60 dias reduzidos a 30.

Com 60 dias foram ainda punidos José Casals, do Oliveira do Douro; Nelson Costa, do Leixões; Virgílio Lopes (Atlético); Nicolau Cadima do Oriental e Fernando Santos do Atlético Moscavidé estão também suspensos, mas apenas com 15 dias reduzidos a 8.

BOXE: O "NOBRE" ABRAÇO



O cubano mexicano José «Mantequilha» Nápoles conservou o título mundial dos leves, ao bater o americano Ernie Lopez, por KO, ao sétimo assalto. Na imagem, o vencedor auxilia o seu adversário (semi-inconsciente) a levantar-se e a sair do «ring».

Entretanto, Carlos Monzon, o argentino campeão mundial dos médios, foi nomeado o «pugilista do ano» em 1972, pela Associação de Jornalistas Desportivos, que escrevem sobre Boxe, de Nova Iorque.

Numa eleição semelhante, cujos resultados foram anunciados antes pela revista «Ring», essa publicação mensal escolheu Monzon e o antigo campeão mundial dos pesados Muhammad Ali como vencedores conjuntamente do prémio do «pugilista do ano».

Em Santa Fé, na Argentina, Monzon teve alta de um hospital após ter sido submetido a tratamento de um ferimento de bala no seu antebraço direito. Declarou a jornalistas que o ferimento não afectaria a sua carreira.

O pugilista, de 30 anos, desmentiu certas notícias da Imprensa dizendo que tinha sido alvejado a tiro pela mulher durante uma discussão. «Isso não é verdade. Minha mulher nem mesmo se encontrava em casa na altura», afirmou.

Acrescentou que ficara ferido quando se disparara acidentalmente um revólver de calibre 22 que estava a limpar.

Merckx: Mais uma

O extraordinário ciclista belga Eddy Merckx ganhou hoje a Volta à Sardenha, mais um «palmarés» no conjunto dos seus grandes triunfos.

A Volta à Sardenha durou seis dias e terminou com a sexta etapa, dividida em duas tiradas. A

primeira de Nuoro a Olbia, que foi ganha pelo italiano Ercole Guallazzini, e a segunda, de 133 quilómetros, de Olbia a Sassari, com vitória do italiano Franco Bitossi.

Eddy Merckx continua em rodagem triunfos consecutivos. Quando parará?

SELECCÃO EM PARIS COM PELÉ NO HOTEL

Reportagem do enviado especial
NEVES DE SOUSA

«Ainda podem surgir problemas, mas a minha selecção está feita, com Freitas a jogar ao lado de Humberto e Quaresma no meio campo entre Toni e Simões», dizia-me esta manhã José Augusto, no átrio do Victoria Palace Hotel, em Paris, enquanto esperava a chegada dos jogadores do Santos, que também aqui estão instalados, no regresso de uma digressão à Alemanha.

Pelé, (que tem reservado o quarto número 516) não dormiu no hotel, não come cá nem apareceu ainda. Dorme em casa de uns amigos, com a esposa, que o acompanha sempre nas viagens do Santos. Segundo as cláusulas do novo contrato de Pelé, o Santos tem que pagar estadia e viagens à esposa do jogador por onde quer que a equipa viaje. Eusébio sabedor disso, já aqui disse que no próximo contrato também vai pedir tal regalia. Mas parece-me que era só a brincar... À hora a que telefono este serviço, os jogadores do Santos estão no átrio do hotel, rodeando Eusébio e pedindo-lhe autógrafos, enquanto se preparam para regressar ao Brasil, no avião das 13 horas.

Das informações de José Augusto, sobre Freitas e Quaresma, ficou a saber-se a constituição da selecção nacional: José Henrique; Artur, Humberto, Freitas e Adolfo; Toni, Quaresma e Simões; Nenê Eusébio e Abel. O prémio do jogo é de quatro contos e os efectivos estão a fazer força para que seja igualmente atribuído aos suplentes, como aconteceu na Minicopa.

A selecção portuguesa chegou bastante tarde a Paris, mas ainda teve tempo para visitar o Concorde (alinhado no aeroporto de Orly junto do Hotel Hilton) e fazer um treino em Joinville, nas instalações da Academia Militar

e do Instituto Nacional de Educação Física, um complexo escolar com 3000 alunos e 86 professores. Não houve autorização para treinar no Parc des Princes, mas José Augusto pensa realizar lá o treino de hoje, marcado para as cinco da tarde. O estádio tem 40000 lugares, prevenido-se lotação esgotadíssima, com a receita total de 5000 contos. Os dois primeiros anéis (lugares marcados), já estão vendidos. Há um problema: cada lugar é apertadíssimo e perguntam os portugueses que lá vão, onde meter os filhos que certamente os acompanham.

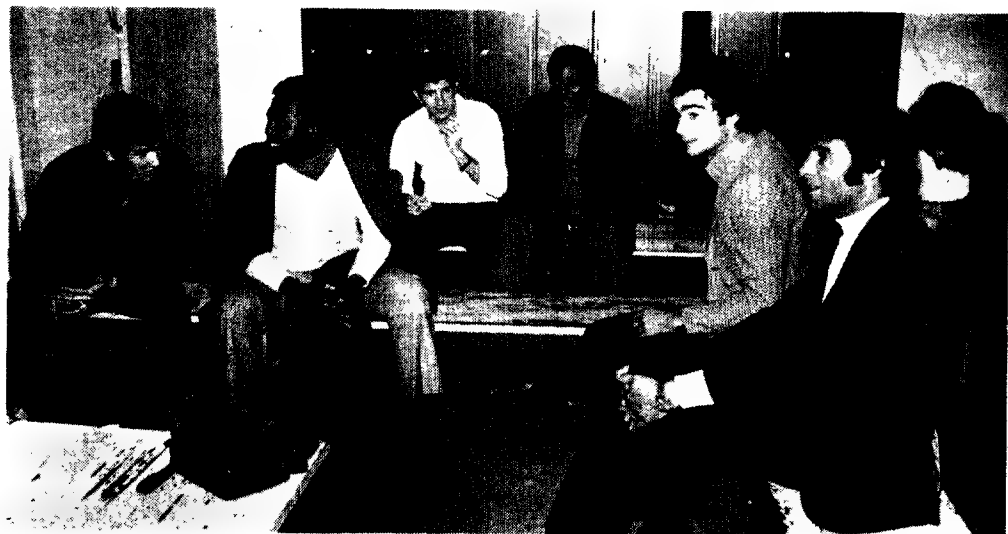
Na peladilha de ontem, registou-se um empate a cinco golos, jogando de um lado José Henrique, Adolfo, Murça, Quaresma, Toni,

Humberto Simões, Artur Jorge e Peres Bandeira e do outro os restantes elementos. Marcadores: Artur Jorge (3), Humberto (2), Eusébio, Nenê, Dinis e José Augusto.

Para o dia de hoje além do treino, está marcada uma manhã de compras. Os jogadores, depois das onze, tiveram autorização para ir aos armazéns aqui do «Quartier», até à hora do almoço. Uma preocupação: Germano Oscar, tem de comprar peugas novas. Veja-se só isto: há equipamentos da selecção que datam do tempo em que José Augusto era junior! Para a substituir na totalidade a Federação teria de gastar meia centena de contos.

DAMAS E O CONTRATO

Estas viagens são uma



O aproximar da hora do jogo com os franceses, não diminui a confiança e boa disposição dos seleccionados portugueses. Provam-no, os rostos abertos de Murça, Freitas, Nenê, Diniz, Damas, Quaresma e Adolfo

Benfica vencido em Viareggio

Nos quartos de final do Torneio de Juniores de Viareggio o Bologna venceu o Benfica por 1/0 (0/0) e o Steaua de Bucareste venceu o Lanerossi Vicenza por 2/0 (1/0). O Benfica está, assim, eliminado da competição, disputando as meias-finais, além dos dois vencedores, ainda o Fiorentina e o Crystal Palace. A ordem dos encontros será a seguinte: Steaua de Bucareste-Bologna e Crystal Palace-Fiorentina.

Gordon Banks, o guarda-redes mais famoso da Inglaterra, regressou hoje ao futebol, ao fim de uma ausência de cento e trinta dias, devido a um ferimento na vista, sofrido num acidente de automóvel.

Banks, de trinta e quatro anos, jogou durante a primeira parte de um desafio amigável, em que a sua equipa, o Stoke City, defrontou e derrotou por 3-0 a equipa grega do Olympiakos do Pireu. Quando Banks saiu, ao fim da primeira parte, o mar-

cador estava em branco.

pa do grupo.

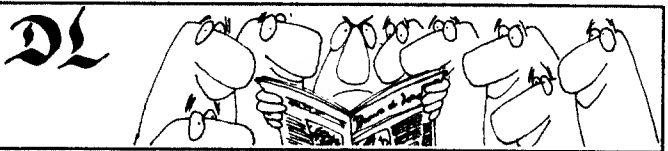
Em jogo do campeonato do mundo realizado em Atenas, a selecção da Jugoslávia venceu a Grécia por 2-0, abrindo, assim, caminho para uma muito provável qualificação no seu grupo. O segundo jogo entre as duas equipas efectua-se em Belgrado a 17 de Outubro, e se a Jugoslávia ganhar por duas bolas bastar-lhe-á depois empatar, em casa, o último encontro com a Espanha, a terceira equi-

A selecção de Esperanças fez ontem, à tarde o mais positivo treino da sua preparação, ao vencer os Juniores por 9-1, em animada e proveitosa sessão. A equipa mais jovem apresentou-se desfalcada de alguns elementos. (José Maria, Mais da Silva e David, actualmente no torneio de Viareggio e Palhares, Serrano e Barrinha, que deram lugar a outros jovens ainda não experimentados).



COMUNICADO

ARMANDO FERNANDES, ex-empregado de uma firma de electrodomésticos, tem o grato prazer de informar os seus clientes e amigos que se estabeleceu e que a partir de 1 de Março os aguarda no seu estabelecimento, no Largo de D. Estefânia, 12-D—Telefones 534536 e 48856.





FUNDOS DE ESTADO

Efect. Compra Venda

Cons 2 3/4	463\$	463\$	-
Cons 3	501\$	501\$	585\$
Cons 3 1/2	580\$	580\$	-
Centenários	-	1.300\$	-
Tes 5 % 57	-	1.011\$	-
Tes 5 % 59	-	1.011\$	-
Extern 1 a c	632\$	632\$	-
Extern 3 a s	634\$	634\$	-
Extern 3 a c	-	725\$	-
Caut 3 a s	-	730\$	-

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	910\$	900\$	-
C M L 5 3/4	1.020\$	1.020\$	-
C P 5 5 %	-	980\$	-
C P 5 5 %	-	980\$	-
C P 5 5 %	-	980\$	-
Corr 5 3/4 %	-	-	955\$
Metr 5 3/4 %	995\$	995\$	-
Tur 5 3/4 %	-	1.030\$	-
C P 6 3/4	-	-	-

ELECTRICAS

G 5 %	58	-	-
G 5 %	59	-	-
G 5 %	62	-	-
G 5 %	63	-	-
G 5 %	64	-	-
G 5 %	65	-	-
G 6 %	67	-	-
G 6 %	69	-	-
G 7 %	71	-	-
H E C 5 %	-	-	-
H E D 5 %	-	-	-
H E D 6 %	-	-	-
H E N P 5 %	-	-	-
H E S E 5 %	-	-	-
H E S E 5 %	-	-	-
H E Z 5 %	-	-	-
H E Z 5 %	-	-	-
N Elec 6 %	-	-	-
Termoele 5 %	-	-	-
U E P 5 %	-	-	-
U E P 5 %	-	-	-
U E P 6 %	-	-	-

DIVERSAS

A P T 5 %	56	-	-
A P T 5 %	58	-	-
Lisnave 6 %	-	-	-
Nitratos 60	-	-	-
Pet 2 a 5 a	-	-	-
Sacor 7 %	-	-	-
Sacor 5 %	-	-	-
Sacor 5 %	-	-	-
Sid 5 %	-	-	-
Sid 5 %	-	-	-
Sid 5 %	-	-	-
Socel 5 %	-	-	-
U Fabril 67	-	-	-
U Fabril 68	-	-	-

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	-	-	-
Rev 5 %	-	-	-
Rev 5 %	-	-	-
Moçamb 5 %	-	-	-
Sonefe 5 %	-	-	-

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.250\$	6.250\$	-
Algarve	3.000\$	3.000\$	3.050\$
Alentejo	2.500\$	2.490\$	2.500\$
Angola	5.400\$	5.380\$	5.400\$
Borges & Irmão	8.300\$	8.300\$	8.400\$
Crédito Predial	5.920\$	5.900\$	5.930\$
Espírito Santo	16.950\$	16.900\$	16.950\$
Fomento	5.700\$	5.650\$	5.700\$
F. & Burnay	-	72.000\$	74.000\$
Intercontinental Português	-	-	-
N. Ultramarino-m.	6.700\$	-	6.700\$
N. Ultramarino-c.	9.900\$	9.800\$	9.900\$
Pinto & Sotomayor	19.300\$	19.300\$	19.400\$
Portugal-n.	-	5.000\$	-
Portugal-p.	-	-	9.100\$
P. Atlântico	16.400\$	16.400\$	16.450\$
Totta & Agóres	8.950\$	8.970\$	9.000\$

J. BURNAY, LD^a

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco do Alentejo
Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

GERAL	23-2-73	1-3-73	2-3-73
METROPOL	273,1	278,5	279,5
ULTRAM	283,6	290,5	290,7
	196,3	190,6	197,0

De Seguros

Alentejo	580\$	575\$	580\$
Bonança	24.000\$	23.100\$	-
Império	45.000\$	45.000\$	-
Mundial	2.900\$	2.880\$	2.900\$
Soberana	8.400\$	8.300\$	8.500\$
Tranquilidade	-	-	-

Eléctricas

C P E P	1.195\$	1.190\$	1.200\$
C P E n	1.180\$	1.180\$	-
E Beiras	1.830\$	1.820\$	1.840\$
G Elec c	348\$	347\$	348\$
H E A A	166\$	166\$	167\$
H E N P	-	-	280\$
H E S E	-	-	1.650\$
U E P	180\$	180\$	181\$

Ultramarinas

Ag Cassequei	1.210\$	1.210\$	-
Ag Incomat	-	-	-
Ag S T e P	-	-	-
Ag Angola	2.200\$	2.200\$	-
Ag Angola	320\$	320\$	-
Ang Agric	690\$	680\$	-
Boror	-	-	220\$
Boror Com	-	-	80\$
Buzi	89\$	89\$	90\$
Cabinda	-	-	-
Com Lobito	660\$	660\$	-
D A T 100	2.310\$	2.300\$	2.350\$
H E Revue	-	-	500\$
I do Princ	-	-	-
Moçambique	350\$	350\$	-
Sonefe n	-	-	-
Sonefe p	400\$	400\$	410\$
Zambézia	-	-	-

Diversas

Ag.Lx.-ant.	-	850\$	850\$
Ag.Lx.-34	-	850\$	860\$
Ag.Lx.-36	-	-	-
Cel. Guadiana	-	5.400\$	5.600\$
C. Leiria-p.	18.200\$	18.000\$	18.500\$
C. Tejo-p.	50.500\$	50.600\$	51.000\$
F. Ramada	1.400\$	1.400\$	1.410\$
Fornos Eléctricos	-	280\$	290\$
P. Celulose	6.600\$	6.500\$	6.900\$
Siderurgia-p.	7.500\$	7.500\$	7.600\$
Siderurgia-n.	4.200\$	4.200\$	4.300\$
Socel	5.000\$	4.950\$	5.000\$
Cidia	9.550\$	9.500\$	9.650\$
C. U. F.	3.480\$	3.480\$	3.500\$
Intar	600\$	600\$	610\$
Nitratos	-	-	1.200\$
Petroquímica	-	-	-
Sacor	5.100\$	5.080\$	5.120\$
Tab. Portugal	7.400\$	7.400\$	7.500\$
Tabaqueira	11.700\$	11.700\$	11.900\$
U. F. Azoto	840\$	840\$	-
Empor	450\$	400\$	470\$
Ind. Aliança	-	-	-
I. P. Colónias	1.520\$	1.510\$	1.550\$
Nacional Navegação	-	-	4.300\$
Navegação (Col.)	-	-	-
P. Pesca	1.100\$	1.100\$	-
Matur	3.000\$	3.000\$	3.300\$
R. Marconi	2.050\$	2.050\$	-
T. A. P.	-	-	1.450\$
Compal	-	-	-
Salv o	-	-	1.900\$
Penina	-	2.500\$	2.750\$
Grão-Pará	1.800\$	1.800\$	1.900\$
Lisnave	15.600\$	15.600\$	-

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	207 80	214 00
-----------	--------	--------

COTAÇÕES

PAÍSES

COMPRAS VENDAS

Africa do Sul	Rands	30\$00	33\$00
Alemanha	Marco	8\$60	9\$00
América	-	-	-
Dollars de 1 a 2	-	24\$30	25\$20
Dollars de 5 a 20	-	24\$70	25\$80
Dollars de 50 a 1000	-	25\$00	25\$90
Argentina	Peso Novo	-	-
Austria	Schilling	1\$20	1\$26
Bélgica	Franco	\$61,5	\$65
Brasil	Cruzeiro	3\$60	4\$40
Canadá	Dólar	24\$30	25\$20
Dinamarca	Coroa	3\$90	4\$30
Espanha	Peseta	\$42	\$46
Frância	Franco	5\$35	5\$70
Holanda	Florim	8\$55	8\$95
Inglaterra	Libra	61\$50	64\$50
Itália	Lira	\$04	\$044
Marrocos	Dhram	-	-
Noruega	Coroa	4\$05	4\$40
Suécia	Coroa	5\$45	5\$85
Suiça	Franco	7\$65	8\$05

Ouro

Inglaterra	Libra Isabel	610\$00	660\$00
Inglaterra	1/2 Libra	600\$00	670\$00
Ouro fino Barra	-	70\$00	76\$00

BANCO DO ALENTEJO



GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Série do Oeste

«OS HOMENS DO RANCHO SHILOH»

2.º Programa (22.00)

Eurovisão

CAMPEONATO DO MUNDO DE PATINA-
GEM ARTÍSTICA
PATINAGEM LIVRE DANÇA

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados
(Barney)
13.00 Feminino singular
13.20 Arnie
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa Física Moderna
19.30 Telejornal 3.ª Edição
19.45 TV Palco
20.15 Cartaz TV
20.30 Eurovisão Campeonato do Mun-
do de Patinagem Artística (Pati-
nagem Livre-Dança)
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Os Homens de Shiloh
23.40 Telejornal 4.ª Edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA

20.30 Abertura e Desenhos animados
21.00 Arnie
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Eurovisão Campeonato do Mun-
do de Patinagem Artística (Pati-
nagem Livre-Dança)
23.15 Encontro com o Mundo A Grécia
- O Parthenon
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos Animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Do, Lá, Si.
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV Educativa Ginástica Infantil
15.05 O Mundo à nossa volta O Rio
Sahmon e a Natureza
15.55 Daniel Boone, O Mapa do Tesou-
ro.

16.50 Teledesperto
17.15 Danças e cantares Rancho de
Santa Maria da Reguenga
17.40 Nós as mulheres
18.05 As flores e o seu mundo
18.30 Movimento
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.40 E a vida continua
20.00 Museu do cinema, Charlot.
21.30 Se bem me lembro
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 A Rapariga de Avinhão
22.30 Eurovisão, Campeonato do Mun-
do de Patinagem Artística (Pati-
nagem Livre-Homens)
23.45 Telejornal 4.ª Edição
00.30 Meditação e fecho.

2.º PROGRAMA

19.30 Abertura e Eurovisão, Campeona-
to do Mundo de Patinagem
Artística (Patinagem Livre-Ho-
mens)
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Noite de cinema, O Tal Senti-
mento.
00.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judicijaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	86 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continen-
tal o céu estava ligeiramente
limpo e o vento era fraco de
Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	10º
P. DOURADAS	7º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	11º
LISBOA	10º
FARO	11º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Anadia, Régua e Fonte Boa
Máxima 19º

Elvas
Mínima 0,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,2º
Atmosfera 12,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.33 3,5 m	8.18 1,2 m
15.00 3,4 m	20.29 1,2 m

Dia 3

3.14 3,7 m	8.55 1,0 m
15.37 3,6 m	21.06 1,0 m

Dia 4

3.50 3,8 m	9.30 0,8 m
16.12 3,7 m	21.42 0,8

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fra-
co de Leste; arrefecimento noc-
turno com formação de geada
nos locais abrigados do Norte.

AMANHÃ

NAScer ÀS 8.07
OCASo ÀS 19.32



DIA 5 DIA 11 DIA 18 DIA 26



EMISSION 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio - Programa da Juventude
16.50 Rádio Escolar
18.30 Programa do Serviço de Infor-
mação Pública das Forças Ar-
madas
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver por M.ª Na-
tália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O pianista Liberdade
20.30 18.º Episódio do folhetim «El-
Rei D. João II»
20.50 Solos de órgão
21.00 Momento 73
21.30 A palavra e a voz pelo Rev.
Padre Dr. Videira Pires
21.45 Fantasia portuguesa
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro por
Fernando Correia
00.00 Junção (Entra o MF 1 de Lx)
Sinal horário de um dia para
o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada por Pe-
dro Moutinho
02.00 Fecho

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música sinfónica
22.52 Música de câmara
23.55 Anas de ópera, de Haendel
00.25 Sinfonia N.º 4, em Ré Menor, Op.
120 (Schumann)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa C. D. C
18.02/ 21.00 Programa «MOVIMENTO»
21.00/ 24.00 «QUADRANTE 2-9-0»
21.03 Portugal Além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Rubrica policial do inspector Va-
ratorjo
23.19 Tempo de fado
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
08.00 Diálogo rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Verice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gó-Gó
23.00 Noticiário, programa à Gó-Gó
(continuação)
00.02 Em órbita dos
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNS B-1
TODA A NOITE

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)

ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131); Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 774682)

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afonso de Albuquerque, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua dde Arroios, 215 (Tel. 45079)

BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 84948)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-324224)

BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)

CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)

CAMPO DE OURIQUE
Porfirio, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)

ESTRELA
Soares, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)

GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)

INTENDENTE
Góia, Rua dos Anjos, 12-12-D (Tel. 840101)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790704)

OLIVAIS
S. Paulo, Rua José de Campos, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) — Olivais Sul (Tel. 310711)

RESTELO
Occidental, Rua D. Jerónimo Osório, J. M. P., 3 (Tel. 610256)

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luiz Bivar, 69 (Tel. 47213)

XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

TURNS B-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)

ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)

ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465); Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070)

AREIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); Universal, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)

BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Tel. 321289)

BENFICA
Souza, Estrada de Benfica,

429 (Tel. 780027-789985)

CAMPO GRANDE

(Ver Alvalade e Lumiar).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)

ESTRELA
Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); Paivas e Parvante, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Tel. 665196)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)

OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4) Lote 43 — Zona Poente (Olvais Sul) (Tel. 310026)

PENHA DE FRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A, à Avenida D. Afonso III (Tel. 843439)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)

REGO
Pratas e Mota, Rua Beneficência, 91 (Tel. 7737728)

RESTELO
Tavares, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moirinhos) (Tel. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691)

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A. 15 (Tel. 260116)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde Monte Real — B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, Lote 146, B.º Janeiro (Tel. 932756); Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1, Reboteira (Tel. 938424)

DAMAJÁ
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gemeiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Higiênica, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barras, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice, P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

7.º TURNO

SUB-TURNO A
Alfio de Barros, Suc., R. de Costa Cabral, 240. Central, R. Santo António, 203. Gomes Camelo, Rua de Cedeira, 348. Magalhães, R. de Serravallo, 566. Nova de Monsanto, Rua de Monsanto. Ribeiro Júnior, Suca, R. Firmeza, 99 A

SUB-TURNO B
Correia, P. M. de Albuquerque, 50. Corujeira (da), R. S. Roque Lameira, 1473. Couto, L. S. Domingos, 106. Lapa (da), R. Antero Quental, 211. Luso-Francosa, R. Sa da Bandeira, 140

COIMBRA

TURNS F
Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); Santa Cruz, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569); Higiene, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

Cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)

5.ª Semana
Técnico. Barba Streisand e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR»
Rua Castilho — Metro Rolunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 555131)

15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Sergio Corbucci «O CANTICO DA NAVALHA» Adriano Celentano e Claudia Mari. (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c. m.) Zero em comportamento Atalante. (Metro: Alameda).

CASINO (Tel. 2642/264949)

17.00 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«AS FÉRIAS GRANDES»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
7.ª Semana
Uma adolescente, os sonhos a imaginação... o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabel Adjani, Muriel Catala. Hoje e amanhã às 24.30 (Grupo D-18 anos). «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA»

MUNDIAL (Tel. 538743)

18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3.ª semana de êxito
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Pricell na comédia colorida sobre o desejado movimento de libertação feminino «QUANDO AS MULHERES QUEREM...» Um frente a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só à noite no «fyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra

ODEON (Tel. 326263)

15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Um festival de gargalhada como nunca se viu, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «AS GRANDES MANOBRAS», um desfile de garotas de estalo.

ROMA (Tel. 727778)

Estreia às 21.45
(Grupo D - 18 anos) - Técnico
Frankie Howard e Julie Ege «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA» As 15.30 últimas de «ENCONTRO COM UMA MULHER DE TRINTA ANOS» (Grupo D-18 anos)

ALVALADE (Tel. 717480)

Estreia às 21.45
(Grupo B-10 anos)
Jean Gabin num filme de Michel Audiard «SONHOS DE UM MARINHEIRO» As 15.15 «EVA» (Grupo D-18 anos)

EUROPA (Tel. 661016)

As 21.30
(Grupo B-10 anos)
O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUETEIROS» As 15.15 «CÉSAR E ROSALIE» (Grupo D-18 anos)

APOLO 70 (Tel. 763319)

15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
11.ª Semana
Técnico. Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen. Hoje às 24.00 - O Riso da Meia-Noite (Grupo D-18 anos) «O PROFESSOR AZARETO» com Terry Thomas e Amélia às 11.00 - Humor e Aventura (Grupo B-10 anos) «O AS VALE MAIS» Com Terence Hill e Bud Spencer

LONDRES (Tel. 731313)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
15.ª Semana, colorido. A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlin) Snack-Bar - Pub-The Flaz, o melhor encontro gastronómico. Hoje às 24.15 - (Grupo D - 18 anos) «O AMANTE» Realização de Ingmar Bergman com Bibi Anderson e Elliot Gould

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo A-6 anos)
Com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «CONTINUAVAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO»
Uma paródia à pirataria aérea. Ciclo Terror à Meia Noite - As 00.30 (Grupo D - 18 anos) «A ILHA DO TERROR»

TIVOLI (Tel. 50595)

Hoje estreia às 21.45
(Grupo A - 6 anos) Technicolor
Um filme de Walt Disney «O D. QUIXOTE DO OESTE» Hoje às 15.15 e 18.30 últimas exibições do filme «A ESTATUA» com David Niven (Grupo D-18 anos)

S. Jorge (Tel. 54151)

As 15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
O Carnaval já começou! «COM JEI-O VAI... NAPÁNDEGA» O Festival do Riso

BERNA (Tel. 776098)

As 15.15 e 21.45
3.ª Semana
(Grupo B-10 anos)
Técnico. Jerry Lewis. «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
58.ª Semana. Record de exibição em Portugal! «TRINITY COWBOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

EDEN (Tel. 320768)

15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«OS NOIVOS DE MINHA MULHER» Alfredo Landa (o delicadinho) Esperanza Roy. Technicolor-Color.

CONDES (Tel. 322523/326710)

Hoje às 21.45 Estreia
(Grupo C-14 anos)
O «Western» mais divertido do ano! «LIMONADA JOE» 1.º Prémio do Festival de San Sebastian Coloridoscope Hoje às 14.15-16.30-18.15 últimas de «MULHERES SEM MARIDO»

VOX (Tel. 720808)

15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
O mais usado filme de Otto Perninger. «AMANTES DESCONHECIDOS» Technicolor.

IMPERIAL (Tel. 821933)

15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«TEMPO DE AMAR» em complemento «DOIS IRMÃOS SICILIANOS»

LYS (Tel. 48560)

21.00
(Grupo D-18 anos)
«A ESTATUA» As 15.00 (Grupo D-18 anos) «O TUMULO DO TERROR» e «O GRANDE AJUSTE DE CONTAS»

BARS
BOITES

Restaurantes típicos

DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. Travesseira da Queimada, 10. Telef. 362889. Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422. (Ar condicionado).

HIPOPOTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 49384.

PRINCEPE NEGRO — Dancing com variedades. Calçada da Glória, 2. Telef. 369987.

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao Conde Redondo) Telef. 560538 Com variedades

CASEBRE — Rua da Barroca, 133. Telef. 369760. Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Dedinda Rodrigues e Nazaré. A 100h. convidado especial em tempo-show. Folclore pelos trópicos de Vila Franca de Xira. Encerra com Carvalhinho e Julio Gomes

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria João Nelo e Joaquim Campos em fado lisboá. João Queiroz em fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral Trav. S. Miguel, 22. Alfama-Telef. 868552

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos. Telef. 320164.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 14598, 264621 e 264946.

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859/365167

MARIA VITÓRIA

20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VILLAREY

20.45 e 23.00 (10 anos)
«A mantilha de Beatriz»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA

19.00 (14 anos)
«As balas do odio»

PARIS

21.00 (18 anos)
«Entre a loucura e o crime»

CINEARTE

21.00 (10 anos)
«As minhas pistolas»

JARDIM CINEMA

21.30 (18 anos)
«Discussão no quarto» e «Michael Kohlhaas, o Rebelde»

MAYER

21.00 (18 anos)
«Amores proibidos»

MOSCAVIDE

21.00 (10 anos)
«002 entre policias e ladrões»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS

Oeiras cine
21.00 (18 anos)
«O Mecânico»

ESTORIL

Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«As Férias Grandes»

Palácio

21.30 (18 anos)
«Os 4 cavaleiros do Apocalipse»

CASCAIS

S. José
21.30 (14 anos)
«Um Violino no Telhado»

LINHA DE SINTRA

AMADORA

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ, SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Complexo turístico da Madeira com 80% de ocupação

Dos empreendimentos turísticos ultimamente levados a cabo na Madeira, destaca-se, quer pela sua grandeza, quer pela sua beleza, quer, ainda, pela sua estrutura turística, o Complexo Turístico de Agua da Pena, situado a 3 kms do aeroporto que serve a ilha, desenvolvendo-se no sopé das montanhas que rodeiam a Baía do Machico.

Por contratos firmados com as Agências Cristoffel Reizen, 100 camas por dia; Escandinavian Stratour Corporation, 100 camas diárias, a aumentar para 200 no próximo ano; Airtour Belge, 105 camas por dia; Adac Reizen, 50 camas/dias; Spear Tours, 105 camas por dia; Airtour Austria 50 camas por dia; Airtour France 30 camas por dia; Tourist Centrale 122 dias camas por dia, desde Outubro do ano findo, data da conclusão da primeira fase de empreendimento, que ali se têm instalado centenas de turistas austríacos, belgas, suecos, filandeses, ingleses, dinamarqueses, holandeses.

O índice ocupação, que desde de então nunca foi inferior a 80 por cento, relativamente às unidades habitacionais já construídas e decoradas, foi em alguns períodos superior a 100 por cento, o que obrigou ao envio de alguns clientes para o Hotel Holiday Inn, cuja inauguração acabava, de resto, de ter lugar.

Por outro lado, a Empresa proprietária do complexo viu-se obrigada a um esforço complementar no sentido de terminar no mais curto prazo possível as restantes fases da construção, de forma a poder satisfazer todos os contratos já assinados. Foi assim, que, em meados do corrente mês, entrou em exploração mais um grupo de Flats com apartamentos de diversos tipos.

O elevado número de turistas, cuja presença é assegurada pelos contratos já celebrados e cujo prazo vai até 1974, e de outros cujas negociações estão apenas aguardando ultimização, determina, por outro lado, a necessidade de alargar o número de unidades de convívio social e de apoio, para além das já existentes.

De momento aquele Complexo dispõe já de um Clube Internacional de Bridge; de um Cen-

tro Comercial, do qual fazem parte lojas de todos os tipos desde supermercado, à florista, passando pela Estação de Correio, Agência de Câmbios, etc., e ainda de um «Bowling» e um Cinema para 500 pessoas; uma piscina olímpica aquecida; 3 Restaurantes, um dos quais especializado em comida italiana e um outro com a característica de estar construído junto e num plano inferior ao da piscina, o que permite aos clientes observarem o interior desta, bolte, discoteca, mini golfe; etc.

Por outro lado, é prestado aos turistas um serviço de excursões, quer por estrada, quer por barco, serviço que é prestado por uma Agência de Viagens associada da empresa proprietária do complexo. E, assim, assegurada aos turistas uma estadia simultânea de repouso e de diversão.

Integrada igualmente naquele complexo, e também em regime de exploração pela Holiday Inns, a maior cadeia de hotéis do mundo, existe um hotel de luxo (5 estrelas), o Holiday Inn Madeira, que se encontra em regime de rodagem, quer do equipamento quer do pessoal, estando já previsto para a próxima época um elevado índice de ocupação, pois, dado, o adiantado da época em que a abertura ocorreu, não foi possível fazê-lo incluir no roteiro de Inverno dos «tour operators» de todo o mundo.

Apesar do elevado número de turistas que, como atrás se refere, visitaram o Complexo Turístico da Matur, há necessidade de expandir o tráfego aéreo, sobretudo no campo dos «charters», entre o Continente e a Ilha, já que, devido às condições de utilização do aeroporto, há voos «charters» transatlânticos que, devem fazer escala com transbordo em Lisboa.

Pensa-se mesmo que, resolvendo o problema do tráfego aéreo para a Madeira, se verificará enorme incremento no afluxo turístico para a ilha, cujas potencialidades são de todos conhecidos e que urge não deixar perder, até porque se pode ali fazer turismo ao longo de todo o ano, o que confere à ilha condições quase únicas em todo o mundo.

PLENÁRIO CRIMINAL SESSÃO MOVIMENTADA

Extensos debates jurídicos sobre questões processuais e de fundo relativas aos julgamentos por crimes políticos fizeram com que se tornasse desusadamente movimentada a audiência de ontem no Plenário da Boa-Hora, onde compareceram pela primeira vez réus acusados de ligações com os Comités Comunistas Revolucionários Marxista-Leninistas.

No princípio da sessão da tarde, os seis arguidos — dois engenheiros, um licenciado em Direito, um professor de programação e dois estudantes, todos na casa dos vinte anos — negaram, em breves intervenções, as actividades de que são acusados e que ontem referimos.

Pouco depois de iniciado o julgamento, o dr. Victor Wengrovius, advogado do estudante Carlos Tomás, requereu que o processo fosse declarado nulo por falta de presença de advogado nos interrogatórios do seu constituinte, preso pela Direcção-Geral de Segurança em 9 de Setembro de 1972. A nulida-

de (a existir) estaria já sanada, segundo o Ministério Público (representado pelo dr. Costa Saraiva) e pelo Tribunal, que indeferiu o requerimento, com base sobretudo nas disposições do Decreto-Lei n.º 368/72 (reorganização da DGS).

O dr. Joaquim Mestre, advogado do dr. Duarte Teives Henriques, requereu depois que certos volumes do processo lhes fossem confiados para estudo (confiança do processo). Dado que não lhe fora autorizado o acesso aos autos antes do julgamento, aquele causidico pediu que a audiência fosse suspensa por 24 horas, se a confiança lhe fosse concedida. O colectivo presidido pelo desembargador dr. Morgado Florindo deferiu o requerimento, sendo os volumes confiados por 24 horas, mas não suspendeu a audiência.

O dr. Manuel João da Palma Carlos, que defende os réus eng.º Rui Teives Henriques, eng.º Fernando Brito e o estudante Prudêncio Vieira, requereu depois que fossem remetidos a juízo, para que se possa avaliar se oferecem ou não interesse para a apreciação da causa, todos os livros e documentos que a D.G.S. apreendera aos seus constituintes. O tribunal deferiu o pedido.

Depois do interrogatório dos réus — o tribunal ouviu o depoimento de um declarante e o princípio de uma testemunha de acusação, o agente da D.G.S. Melo e Silva.

O dr. Jorge Sampaio requereu então que a testemunha não fosse admitida a depor, alegando que as suas declarações não poderiam incidir sobre nenhum ponto da matéria acusatória, mas tão-só sobre o facto de dizer ter assistido à assinatura dos autos de perguntas dos arguidos. O tribunal indeferiu.

O dr. Palma Carlos requereu então a **contradição** da testemunha, em extenso documento jurídico.

NOS PRÓXIMOS TRÊS MESES Vai ser estudada a reestruturação do comércio retalhista

A reestruturação do pequeno comércio vai ser estudada nos próximos noventa dias por um grupo de trabalho nomeado por despacho do secretário de Estado do Comércio. A baixa dimensão média dos estabelecimentos existentes que na maioria dos casos servem um número diminuto de famílias e o facto de, ultimamente, terem aparecido bastante supermercados que possibilitaram, assim, uma nova experiência no sector, contribuiu, também, segundo o despacho, para que a referida reestruturação fosse considerada indispensável.

Logo no início do documento se afirma que «as estruturas actuais do comércio em Portugal, nomeadamente do ramo dos armazénistas e retalhistas de mercaderias, carecem de uma adequada e rápida transformação, de forma a se enquadrarem na evolução económica bem como corresponderem às novas características da sociedade em que se inserem».

O dr. Alexandre Vaz Pinto cita a seguir alguns dados estatísticos «deforma a explicitar melhor esta realidade». Aquele membro do Governo conclui que «é baixíssima a dimensão média dos estabelecimentos, fenómeno particularmente agudo nos meios rurais».

Estimam-se em cerca de 50 000 o número de retalhistas de mercearia actuando no Continente, o que para uma dimensão média familiar de 4 pessoas, equivale a fazer corresponder a cada retalhista de mercearia cerca de 40 famílias apenas. Segundo o Grémio de Retalhistas de Mercearia do Centro, uma mercearia de dimensão média, situada em Lisboa, precisaria de abastecer cerca de 900 pessoas de forma a funcionar em condições satisfatórias de rentabilidade.

Como se referiu, a proporção para o Continente não atinge sequer 200 pessoas por mercearia e, em Lisboa, rondará provavelmente as 380 pessoas por estabelecimento daquele ramo».

Finalmente é nomeado o grupo de trabalho no qual estão representados o comércio armazénista e o comércio retalhista. O referido grupo deverá apresentar o seu relatório no prazo de 90 dias.

ZECÃO DEIXA O BEIRA MAR

Começou a debandada dos brasileiros ao serviço do futebol Beira Mar. Alegando inadaptação ao futebol português, Zecão pediu a rescisão do contrato que o ligava ao clube aveirense. Aceite a solicitação do jogador, outros pretendem tomar o mesmo rumo. Com a saída de Zecão

(que regressa ao Brasil) ficam ainda no Beira Mar seis futebolistas oriundos do país-irmão: Baixa, Cleo, Alemão, Paulinho, Vítor e Edson. Em má situação na tabela do campeonato, a colectividade de Aveiro começa a pagar o preço (caro) de decisões pouco reflectidas. Que sirva de proveito.

IMPOSTO DE TRABALHO

A Câmara de Lavira, por proposta do seu presidente, decidiu anular o imposto de trabalho, que, embora lançado provisoriamente, se

vinha prolongando para além do tempo previsto. Numerosos telegramas de regozijo chegaram aos Paços do Concelho.

NOTAS POLÍTICAS

CORPORAÇÕES

Integrada no programa da visita do subsecretário de Estado do Trabalho ao distrito de Faro, realizou-se ontem nesta cidade a reunião mensal de coordenação dos responsáveis dos Serviços Regionais do Ministério das Corporações e Previdência Social. Durante o dia de hoje, o dr. Pinto Cardoso reuniu-se com os presidentes das Câmaras dos concelhos em que ainda não funcionam Casas do Povo, presidindo depois a uma reunião de dirigentes destes organismos em funcionamento no distrito.

A.N.P.

Foi eleito por delegados de 40 comissões de freguesia do concelho de Amarante a respectiva comissão concelhia da A.N.P.. Ao acto eleitoral presidiu o prof. Almeida Garrett, presidente da A.N.P. no distrito do Porto, com a presença de outras individualidades, que no fim da votação, segundo relata o «Diário de Notícias» de Lisboa, falaram dos factores de progresso das gentes e das terras, «dentro dos princípios que enformam as actuações partidárias daquela associação política».

RECENSEAMENTO

A pedido de um grupo de cidadãos da freguesia de Benfica, a comissão de recenseamento eleitoral passa a funcionar das 17 às 20 horas de segunda, terça e sexta e das 17 às 22 nas quartas e quintas.

EDUCAÇÃO

Reuniu-se ontem o conselho dos directores-gerais do Ministério da Educação Nacional, sob a presidência do prof. Veiga Simão com a presença do secretário de Estado da Juventude e Desportos e do presidente da Junta Nacional de Educação. O ministro trabalhou também com os elementos do Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura.

MERCADO COMUM

A fim de poder responder a numerosas consultas relativas ao acordo de Portugal com o Mercado Comum, passa a funcionar, por iniciativa da Associação Comercial de Lisboa e da Câmara do Comércio, um serviço de informações especialmente habilitado a fornecer esclarecimentos das relações comerciais entre o nosso país e os membros da antiga EFTA.

POLUIÇÃO

O secretário de Estado da Agricultura visitou o laboratório de fitofarmacologia, instalado na Quinta do Marquês em Oeiras, tendo observado em especial os trabalhos em curso relativo à homologação de produtos farmacêuticos e do estudo da contaminação do ambiente pelos pesticidas.

O CARNAVAL DE 1973

COMEÇA AMANHÃ COM O FAMOSO CONJUNTO DE

MÁRIO SIMÕES

NA «BOITE»

«HIP-POP-PÓTAMO»

O LOCAL ONDE VOCÊ,
QUER QUEIRA, QUER NÃO,
TEM DE DIVERTIR-SE!

Ambiente seleccionado

Maiores de 21 anos

AGÊNCIA DO BANCO BORGES & IRMÃO INAUGURADA NOS AÇORES

PONTA DELGADA, 2. — Foi inaugurada hoje, nesta cidade, uma nova agência do Banco Borges & Irmão, a qual ficará situada na Rua Conselheiro Luis de Bettencourt, n.º 28, numa das zonas de maior movimento comercial.

No acto de abertura do estabelecimento estiveram presentes, entre várias entidades ligadas à vida económica açoriana, os srs. dr. Manuel Marques Guedes, eng.º Alvaro Pinto Correia e Fernando Abrantes, respectivamente, administrador, director e sub-director do Banco Borges & Irmão, e Fernando Tavares da Silva Melo, gerente da

agência.

A presença em Ponta Delgada do Banco Borges & Irmão, através da instalação da sua 42.ª agência, constitui mais um passo significativo na execução do plano de cobertura bancária de todo o espaço continental português, a que aquela instituição de crédito tem vindo a dedicar-se nos últimos anos. No caso dos Açores, a recente iniciativa reveste-se de especial interesse, na medida em que as actuais condições económicas do arquipélago deixam para breve um melhor aproveitamento dos seus recursos naturais, bem como o desenvolvimento das zonas mais industrializadas, no

meadamente na ilha de S. Miguel. O novo estabelecimento poderá, por isso, vir a contribuir utilmente para a instalação das infra-estruturas financeiras necessárias à dinamização económica em vista, em obediência aos critérios que sempre têm norteado a expansão geográfica do Banco Borges & Irmão.

Complementarmente, não deixará ainda a agência agora inaugurada de prestar um apoio valioso aos emigrantes oriundos do arquipélago açoriano e suas famílias, pelas facilidades e pela eficácia que poderá assegurar às frequentes transferências de poupanças pessoais (E.).



A POLÍTICA E NÓS

Vive-se um momento político na Europa que não pode deixar de interessar-nos neste canto do mundo. Os debates da campanha eleitoral em França, qualquer que seja o seu resultado, não podem passar-nos despercebidos e fornecem-nos por semelhança ou por contraste, matéria de reflexão política muito oportuna numa altura em que a vida nacional se movimenta com a proximidade das eleições parlamentares. Estamos longe, talvez, de muitos dos problemas debatidos além-Pirinéus, mas outras questões de fundo mais tarde ou mais cedo irão colocar-se também entre nós. Com todas as diferenças conjunturais também entre nós encontramos uma maioria de vontantes católicas e este facto, tal como em França, tem certamente ressonância política que nada adianta ignorar. Até que ponto a extraordinária reflexão política do Episcopado francês interessa aos nossos problemas?

Outro problema de fundo que se levantou na campanha francesa é o da relação entre a cultura e a política. Trata-se de saber se o progresso da cultura fornece ou não alternativas de análises científicas da situação conflitual das sociedades, ultrapassando a dualidade capitalismo/socialismo e colocando o debate na «qualidade de vida», que é possível imaginar. Decepção ou não, foi feita a denúncia de os programas dos partidos não terem considerado este aspecto fundamental da cultura. Nas páginas centrais desta «Mesa Redonda», apresentamos um resumo do documento colectivo dos Bispos franceses sobre os grupos cristãos e prática política e um artigo de Pierre Emmanuel sobre a Cultura e a Política, dois factores que podem influenciar qualitativamente a nova sociedade nesta fase de transformação.

Combater a doença em Portugal



A melhoria do nível sanitário da nossa população é um dos problemas fundamentais do nosso desenvolvimento económico e cultural. A doença é fruto da miséria e da ignorância, a miséria gera a doença e a ignorância, a ignorância favorece a doença e a miséria. São inseparáveis umas das outras, são causa e efeito do subdesenvolvimento. Fomentar o desenvolvimento económico implica, forçosamente, promover uma melhor cobertura sanitária, incentivar a elevação do nível de instrução de toda a população do país.

O nível sanitário da população não depende apenas da actuação dos serviços de saúde. É função também das condições de vida, da repar-

tação dos rendimentos, da generalização e eficácia da previdência social, é inseparável da estrutura económica e social. Numa primeira fase, a melhoria da assistência médica arrasta, só por si, a melhoria do nível sanitário. Vacinas e antibióticos bastam para prevenir ou debelar algumas das causas de morte mais frequentes nos países subdesenvolvidos. A explosão demográfica dos países do Terceiro Mundo resulta, fundamentalmente, dos progressos da medicina e da farmacopeia, raramente foi acompanhada de uma elevação significativa do poder de compra e do nível de instrução de toda a população.

Passada a fase em que a simples melhoria da assistência médica produz frutos es-

pectaculares, a passagem a um nível de saúde superior exige a correcção das desigualdades económicas, obriga à efectiva democratização do ensino.

A saúde é afectada por todas as carências que envolve o subdesenvolvimento. A melhoria do sistema de transportes, por exemplo, repercute-se no nível sanitário ao permitir a rápida transferência dos doentes necessitados de cuidados médicos especiais. E repercute-se, também, nas próprias taxas de mortalidade. Bastará recordar que em Portugal a principal causa de morte, entre os cinco e os quarenta e cinco anos, são os acidentes de viação.

CONTINUA NA PAG DOZE

mesa redonda

EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

1. — NO ENSINO INFANTIL PRIMÁRIO

HÁ muitos séculos que se escreve sobre o valor da música. Os estímulos observados por Platão eram tão fortes que ele se sentiu obrigado a introduzir a música na sua utópica República. Este famoso filósofo grego fazia a censura dos tons, gradações e instrumentos que sobrestimulavam as autênticas emoções ou estimulavam as falsas. Foi ele que afirmou: «A música dá alma ao universo, dirige-se ao espírito, à imaginação, à beleza; penetra a tristeza, a alegria, toda a vida, em suma.

Seria fácil preencher este artigo com citações enaltecendo o valor da música; contudo a maioria das pessoas já se converteu do seu interesse na educação. É a faceta criativa da música que faz com que alguns professores se sintam impulsionados por ele.

A música é decerto a arte pela qual a criança mais precocemente se expressa. Muito pequena canta em altos sons e com poucos meses de idade baterá com uma colher de sopa na mesa ou no prato, em ritmo cadenciado. Não há dúvida



Continua na página seguinte

Leia nas páginas interiores

Investimentos estrangeiros em Angola
Há "Brasileiros" à espera
que as rendas subam em Portugal



Por CALVET DE MAGALHÃES

Por se ouvir dizer que os portugueses
não têm vocação para a música

A EDUCAÇÃO MUSICAL PARENTE POBRE DO ENSINO

Continuação da pagina anterior

que a criança pode exprimir uma emoção intensa e feliz com pouca idade. Deverá só ser incentivada na primeira infância esta experiência de reproduzir uma emoção através da música, ou haverá possibilidade de aparecimento de uma expressão espontânea durante toda a educação da criança? A pergunta normalmente feita por um professor é «onde há tempo para esse trabalho num currículo já tão sobrecarregado?». Se para algumas crianças o trabalho criativo é de suma necessidade, não poderemos para o caso propiciar uma solução? Quando estamos a construir novos edifícios escolares não será momento de prevermos algumas salas adequadas à música? Se achamos devemos responder a estas perguntas afirmativamente, então compete-nos tomar eficientes decisões.

Quando consideramos que a música deve ser praticada nas escolas há dois pontos que devemos ter em mente.

Primeiro, a expressão espontânea na música é geralmente uma ocupação solitária.

Segundo, a criação musical exige inspiração e certa habilidade.

Tentemos aprofundar melhor estes dois pontos. A necessidade de um ambiente adequado com crianças pequenas, encontra-se até certo ponto naquelas escolas em que existem períodos de actividades livres. São as crianças mais velhas que necessitam de sossego e solidão. Eu já observei num jardim infantil uma criança tocar, enquanto outra junto dela fazia um barulho terrível fingindo de comboio. Estavam ambas quase totalmente absorvidas com o que faziam e cada uma não prestava atenção à outra. É bastante interessante observar-se o poder da concentração que uma criança da infantil possui, embora isso dure apenas alguns minutos. A condição ideal para as crianças mais velhas é terem uma sala aparte para as actividades musicais; não sendo possível pode-se usar, em substituição, durante o tempo quente, um espaço do recreio. Em algumas escolas, durante o intervalo, têm-se conseguido bons resultados, mesmo até antes ou depois das lições. Este processo, que não é muito aconselhável, é melhor do que nada e demonstra a necessidade dessa actividade. Se é possível ao professor conseguir que trinta crianças se possam expressar, pintando, fazendo trabalhos de barro ou composições escritas sem se perturbarem umas às outras, o mesmo não acontece com a criança que se exprime musicalmente não deixa de perturbar toda a classe.

Voltando ao segundo ponto, o problema da habilidade. Há que considerar, abstraindo o facto das crianças mais velhas estarem por vezes agastadas da música pela falta de certa habilidade ou habilidades do professor, que o tipo de trabalho criativo e até certo ponto limitado pelas capacidades da criança.

As diversas oportunidades que temos de experimentar sons de várias espécies conduzir-nos-á à música e ao canto. A criança da infantil pode experimentar e encontrar por si várias qualidades de som e tons diferentes, de composição bastante simples, podendo muitos deles ser feitos pelo professor.

Pode-se dispor do processo de bater: em caixas de tamanhos diferentes, tábuas de vários tamanhos, companhias, pausinhos para marcar o ritmo, tambores de diferentes tamanhos, feitos à mão. O processo de sacudir: campainhas, tampas de garrafas de leite (metálicas unidas por um fio, caixas feitas de feijões ou pregos e castanholas de madeira. As crianças nesta idade têm propensão para acentuado individualismo. Cada criança se concentra no que está a fazer. É após as experiências efectuadas no jardim infantil que a criança deseja a companhia das outras.

É preferível para uma criança criar melodia com a sua própria voz; poderá ser só a marcha dos seus soldados, mas será possivelmente um som completo em miniatura.

A criança mais pequena delicia-se ao fazer melodias espontâneas em xilofones de madeira ou de metal. A sua voz torna-se mais fixa e é um bom meio de criar sons conscientes sem qualquer esforço.

A escola primária apresenta talvez uma música mais excitante para qualquer dos grupos. A criança pode fazer experiências com elásticos de vários tamanhos colocados à volta de uma caixa, pois este pequeno instrumento dará o mesmo efeito que

uma harpa em miniatura. Caixas de medicamentos, presa por um cordel em determinado sítio e cheias de água com alturas diferentes, dão tons variados e constituem ao mesmo tempo um jogo engraçado.

Os alunos mais velhos estão prontos não só para criar melhores tons mas também para construir um instrumento no qual os aplicarão. Depois é altura de tentar fazer instrumentos mais ortodoxos. Dependem estes em grande parte do engenho do professor. É quase possível fazer-se uma rabeca com uma corda, ou um selo com uma caixa de cigarros; o que oferece excelente introdução à actuação séria com um verdadeiro violino ou chelo.

Uma gaita de bambu promove quatro ensinamentos:

1. Precessão e apreciação de um bom tom, pela criação e improvisação no seu próprio instrumento.
2. Um sentido fino e perspicaz do tom, através de espaços feitos quando da composição da escala fundamental.
3. Habilidade artesanal, indispensável igualmente para criar um bom tom.
4. O instrumento estará completo quando se faz um desenho colorido ou se escava quaisquer figura de madeira.

A técnica actual de como se toca uma gaita processa-se lado a lado com a composição do instrumento. A criança que faz o seu próprio instrumento mostra o maior interesse pelos trabalhos dos outros provando-se que no comum labor artesanal há qualquer coisa de infinitamente precioso para uma educação musical criadora.

2 — ENSINO PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO

Segundo Francine Benoit «a educação musical integra-se ou devia integrar-se nas primeiras actividades escolares. Um modelo dessa integração encontra-se nos Cursos de Iniciação Musical Infantil da Gulbenkian. Tal como se apresenta, por enquanto, a acção dos Cursos de Iniciação da Gulbenkian não é mais do que uma gota de água no oceano.» («A Capital» de 7 de Nov. 1968).

Noutros extremos, o universitário, podemos citar João de Branco: «O ponto que facilmente escapará ao musicófilo genérico, este em que a reitoria chamou a si a promoção oficial do espectáculo embora a orientação artística e a organização técnica pertençam ao Círculo de Cultura Musical. Exemplo muito de apontar me parece este, com poucos precedentes entre nós» (Diário de Notícias. 15.2.1968). Não estamos a falar de casos especiais (Academia da Santa Cecília, Secção A Conservatório da Escola Preparatória de Francisco Arrúda, músico Gregoriana, etc., etc.).

Actualmente, ao reabrir as aulas do ciclo preparatório, muitos pais receberam o pedido de uma «flauta doce», entre outros objectos de utilidade escolar ou a melódica «Honner».

Efectivamente, já são às centenas os alunos do ciclo preparatório que começam a abordar a música, praticando-a pessoal, entre nesses instrumentos de iniciação, que na Inglaterra e na Alemanha anda aliás muito divulgado.

Será indício de que em Portugal alguma coisa está a acontecer na educação musical? Parece estar a operar-se uma renovação que bem poderia levar os pais a rever algumas ideias feitas, tais como «os portugueses não têm vocação para a música» (ao passo que os alemães, austríacos, húngaros a têm, naturalmente...), ou então «o meu filho não é dotado para a música, mas isso não tem importância nenhuma». Efectivamente, o que aproxima todos os novos métodos da educação musical aparecidos em Portugal é o facto de se dirigir a todos: dotados ou não, destinados a serem simplesmente, executantes amadores, ou mesmo profissionais.

Ora, o nível musical de um país está ligado, como a importância dada à música numa sociedade, ao lugar que se lhe confere na escola infantil, primária, secundária, superior... Actualmente, entre nós, qual é esse lugar?

No ensino infantil, que já abordámos, canta-se e dança-se, quase todos os dias, na maioria das escolas particulares; não se trata, falando propriamente, de educação musical, mas de desenvolvimento corporal e mental, de criar melhor atmosfera para o grupo, mais alegria, mais unidade e melhor coordenação de movimentos. No ensino primário só raros exemplos.

Mas, desde o ciclo preparatório e secundário a criança é «privada» dessas possibilidades: uma hora semanal nada resolve para a educação musical a que todos têm direito.

Ao nível ciclo preparatório e do secundário, a hora da música é daquelas que tradicionalmente referida ao ensino de educação musical, os pais são normalmente indulgentes: não fizeram eles o mesmo. «No seu tempo» e, além disso, não se trata de «matéria principal». Aturma compõe-se de «músicos» que só têm que fazer o B.A. Ba ao qual é obrigado o professor, pelas carências do ensino primário, e são alunos «não músicos» a quem nada motiva: para quê aprender as regras de uma linguagem que não me diz nada e que podemos dispensar?

Para remate, as reacções de amor próprio, em relação aos exercícios de canto, põe no cúmulo do descrédito a iniciação musical.

Acrescenta-se que, o professor de música, às vezes um



Grupo musical infantil de uma escola de Lisboa

músico de sensibilidade, que sonhara com carreira musical e mais ou menos preparado para o contacto com crianças, azeda ou amedronta, não se atrevendo a apresentar aos alunos o que mais gosta; música, receoso de a ver desdenhada. Por isso, confina-se à teoria.

Existe, portanto, um círculo vicioso, cuja responsabilidade recai sobre pais, alunos e professores, e do qual ha que sair em conjunto, mundano de mentalidade e aplicando com coragem as novas possibilidades oferecidas pelo métodos activos, que podem transformar o ensino musical numa disciplina de despertar, de primeira importância. O que se afigura ir sendo possível.

O problema de reestruturação do ensino está na ordem do dia, é o momento de reivindicar uma maior parte dos horários escolares para o ensino artístico, inclusive o da educação musical.

Torna-se com efeito essencial, no momento em que a técnica e a ciência tomam cada vez mais lugar, reservar às nossas crianças um tempo para desenvolverem a sua sensibilidade, as suas possibilidades de expressão, o seu sentido criador.

Na primeira posição deste ensino, a música é certamente a mais indicada para ocupar lugar preeminente.

Qual é, em verdade, a arte que melhor pode ao mesmo tempo fazer desabrochar a personalidade, desenvolver as faculdades intelectuais, exercer a memória a preparar um ser para o contacto com a sociedade, do que a alegre música de conjunto?

«A força disciplinadora do ritmo, o treino da garganta e dos pulmões, unem directamente o canto à educação física, disciplinas ambas quotidianamente necessárias, como a alimentação» escreve Zoltan Kodaly.

A Hungria, com o impulso magistral e entusiasta deste grande pedagogo e compositor, levou a cabo há vinte anos vultosa reforma da educação musical nas escolas.

Cada vez mais, grande número de pedagogos de todos os países, admirando os resultados obtidos, se interessam por tal realização.

3 — A EDUCAÇÃO MUSICAL NA HUNGRIA

Na base deste ensino, está a ideia de que a música é uma educadora em si mesma, levando à criança todas as qualidades necessárias para a sua formação e educação geral. O canto é o pilar principal.

«A melhor iniciação à educação musical é o canto; mesmo os maiores talentos não podem superar os obstáculos que resultam duma educação musical realizada sem o canto» (Kodaly).

Desde já, a escola é de opinião de que a música terá uma missão a cumprir no quadro global do programa educativo.

Esta primeira iniciação, dada pelos cantos e pelas rodas, será muito importante, porque vai servir de fundamento à verdadeira instrução musical.

Pouco a pouco, as primeiras impressões, diferenciadas do resto, virão a ser percepções sensoriais e conhecimento, graças à emoção e à alegria na acção.

Vejam os como é lógico, vigiar estreitamente a aprendizagem da música a técnicas fundamentais como: leitura, escrita, cálculo. Às que requerem organizações no espaço e no tempo; ligá-la mesmo à aquisição do esquema corporal.

Hoje, na Hungria, mais 110 escolas adoptaram o seguinte horário musical:

- Jardim de Infância: cantos, rodas e jogos quotidianos
- 1.ª classe: 5 horas por semana de 45 minutos
- 2.ª, 3.ª e 4.ª: 6 horas por semana

Trabalhos de renovação da via LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Bombarral e São Mamede, a partir do dia 19 de Fevereiro de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes autocarros:

Autocarro n.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h.) — Entre Bombarral e São Mamede, e

entre estas estações por autocarros: Autocarro n.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h.) — Entre São Mamede e Bombarral, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

Os autocarros passam junto do apeadeiro de Paul.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

5.^a, 6.^a, 7.^a e 8.^a: 4 horas sendo mais duas horas de música coral.
E isto num seguinte horário geral:

	1. ^a (6 anos)	2. ^a	3. ^a	4. ^a
Cálculo				
Leitura	5	5	4	4
Escrita	5	2	2	2
Gramática	—	3	3	3
Redacção	—	—	2	2
Estudo do meio	1	2	2	2
Trabalhos práticos	1	1	2	2
Desenho	—	1	1	2
Ginástica	2	2	2	2
Canto	5	6	6	6
	24	28	30	31
V (10 anos)		VI	VII	VIII
Cálculo e Geometria ...				
Língua Materna	6	5	5	4
História	2	2	2	2
Geografia	2	2	2	2
Ciências Naturais	2	2	2	2
Física	—	2	2	2
Química	—	—	2	3
Trabalhos práticos	2	2	2	2
2. ^a língua	3	3	3	3
Moral	1	1	1	1
Desenho	2	2	2	2
Ginástica	2	2	2	2
Canto	6	6	6	6
	33	34	35	35

A finalidade destas escolas não é formar músicos profissionais, mas despertar bem na juventude o desejo da boa música e conferir uma vasta cultura.

A experiência provou já, que a força educadora da música, favorece melhores resultados nas mais diversas matérias. A concentração intensificada, o treino contínuo da memória, a prática sistemática da polifonia, contribuem sem dúvida para a obtenção de melhores resultados em aritmética, leitura, escrita, ortografia e noutras disciplinas de cultura geral.

«Uma educação musical regular e metódica é aproveitadíssima também nas crianças medianamente dotadas ou pouco sensíveis.»

Foi provado que não há criança desprovida de sentido musical.

O coral como já dissemos, desenvolve o sentido colectivo dos jovens, a escala de solidariedade «onde todos se associam para realizar qualquer coisa que não poderia ser feita por um só homem, mesmo que fosse dotado» (Kodaly).

A partir do 3.^o ano, os alunos podem começar o estudo dum instrumento. Todos tocam a flauta de boca cujo estudo faz parte de lições de música desde o fim do primeiro ano.

«Só aquele que é capaz de imaginar a melodia, na qual a nota começa a viver e que a ouve por uma abertura interna pode começar a estudar um instrumento.»

Sobre as duas horas de ginástica obrigatória, uma é destinada à dança popular, o elo entre o canto e a dança é feito pelo mesmo vocabulário musical.

No liceu, o ensino do canto continua, juntando-se a isso a história da música.

Os alunos instrumentistas fazem parte da orquestra da escola.

A linha de condução traçada por Bartok e Kodaly envolve o desenvolvimento do gosto pela música, assim como primeiras aquisições musicais, têm por fundamento a música popular; ela é a base do ensino.

O canto popular infantil deve ser ensinado em todas as escolas. Mesmo na escola materna é preciso excluir a «cantiga artificialmente fabricada.»

A sistematização teórica do conhecimento das regras da música sucedem às impressões adquiridas, graças ao estudo de cor duma certa matéria musical porque «nos nossos dias não pode existir uma educação musical sem leitura e escrita, como não há literatura sem estes dois elementos» (Kodaly).

Logo que a criança tome consciência da pancada regular (pulsção), é iniciada directamente pelo canto nas pancadas da semínima e da colcheia.

Tomemos por exemplo o canto: «rocirom macarron», que se encontra quase em todos os países.

As crianças batem mãos ao ritmo do canto marchando num ritmo regular.

Em seguida descobrem as longas e as breves nomenao as semínimas TA e as colcheias TI.

O que dará: TA TA TI TI TA TI TI TITI TI TI TA
Com óculos «escrever-se-á na carteira:

|||||

Exercícios curtos mas em grande número e feitos todos os dias:

Memorização: Iniciação dum ritmo batido pelo professor.

Pesquisar TA e TI

Trabalha se muito tempo na mesma medida, 2/4

Quanto a melodia, para entrar no domínio dos sons, é necessário antes de mais diferenciá-los o agudo e o grave. Os pequenos ritmos trabalhados vão ajudar depois as crianças.

Dois sons muito afastados um do outro serão tocados na flauta em dois ritmos breves mas diferentes. As crianças deverão repeti-los, o agudo com as mãos, o grave com os pés.

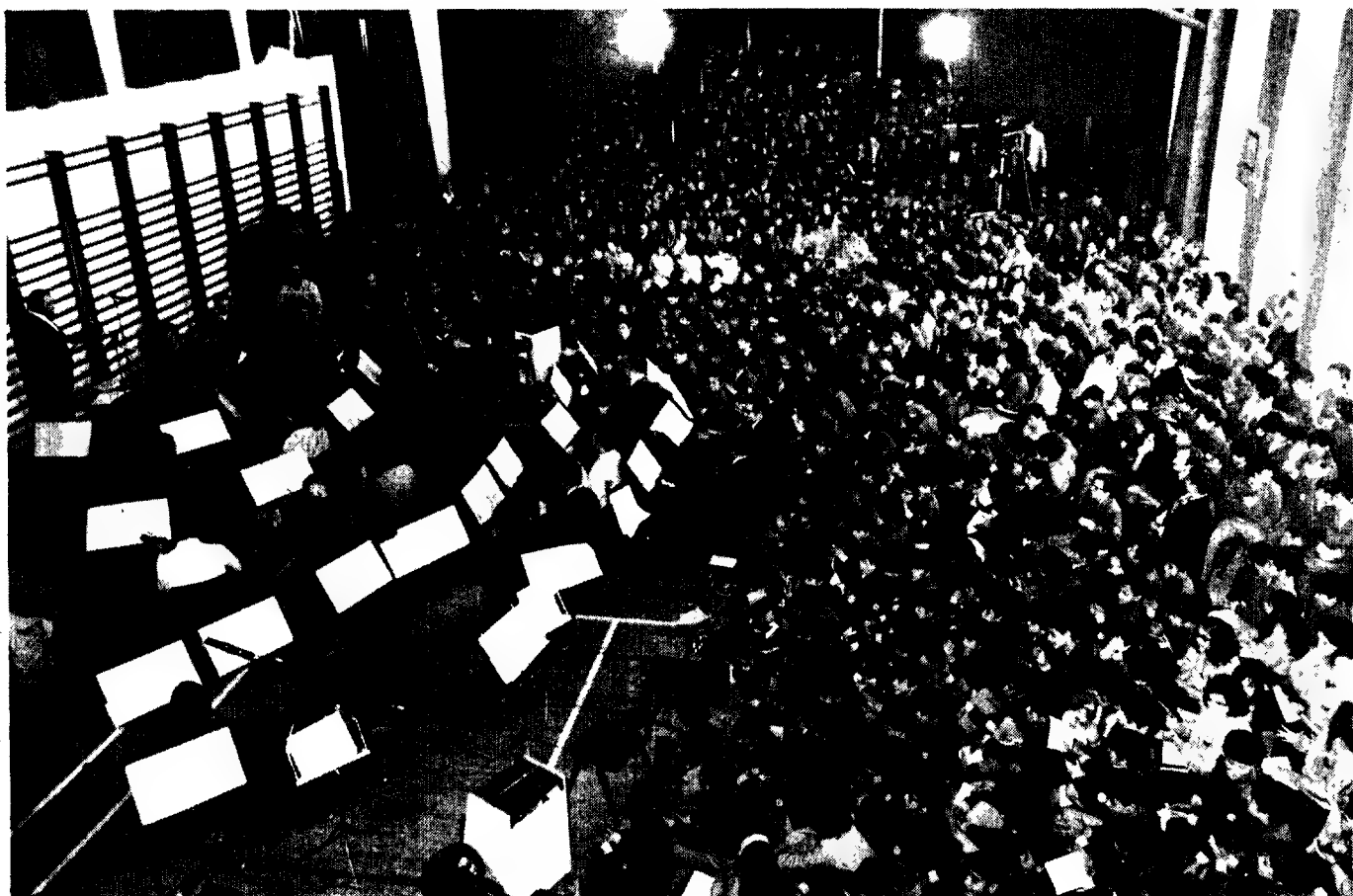
Recomeçar-se-a por intervalos aproximando-se cada vez mais, até ao momento em que se tocará a terceira menor, sol-me, já bem conhecida e cantada.

Tomando novamente a canção substituir-se-ão, as palavras por Sol e Mi que serão cada uma representada por um gesto (mímica), que as crianças associarão aos sons.

De pequenas fórmulas em pequenas fórmulas Sol-Mi; Sol-La-Mi; Do-Mi-Sol; Do-Ré-Mi, as crianças conhecem a escala pentatónica La-Do-Ré-Mi-Sol-Lá, na qual numerosas canções populares ancestrais húngaras são batidas.

A fononímica permite compreender em si mesma ou fazer cantar em duas vozes dois grupos da classe, cada um seguindo uma mão diferente.

Nos jogos musicais motiva-se a improvisação sobre um ritmo dado (disciplina).



Alunos da Escola Francisco de Arruda assistem a um concerto de Mozart pela orquestra do IMAVE

Pura (pesquisa) de notas de uma melodia cantada ou tocada pelo professor.

Criação — encontrar um fim para uma finalidade dada. Improvisação serpenteada cada criança encadeando uma medida com aquela que o seu companheiro criou.

Acompanhamento dum canto por um ritmo obstinado por uma 2.^a voz «ostinato» (marcado).

Pequenos cânones e tão breve quanto possível, cantos a duas vozes.

Na leitura e na escrita cada uma dessas pequenas fórmulas apreendidas é escrita e lida na pauta, segundo a sua posição c/leitura relativa.

Para repousar as crianças da leitura nas cinco linhas, e verificar o valor justo do seu canto, Kodaly preconiza empregar letras escritas em ritmo.

D, r, m, f, s, l, t, d (ti: sendo empregada pelo nosso Si o que dará.

ll ll ll ll ll ll ll ll ll ll ll ll

sl sm ss ll sm mm rr dr mm dd dd

Quanto a memória, realiza-se a leitura silenciosa de ritmos ou de curtas fases melódicas que serão batidas ou tocadas de cor.

A dificuldade do exercício reside na percepção da continuação da leitura que se segue no mesmo exercício.

No canto mental realiza-se o canto entrecortado: uma parte cantada, seguida de outra cantada mentalmente etc.

Na leitura relativa as sílabas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, do solfejo não seterminam a altura absoluta dos sons, mas simplesmente as suas relações recíprocas, o lugar ocupado na tonalidade.

O tom de cada escala maior é dó, do menor lá.

Para determinar os sons absolutos serve-se das letras A B C D E F G (lá, ai, do, ré, mi, fá, sol absolutos).

Este método faz avançar na orientação da pauta (as chaves) e da tonalidade. Mais tarde passa de um modo para outro (modulação).

A leitura relativa não é uma novidade, remonta à Idade Média, ao cantochão gregoriano, muito conhecido na Europa.

Seria muito difícil aplicar este método, se a leitura relativa não for unânime, mas pode-se inspirar frutuosamente quando se abordam as diferentes tonalidades.

Conteúdo de uma lição do primeiro ano: (5 lições por semana de 45 minutos; mais ou menos 165 lições por ano, 75 a 80 cantos aproximadamente em festas, estações, etc. 1.^o Canto — boa emissão de voz (ligeira) voz de cabeça base de boa respiração; clara articulação de palavras; moderato — vivace — lento.

Estimular o belo canto — 2.^o treino de ouvido; ditados cantados ou por fononímica. 3.^o leitura e escrita.

Programa do 1.^o ano

A semínima e a colcheia, as pausas

A mínima e a 1/2 pausa

Medida 2/4

O sinal de reprise

1.^a volda e 2.^a volta

Escola pentatónica — solfejo — fononímica

Lugar das notas na pauta e primeira linha suplementar superior.

Flauta à b no fim do ano

Método de Zoltan Kodaly

333 exercícios elementares de leitura

50 cantos ou ritmos para crianças

Biscinia Hungria vol. I

CF/ A Educação musical na Hungria de J. Ribière Raverlat

Ed Alph — le duc Paris

Quando uma criança for beneficiada deste ensino durante oito anos tornar-se-á um apaixonado amador.

Que possam todas as crianças do nosso país desfrutar em breve de equivalente formação e digamos com Georges Duhamel, falando à ONU, há cerca de vinte anos:

«A música não será em caso algum considerada como uma matéria de opção, quer dizer: uma mistura cujo estudo é facultativo. É um dos maiores motores poderosos de que dispõem os pedagogos para a formação de uma alma.

Acontece-me, quando caminho entre a multidão, olhar os

homens e a mulheres, meus semelhantes, e dizer a mim mesmo: Este que vejo devorado pela pressa e pela angústia, não sabe, pois, que cânticos existem, cânticos tão puros e tão pacíficos que basta trauteá-los, no fundo do seu coração, baixinho, para reencontrar a ordem e a severidade? Aquele que parece atormentado por mil pensamentos humilhantes e avitantes, desejaria fazer-lhe ouvir alguma música libertadora, por exemplo, as vozes misturadas de dois violões de Concerto em ré menor, quando conversam em altitude. Este outro que esconde um grande sofrimento e que não conhece mesmo já a remissão das lágrimas, talvez se sentisse liberto se pudesse repentinamente ouvir o que escrevem para ele, para a sua geração, para a sua salvação, os homens predestinados que são como ninguém os nossos amigos e os nossos mestres».

Pintura criadora e música libertadora: alegrias puras oferecidas a quem possui olhos para ver e ouvidos para ouvir, poderíamos sem arrependimento desprezar e preparar o acesso aos homens novos deste mundo?»

CAMINHO DE FERRO

...uma porta aberta a exportação

Caminhos de Ferro Portugueses

LEIA motor

Angola

Investimento estrangeiro nas indústrias extractivas

A economia de Angola sofreu transformações importantes, ao longo da última década. Fala-se de «boom» económico, de surto das exportações, de expansão espectacular do sector mineiro... Essa expansão é inegável, embora se continue a processar nos quadros das mesmas relações fundamentais entre a economia do Estado de Angola, Portugal e os grandes blocos económicos mundiais. As modificações registadas não alteram a função e a especialização fundamentais da economia angolana no mercado mundial, mas concedem-lhe uma muito maior importância. Além de grande exportador de produtos agrícolas, Angola aparece como «produtor mineiro».

Um número recente da revista «Actividade económica de Angola» fornece alguns ele-

mentos para a caracterização quantitativa da sua economia. A primeira constatação é a da expansão rápida do Produto Interno Bruto: entre 1966 e 1971, cresceu à taxa média anual de 10,7 por cento (a preços constantes de 1963). No entanto, e como geralmente se verifica em economias em situação análoga, a formação bruta de capital fixo processa-se a um ritmo muito baixo, na ordem dos 9 por cento. A diferença entre as duas taxas torna-se mais clara quando notamos que os sectores económicos essenciais estão voltados para a exportação e que, dentro desta, 42 por cento do total cabem à indústria extractiva, 41 por cento aos produtos agrícolas, 17 por cento ao sector secundário (dados de 1970). A parte das indústrias transformadoras é muito pequena, devendo ter-se em con-

ta que a maior parte das suas exportações é composta por produtos derivados da agricultura e pesca.

Durante o mesmo período (1966/71), as taxas médias anuais de crescimento dos vários sectores foram: Agropecuária, silvicultura e pesca - 4,9 por cento; indústrias extractivas - 90 por cento; indústrias transformadoras - 25 por cento; construção civil - 10,6 por cento; sector terciário - 16,2 por cento. O sector motor do crescimento foi o das indústrias extractivas: contribuindo em cerca de 10 por cento para a formação do PIB, com 30 por cento para os empregos industriais e cerca de 43 por cento para as exportações.

SECTOR AGRÍCOLA

O sector agrícola ocupa cer-

ca de 87 por cento da população activa total, dividindo-se em dois sub-sectores. O chamado tradicional ou indígena produz a maior parte do milho, feijão, arroz e oleaginosas, e cerca de 20 por cento do café e algodão. A superfície média por exploração é de 6,2 Ha, o rendimento médio anual cerca de 3 mil escudos. O sector dito empresarial é o grande produtor do café, algodão, sisal e cana do açúcar. A dimensão média da exploração é de 700 Ha e o rendimento médio anual de cerca de 287 contos. Haveria, lugar para uma distinção entre os números referentes às fazendas individuais de colonos e os relativos às das grandes companhias agrícolas que, por exemplo, produzem a totalidade do açúcar; mas a publicação em causa não fornece os elementos respectivos.

O café, algodão e sisal são as três exportações agrícolas fundamentais: respectivamente, 4029, 648 e 221 milhares de contos em 1971. Do ponto de vista dos mercados externos, Portugal é o principal importador de algodão, milho, si-

sal, madeira, oleaginosas e banana. Os Estados Unidos são o grande importador do café.

INDÚSTRIAS TRANSFORMADORAS

Entre 1970 e 1971, o ritmo de crescimento do sector foi de cerca de 16 por cento, ligeiramente superior à de 1969/70. Em 9 anos, o valor bruto da produção mais que quadruplicou. Por outro lado, o capital investido neste sector atingiu em 1971 o montante de 821 mil contos. Os ramos que atraíram mais capital são as indústrias de alimentação, de bebidas, o cimento e químicas (óleos e gorduras animais, tintas e vernizes, sabão...).

A nova legislação sobre os pagamentos internos (Novembro de 1971) trouxe uma orientação mais favorável à relativa expansão do sector: «contracção das importações, expansão das exportações, incremento do turismo e atracção de capitais externos», são medidas que devem reforçar a produção para o mercado interno, em substituição de ante-

riores importações. E também previsível (abundam os pedidos de autorização) um surto da indústria têxtil, por exemplo, «na fiação e tecidos de algodão, sector em relação ao qual foi expresso o desejo oficial de ver constituídas empresas multiterritoriais susceptíveis de procederem às fases de acabamento na Metrópole». Esta orientação não visa propriamente a industrialização do território, pois a estratégia económica assenta na expansão prioritária das exportações agrícolas e minerais. Deverá ser antes encarada como uma medida equilibradora da balança de pagamentos, uma espécie de válvula de segurança do sistema actual.

Nesta caracterização sumária, cabe ainda uma palavra a propósito da expansão dos meios e vias de transporte, sector definido como prioritário pelo último plano de fomento, não só por razões estratégicas mas também por evidentes motivos económicos: é um pressuposto essencial de uma economia de exportação agrícola e mineira.

FAMOSO CIENTISTA RUSSO descobre um importante segredo: como viver mais tempo com mais saúde



ELI METCHNIKOFF ganhou o Premio Nobel com o seu trabalho de «acção do microbio» O resultado dessas investigações está agora disponível no BEVITA, o Iogurte Express, absolutamente natural.

ELI METCHNIKOFF, um dos mais brilhantes cientistas do mundo, tornou-se famoso quando descobriu os glóbulos do sangue e a sua acção defensiva do organismo. Metchnikoff descobriu também que a maior fraqueza do homem está no seu tubo digestivo. Este canal está todo enroscado e é constantemente contaminado por micróbios produtores de fermentações e venenos prejudiciais que produzem mal-estar e tiram anos de vida. Metchnikoff procurou a forma de remediar isto. Observou que os pastores búlgaros eram extraordinariamente vigorosos e isentos de complicações e desarranjos intestinais. Verificou-se que eles bebiam leite azedo. Seria esta a razão?

todos os germes nocivos seriam destruídos, mas morreriam também os bons.

COM «BEVITA» CONSEGUE MAIS QUE COM AGUA A FERVER

Apareceu o Bevita — o iogurte express que contém o maravilhoso *Acidophilus*. Logo que os *Acidophilus* chegam ao intestino começam a trabalhar para si. Ajudam as bactérias boas, encorajam-nas e dão-lhes forças para lutarem e destruir as perigosas bactérias putrefactivas. A flora intestinal fica sã e livre de impurezas que lhe envenenam a existência. Quando os amigos *Acidophilus* acabarem com as putrefacções sentir-se-á bem, comerá com mais entusiasmo porque se sente mais jovem, com olhos brilhantes e ideias claras.

Experimente a agradável sensação de se sentir completamente limpo por dentro, mais leve e muito mais bem disposto. Comece a tomar BEVITA ainda hoje.

UM SEGREDO DA NATUREZA ENCERRADO NUMA LATA DE «BEVITA» PARA LHE PROPORCIONAR BEM-ESTAR

Nunca fora possível conservar os *Acidophilus* adormecidos para reviverem no instante desejado. Conseguiu-se isso agora no BEVITA. Um processo especial conserva esses micro-organismos adormecidos. Quando chegam ao intestino acordam e começam a trabalhar activamente para si eliminando as bactérias putrefactivas. Todos os ali-

mentos que ingere não podem ser aproveitados convenientemente se o seu tubo digestivo estiver sujo. O BEVITA faz com que os alimentos possam ser aproveitados como deve ser. Sucedeem coisas maravilhosas no seu organismo assim que começa a tomar o BEVITA. Comece hoje mesmo.

O SUPER-IOGURTE EXPRESS BEVITA devolve-lhe a alegria de viver. Ele é o único iogurte instantâneo do Mundo! É maravilhoso! BEVITA ajuda a acabar com as putrefacções intestinais, fomentando um incomparável bem-estar. Junte-se a água simples, a leite ou a sumo de frutos e verá como a sua vida é outra.

O BEVITA só está à venda nas melhores mercearias e supermercados. Se não encontrar o BEVITA, preencha e cole o cupão abaixo num postal e remeta-o para:

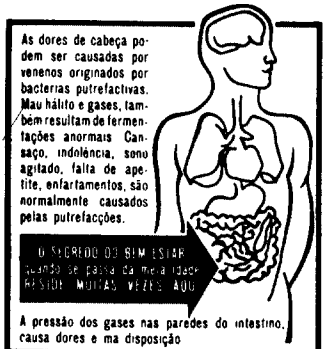
diese ALIMENTAÇÃO RACIONAL
av. da República, 46 - Lisboa 1

OS LIVROS SAGRADOS

Na Bíblia fala-se frequentemente em leite azedo. Abraão ofereceu-o aos três anjos. Moisés incluiu-o entre os alimentos que Jeová deu ao seu povo. Mas foi Metchnikoff que deu a conhecer ao Mundo moderno o maravilhoso *Lactobacillus Acidophilus*. Este micro-organismo é uma preciosa ajuda para o bom funcionamento intestinal... agora fácil de obter com iogurte express BEVITA.

HISTÓRIA DA AGUA A FERVER

Ninguém ignora que a água a ferver destrói os micróbios. Pasteur demonstrou isso há muito tempo. Se pudéssemos deitar água a ferver sobre os biliões de micróbios que pululam nos nossos intestinos



Peço que enviem na volta do correio

- ☐ lata individual de BEVITA (para 50 iogurtes) 45\$00
☐ lata familiar de BEVITA (para 100 iogurtes) 75\$00

NOME

MORADA

REGINA EXTRA REX REGINA

correntes normais, transportadoras, de passo longo, de contrabalançar, carretos, etc.

REGINA EXTRA

REX REGINA



auto lusitânia, lda. Av. da Liberdade, 75-79, Lisboa-2

para a Império marketing quer dizer segurança

A Companhia de Seguros Império é hoje uma grande organização que estuda e oferece formas cada vez mais evoluídas de seguro no espaço português.

Para isso investiu durante anos em modernização; inova e amplia a sua dimensão.

Se os gabinetes de estudo criam novas modalidades de seguro e a publicidade torna mais conscientes certas necessidades do consumidor, só humanizando o estudo dos problemas e personalizando os contactos, podemos chegar onde estamos hoje.

Desde há muito que o **homem da Império** é alvo de uma atenção especial.

Temos **Serviços de Apoio e Centros de Formação** em actuação permanente.

Sabemos que a **segurança se tornou um dever social** e trabalhamos para nos integrarmos na nossa sociedade do futuro. Por isso aperfeiçoamos ainda mais a formação dos nossos colaboradores, transformando-os em verdadeiros

Consultores de segurança. A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.

formamos
homens para uma
profissão
de vanguarda:
consultores
de segurança



«AO SEU SERVIÇO»

IMPÉRIO
a sua seguradora



O dinamismo da cultura e a evolução dos grupos religiosos, dois factores menos conhecidos, política francesa, duas forças que podem influenciar a nova sociedade

A PRÁTICA POLÍTICA E OS BISPOS DE FRANÇA

«É evidente que num país em que o catolicismo é maioritário, a própria existência da Igreja não pode deixar de ter ressonâncias políticas», afirmam os bispos franceses no documento colectivo da Assembleia Plenária de Lourdes, de Outubro do ano passado (1). E continuam: «Nós reconhecemos este peso inelutável da Igreja, que lhe confere uma influência na luta que os homens e os partidos travam por conservar, exercer ou conquistar o poder».

O importante documento analisa os problemas mais agudos da consciência cristã perante a situação política actual e social do país, chamando os católicos a uma reflexão aprofundada dos métodos de análise e dos processos de actuação propostos por sectores culturais mais politizados.

Sempre com a preocupação de alertar os cristãos contra os perigos de um certo clericalismo (que poderia advir de uma hipotética formação política de características confessionais), os bispos querem mobilizar os fiéis para a prática política, que consideram decorrer da própria condição de crentes. «Nenhum cristão — afirmam — pode ficar tranquilo enquanto um só dos seus irmãos for vítima da injustiça, da opressão, ou enquanto viver à margem». E a partir da concepção religiosa da fraternidade universal que a política é sublimada: «Têm ideias curtas acerca da política aqueles que a encaram como coisa infame... Nenhum cristão pode sentir-se alheio à política», pois na medida em que a vida quotidiana depende das decisões dos poderes económicos, culturais, estatais com repercussão no imediato e nas gerações futuras, a política pretende realizar na terra «um esboço no desígnio de Deus», o qual consiste em preparar «uma sociedade em que cada ser humano reconheça, em qualquer outro ser humano, um irmão e o trate como tal».

Pode parecer irreal esta teologia política, num mundo em que as pessoas se habituaram a olhar a política ou como hipocrisia das classes dominantes ou como jogo estéril de parlamentarismos mais ou menos seródios. Seria preciso lembrar aqui a oportunidade desta sublimação teológica, atendendo aos destinatários da mensagem, que são os católicos em primeiro lugar, constituindo estes, como ficou dito, a maioria da população francesa, de hábitos marcadamente conservadores e que, embora distribuídos por todo o leque político, acabam por dar o seu apoio, de preferência, às autoridades constituídas.

A nobreza da política transparece em cada página do documento episcopal: «**Doravante, as grandes decisões políticas, qualquer que seja o nível em que se situem e qualquer que seja o poder de que emanem, comprometem mais do que nunca as finalidades essenciais da existência individual e colectiva.**». E é em nome destas finalidades essenciais e dos valores supremos da antropologia cristã, que os bispos pregam o ideal político aos fiéis de França. Uma concepção sacralizada, antípoda da velha desconfiança mística

e igualmente purificada dos clericalismos do «antigo regime» e bem assim dos integristas agostinianos da «cidade de Deus».

QUANDO O EVANGELHO NÃO É ALIENANTE

Mas como conciliar a lei do amor do Evangelho com a luta política? Eis uma pergunta que as mais das vezes justifica todas as inércias pois se torna difícil encontrar resposta. Os bispos franceses não poderão ser acusados de falso angelismo. É lei evangélica do amor não convidar os homens a resignarem-se perante a injustiça mas chama-os a agir para eficazmente a vencerem, tanto nas suas raízes espirituais como nas estruturas em que proliferam. É falsa a teologia do amor invocada por aqueles que gostariam de camuflar as situações conflituais, enaltecer as atitudes de colaboração na confusão, minimizando a realidade dos antagonismos colectivos de todo o género. O amor evangélico exige a lucidez na análise e a coragem nos confrontamentos, que permitam progredir em direcção a uma maior verdade.

A QUESTÃO DOS MÉTODOS

Quando porém se passa à prática, o que se pergunta é se os cristãos precisam de inventar um método específico de intervenção ou se lhes basta reportarem-se a instrumentos de análise e a processos de actuação já experimentados. E aqui que os bispos de França abordam as interpretações e práticas que as várias correntes fazem dos conflitos. A parte mais substancial do documento encerra aproximação do instrumento de análise marxista da «luta de classes», dada a situação de largas camadas de cristãos franceses — operários, rurais, intelectuais — que passaram a utilizar tais métodos «como chave fundamental da inteligibilidade e da explicação das situações concretas» e também como «um tipo pragmático e eficaz de acção colectiva». Sem deixar de referir que «outros homens, principalmente entre os jovens propõem outras leituras da situação conflituosa da nossa sociedade, centradas sobre os problemas da cultura, da técnica e do poder», o Episcopado reconhece ser «evidente que a análise em termos de luta de classes ajudou muitos militantes a descobrir, de forma mais precisa, os mecanismos estruturais das injustiças e das desigualdades».

O conceito de «luta de classes» é estendido a todas as relações sociais — dizem os prelados — desde as relações de produção à vida cultural e familiar. E é por isso que en-

tendem não poder silenciar o facto, que se lhes revela como «relativamente novo».

Começando por apontar diversos conflitos da sociedade, ampliados pelos modernos progressos técnicos e culturais, relativamente aos quais os homens modernos têm possibilidade de se enfrentarem em alternativas (em vez de continuarem a sujeitar-se resignadamente à fatalidade), o documento exprime o regozijo dos bispos perante a verificação de que muitos dos seus fiéis se interessam em analisar com mais rigor os conflitos em que estão implicados, bem como os mecanismos e atitudes que os alimentam.

A LUTA DE CLASSES

E talvez a primeira vez que vemos estudada com profundi-



Estudantes de Nanterre encabeçam a peregrinação a Chartres, uma manifestação tradicional mas sempre viva da intelectualidade católica francesa

dade, em documento oficial da Igreja, as implicações da «luta de classes» com base nas relações de produção. O documento é perfeitamente explícito quanto ao pensamento dos bispos acerca das limitações da análise marxista, que eles consideram não dever estender-se à totalidade das relações humanas, pois que — dizem — «o homem nunca é totalmente redutível à sua pertença a uma classe». Importa-se examinar com honestidade intelectual em que medida o conflito das relações de produção explica ou não todos os conflitos, uma vez que — alegam os bispos — experiências concretas de vários regimes terão levado os próprios marxistas a matizar o esquema linear da burguesia/proletariado, havendo até «quem se pergunte se o conflito dominante de hoje não é aquele que opõe, em todos os regimes, qualquer que seja a ideologia ou o sistema, os que detêm o poder de decisão (mesmo não sendo proprietários dos meios de produção — os tecnocratas — e

os que dele são desprovidos e lhe sofrem as consequências».

Os bispos adiantam até uma proposta de explicação para o pluralismo marxista: a análise constante da ciência social terá feito o marxismo ultrapassar a simplificação inicial, à medida que se aprofundam, na prática e na reflexão, as opções e pressupostos ideológicos. Mas quem quisesse ver nestas palavras uma acusação de fraqueza, ficaria desconsolado com esta lúcida advertência: «Pertence no entanto àqueles que contestam as análises marxistas, levar por diante um discernimento semelhante das opções e dos pressupostos ideológicos das suas próprias análises».

A maior crítica dos bispos ao instrumento de análise ba-

ponsáveis da Igreja, chamados uns e outros ao exercício dos seus deveres cívicos em serviço do bem comum.

Muitos se angustiam com o pluralismo de opções políticas dos cristãos, com receio de ver perigar a unidade do corpo social da Igreja ou de criar a ideia de que o cristianismo seria politicamente indiferente e neutro, dado que a política é assunto privado da consciência de cada cidadão. O documento precisa que, em questões fundamentais, não é possível acomodar-se a todas as opiniões e aos seus contrários, mas que por outro lado, perante a relatividade das situações e da análise política, não é possível deduzir da fé cristã um critério prático e coerente de acção política. O campo fica portanto aberto ao pluralismo: tanto no plano da sociedade geral como no plano da Igreja, «requere-se que ninguém fique excluído da luta em favor do homem e que no projecto para uma sociedade melhor se dê uma parte aos opositores. Um discípulo de Cristo, ideologicamente situado e marcado politicamente não pode ignorar as revelações trazidas por aqueles que são diferentes ou mesmo inimigos». O confronto é necessário e tem de ser fomentado, revelando-se as comunidades eclesiais como «lugares privilegiados» desse confronto: «É em igreja que se reconhecerá impossível ratificar e propor, pura e simplesmente, sem restrição nenhuma, qualquer opção política» salvaguardadas as exigências éticas que já a Bíblia estabelece com muita certeza: «o respeito pelos pobres, a defesa dos fracos, a protecção dos estrangeiros, a suspeita contra as riquezas, a condenação do domínio exercido pelo dinheiro, o imperativo prioritário da responsabilidade pessoal, o exercício da autoridade como serviço, a aniquilação dos poderes totalitários... Nenhum cristão tem o direito, sob pena de trair a sua fé, de sustentar opções que aceitem, exaltem, gerem ou consolidem o que a revelação e a consciência humana reprovam».

LUGAR PRIVILEGIADO DO DEBATE POLÍTICO

Mas já que estes critérios evangélicos não delimitam no concreto as opções a tomar, é necessário — dizem os bispos — que os cristãos disponham de lugares onde possam encontrar-se para debater as opções concretas relativas a questões fundamentais, assim apontadas: «a exploração dos emigrantes, a pilhagem do terceiro mundo, o ciclo desumanizante consumo/produção, o trabalho continuamente parcelado e a aceleração das cadências, a especulação fundiária, a economia orientada para o lucro ou para o aumento do poder de oligarquias e de nações, a frequente desumanidade da urbanização, a desresponsabilização provocada pelo assalariamento, o desprezo pela vida humana em numerosos domínios em que está ameaçada a condição da mulher, o lugar dos marginais e das pessoas idosas, a relação

entre pessoas de diferentes idades, uma escola que privilegia os modos clássicos de expressão e os interesses de classes sociais já favorecidas, a falta grave de promoção humana colectiva pelo facto das estruturas económicas e políticas de certas populações dos Tom Dom (2) com o risco de manterem uma mentalidade de assistidos, a fantástica desproporção entre despesas de armamentos e o financiamento dos organismos internacionais de luta contra a miséria».

Não se pretende — esclarecem os bispos — que o confronto de opções à volta destes temas se transformem em «acordos impossíveis e não desejáveis», passando por cima de divergências legítimas. O que se espera é que os debates favoreçam a ultrapassagem de particularismos intrans-



Os movimentos operários, interpenetrados, um mundo revelado pela luta

poníveis, num clima de tolerância, de aprofundamento e de perdão, que seria um testemunho da «unidade essencial e impossível», a atingir no termo final «em que os inimigos se tornaram companheiros».

Ao examinar a possibilidade de intervenção colectiva dos cristãos na política, o documento distingue os vários grupos ou colectividades segundo a sua natureza e o grau de compromisso com a estrutura da Igreja, bem como o grau de implicação política dessas intervenções, salientando o princípio geral de que «deve considerar-se normal que os cristãos, ao reunirem-se, se debatem sobre problemas políticos», da mesma maneira que «é legítimo que os cristãos numa mesma tendência política se associem para exprimirem entre eles, bem como na sociedade e na igreja as opções que fazem». Nesta linha de orientação, a Assembleia Plenária do Episcopado conclui que «uma das tarefas mais urgentes desta hora será a de multiplicar, a todos os níveis, lugares de encontro e de confronto onde os cristãos divididos quanto à sua origem, cultura,

upos
da vida
influenciar

BRANCA



O cardeal Marty, arcebispo de Paris, que alguns apresentam como discípulo de João XXIII

meio ambiente e opções, possam exprimir-se». Oportunidades aconselhadas: grupos ocasionais ou permanentes de movimentos, conselhos do povo cristão, instituições ou centros de oração, de estudo ou de ensino, largamente abertos a todos e, igualmente, os movimentos de Acção Católica ou do Apostolado dos Leigos.

No capítulo sobre a comunidade eclesial e a sociedade política, afirma-se categoricamente: «O Evangelho não é neutro. Os bispos e os padres, testemunhas do Evangelho, também o não são. A missão de anunciar o Evangelho a toda a gente pode levá-los a intervenções em matéria política que causarão espanto. Poderão ser chamados a dar explicações, mas nunca a renunciar a esse dever... Mas devem lembrar-se de que a política não

pações ou abstenções arriscam-se sempre a ser interpretadas como aprovação ou reprovação das autoridades, dos partidos ou do governo. Como estabelecer contactos sem ser ou parecer enfeudado? Como estabelecer laços e continuar livre? Para os responsáveis da Igreja, a melhor maneira não será multiplicar os contactos com homens de todos os horizontes e de todas as opiniões, a fim de manifestar uma vontade de não ser prisioneiro de ninguém, mas livre em relação a todos?».

DEONTOLOGIA POLÍTICA

Uma verdadeira deontologia política é apontada no último capítulo do documento.

«A política hoje situa-se ao nível dos fins essenciais». Ela compromete o amanhã: construímos cidades, modificamos paisagens, condicionamos a saída das crianças do ano 2000. A acção política exige seriedade.

A verdadeira natureza da acção política é aposta, aventura, risco, que inventa a realidade e cria o acontecimento. A selecção dos factos e dos meios de exploração faz-se por opções ideológicas que são mais vastas do que a observação da realidade. A acção política exige lucidez, para que ninguém se convença que já dispõe de todos os meios e que estes são rigorosamente científicos e também para que se tenha presente que a acção política faz marchar a sociedade de formas mais imperfeitas para formas menos imperfeitas, mas não se pode esperar num futuro previsível o desaparecimento dos desafios irredutíveis da sociedade (é o caso do conflito entre governantes e governados) pelo aparecimento de sociedades sem poderes.

A acção política é irredutível à relação de pessoa a pessoa e exige um conhecimento rigoroso das razões e dos fins da vida colectiva. Este rigor levará o militante consciente a uma permanente disponibilidade ao acontecimento, que não pode ser antecipadamente previsto nem enquadrado num sistema estático, qualquer que ele seja.

Finalmente a acção política exige «imaginação social», mas que não deixe encerrar-se em esquemas e análises envenenados pela evolução. «Deixaremos que nos encerrem no dilema capitalismo/socialismo?» — pergunta-se. A imaginação social deve tornar-nos atentos às transformações sociais nascidas do progresso técnico e das resoluções culturais, que põem em questão o exercício do poder e os dinamismos fundamentais da sociedade: as minorias activas vão sendo capazes de reivindicar o direito de exprimirem a sua «diferença» e a aspiração de intervirem nos grupos sociais.

1) Tradução portuguesa da obra «Multinova», editada pela «Teles».

2) Abreviatura francesa. TOM significa «Territórios do Ultramar», DOM significa «Departamentos do Ultramar».

A POLÍTICA E A CULTURA

Por PIERRE EMMANUEL
(da Academia Francesa)



Algo se prepara no povo francês que a aparência política não revela. Consideram-no imprevisível, palavra que patenteia o temor de o ver mudar bruscamente de rumo. Na realidade, encontra-se esgarçada entre a lógica do seu crescimento e a da sua aspiração. A primeira exprime-se por meio de algarismos, a segunda não. Sem serem totalmente inconciliáveis, não têm, por ora, nenhuma linguagem comum.

Quase todos os partidos publicaram os seus programas. Todos estes textos procedem do mesmo género de pensamento. Os seus autores planificam o futuro, frequentemente com grandes pormenores. Traduzem em termos de estrutura aquilo que, mais ou menos, notam em vectores de mudança. O defeito da sua lógica está em supor o problema resolvido pelo programa. O leitor experimenta assim o sentimento de um excesso de previsão e de um atraso de imaginação.

Continua a ser tudo para o povo, nada pelo povo. Tudo para o povo, porque nenhuma coligação de interesses pode, hoje em dia, desinteressar-se do bem de todos. Nada pelo povo, porque parece, a despeito da retórica necessária sobre a liberdade e a responsabilidade dos cidadãos, que o progresso nacional coincide, aos olhos dos teóricos dos partidos, com uma elaboração sempre mais insistente do sistema económico de que tudo depende. Sistema que, na sua progressão pretensamente científica, é independente «a priori» da participação daqueles que governa.

Que falta penosamente definível nos faz sentir que a linguagem política não corresponde àquilo que há de novo, se não na situação visível dos franceses, pelo menos na sua aspiração? É interessante realçar nestes diferentes textos o grau de frequência das palavras: o homem, a cultura, ou ainda do adjectivo cultural nas suas diferentes conotações. Vê-se aí que a preocupação da cultura é de densidade muito desigual e que esta palavra, quando não é apenas um slogan, é ligada a outras consideradas menos vagas: a educação, as belas-artes, as obras do espírito. A ideia de que a cultura, na sociedade, é tanto uma função como uma dimensão não entra praticamente na consciência política — ou esta recusa-lhe a entrada.

A função da cultura numa sociedade é a capacidade que os seus membros têm, individualmente ou em grupos, de falar e agir com vista a modificar a forma social, de serem os seus colaboradores. Apenas é cidadão aquele que participa activamente no aperfeiçoamento das relações entre a existência quotidiana de cada um e as perspectivas para todos. Sem ter ainda expressão política, esta solidariedade é experimentada por um número cada vez maior de franceses de todas as idades e de todas as condições, neste país que se transforma mais rapidamente do que as suas ideias. Onde, sobre um fundo muito conservador, o burburinho que o agita.

Os partidos propõem aos franceses a segurança de um

Estado forte, garantia de um crescimento contínuo que aumentaria a qualidade da vida, tal como a entende o progresso económico. Os franceses, porém, começam a interrogar-se sobre esta qualidade, tal como eles próprios a entendem e em relação à qual querem fixar o papel dos cidadãos nas decisões do Estado ou das empresas privadas.

Não será, por conseguinte, motivo de espanto que esta palavra, entrada pela força das coisas no vocabulário político, seja também aí quase sempre desviada do seu sentido social para significações mais manipuláveis. Em vez de a ligar à consciência cívica, relacionam-na, por exemplo, com a informação. Quem diz informação diz meios de massa, televisão. Debate-se se convém cultivar a televisão ou televisonar a cultura. Convinha, em primeiro lugar, ver bem os limites do instrumento. Na «belle époque» do McLuhanismo, ele parecia desconhecer-lo. Informados de tudo, planetários, fomos sentir à flor da pele todos os sofrimentos e todas as esperanças humanas.

Para muitos professores e políticos, a cultura seria uma maneira de educação prolongada. A ideia faz estremecer. Na aula, os jovens não aprendem a amar nem a poesia, nem as artes, nem o corpo, nem a vida. A cultura — que é a formação — quase já se não adquire aí. É por esta razão que o destino da escola constitui um dos mais importantes problemas culturais. Começa-se a querer que a educação escape ao seu universo fechado, para se tornar um trabalho autónomo, contínuo, de formação pessoal e colectiva, cujo campo seja o mundo real que o homem informa ao mesmo tempo que a si próprio. Esta formação é uma coisa muito diferente da escola perpétua, com a sua peregrina hierarquia de conhecimentos e de diplomas, hipertrofiando, nas dimensões de toda a actividade social, um sistema de ensino cuja plétora e insuficiência anda evidentemente a par. É possível uma outra partilha do poder, em equipa ou em comunidade. As nos-

sas aprendizagens sucessivas, que poderiam ser florações sucessivas, não deveriam (falta muito), reciclar os indivíduos ao serviço exclusivo do Moloch económico, cuja bulimia é urgente refrear.

UMA MANEIRA DE ESTAR JUNTO

A economia pouco se importa com o psiquismo. Todavia, o esgotamento da energia psíquica, além de constituir um problema de cultura, ameaça apresentar-se amanhã à escala de uma sociedade. Juntando-se às condições gerais da nova vida urbana, as reconversões, muitas vezes brutais, da corrida incessante às especializações, fazem crescer a precariedade dos indivíduos no seio da multidão. Pontuais no anonimato geral, os destinos votados ao fracasso vão também crescendo em número. Com demasiada frequência o sistema escolar, cujo poder libertador todos os programas políticos celebram é a causa directa deste fracasso. Porque há a escola, e, depois, nada. Se não nascessem formas associativas para restituir a tantos isolados a sua dignidade de homens solidários, a multidão antropófaga devorá-los-ia, digerindo estupidamente o seu infortúnio sem pressentir que é igualmente o seu.

E, portanto, preciso procurar infatigavelmente uma maneira concreta de estarmos juntos. Ela existe na formação permanente: estarmos juntos para sairmos da apatia, para talhar o nosso habitat, o real. Com todas as nossas riquezas de espírito, deixamos de ser um povo cultivado porque as nossas cidades, os nossos bairros e as nossas paisagens são entregues ao frenesi do informe, ao cancro dos engenheiros. As palavras meio-ambiente, poluição, crescimento, ordenamento, proliferação, e ainda outras cem igualmente actuais e futuristas (igualmente contraditórias entre elas) catapultam-nos em direcção ao apocalipse. Palavras mistificadoras, que nos enlouquecem para nos tornarem mais inertes, a menos que façamos o esforço de limitar o seu sentido onde nos en-

contramos, onde as vivemos.

A única maneira de não perdemos completamente a nossa identidade pessoal e colectiva é juntos formos competências, para nós próprios, organizarmo-nos no lugar nas nossas verdadeiras solidariedades, constituirmos entre elas redes, senão de decisão, pelo menos de influências. Regionalização, descentralização, participação, palavras às quais é preciso que as províncias, sem se levantarem contra Paris, imponham um sentido diferente do pre-fabricado na capital. Isso esboça-se já acima das fronteiras de partido. Os partidos exprimem a diversidade francesa, não consomem a nossa unidade. Tão-pouco as diferenças profissionais, que nos separam ainda mais. É possível ser-se de opiniões diferentes, de profissões que se ignoravam, e ter os mesmos interesses práticos a defender, fora de toda a demagogia. Dos interesses práticos passa-se facilmente para os espirituais: acaba-se por se aperceber que, sob um outro aspecto, são os mesmos. É possível definir em comum o que deveria ser a vida melhor; pensar em conjunto a forma do espaço, os lugares do trabalho e do encontro, a função da escola e do museu; familiarizar-se com a arte, reencontrar a natureza, a alegria. Possível vencer a opacidade e o fraccionamento do meio, não de uma só vez mas progressivamente, a partir de experiências-piloto simples. Esta vontade de estar junto será um meio de pressão mais eficaz do que o boletim de voto, uma pressão de grupo sobre os eleitos a todos os escalões.

Melhor ainda: na invenção de um civismo cultural pode-se imaginar uma administração mediadora entre a base e os poderes, que decidem em última análise. Que deixe de ser ciumenta e tímida, dividida também contra si; que, por ela, se estabeleça uma corrente entre o Estado e o povo, actualmente mais súbdito do que cidadão. Que aceite o acordo, não para neutralizar as iniciativas, mas sim para as pesar face aos obstáculos, ajudá-las a assumir forma adequada, medir a eficiência dos homens, favorecer o seu acordo. Esta administração, tantas vezes afastada dos seus administrados mesmo nas prefeituras, reciclar-se-ia assim permanentemente nas tensões do real. Quanto ao mais, não há dois civismos, o do escritório de uma repartição pública e o do cidadão: apenas uma antiga desconfiância recíproca, que a cooperação deveria corroer.

O CRESCIMENTO QUALITATIVO

Para isso, haverá melhor terreno do que a cultura? O Estado não pode fazer dela um serviço público: seria pôr em perigo a liberdade, toda aqui no desejo de associação. A ajuda portanto, não será nunca mágica, o Estado não tem meios para isso; a ajuda será justamente a medida necessária para não induzir uns ao desânimo, outros ao parasitismo.

Um automatismo da ajuda

Continua na página seguinte

Concursos para admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 1 a 20 de Março de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz d'El-Rei, 22 ÉVORA	Reguengos de Monsaraz	Estomatologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria dos Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA	Unhais da Serra	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos S. M. S. do Distrito de Lisboa Av. dos Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Área de Lisboa	Neuropsiquiatria Infantil
		Alergo-Asmologia Clínica Médica Cirurgia Pediátrica Gastroenterologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Obstetrícia Ortopedia Otorrinolaringologia Oftalmologia Pediatria Psiquiatria Reumatologia Urologia
	Área de Almada	Alergo-Asmologia Clínica Médica Cirurgia Estomatologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Oftalmologia Pediatria Pediatria Cirúrgica Reumatologia Urologia
	Área do Barreiro	Alergo-Asmologia Clínica Médica Estomatologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Obstetrícia Oftalmologia Pediatria Pediatria Cirúrgica Reumatologia Urologia
	Área de Setúbal	Alergo-Asmologia Clínica Médica Estomatologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Obstetrícia Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Pediatria-Cirúrgica Psiquiatria Clínica Médica Estomatologia Cirurgia Pediatria Pediatria Ginecologia Clínica Médica Estomatologia Ginecologia Pediatria Clínica Médica Clínica Médica Estomatologia Ginecologia Pediatria Clínica Médica Clínica Médica Cirurgia Ginecologia Obstetrícia Otorrinolaringologia Pediatria Clínica Médica Dermatovenereologia Estomatologia Ginecologia Obstetrícia Oftalmologia Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Águas de Moura Alcochete Alcácer do Sal Azeitão Corroios Cruz de Pau Lousal Montijo Palhais Palmela Pinhal Novo Samouco Santana Santiago do Cacém Seixal	

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.
A documentação deverá ser entregue até às 18 h do dia 20 de Março de 1973 na Inspeção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.
O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

A POLÍTICA E A CULTURA



Georges Marchais, secretário-geral do Partido Comunista francês: «Excluimos todo e qualquer recurso a métodos de pressão para fazer triunfar as nossas ideias, aceitamos a emulação, a competição»

Continuação da pag. anterior.

oficial implica a passividade do meio: muito dinheiro é assim despendido em empresas implantadas aqui e ali sem jamais aí criarem raízes. Existem, é certo, algumas que necessitam, antes de viverem por elas próprias, de um equipamento e da segurança temporária de um orçamento. Mas uma razão para lhes exigir uma boa gestão, pois o desperdício dos meios é muitas vezes o da cultura. Ao lado do apoio

Administração-Geral do Açúcar e do Alcool

Decretos-Leis
n.º 47 338 e 425/72

Rua Castilho, 14-5.º — Lisboa

Concurso para fornecimento de 2000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba

Está aberto concurso para o fornecimento de 2000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba.

As respectivas condições estão patentes, durante as horas de expediente, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool.

As propostas deverão ser entregues até às 16 horas do dia 14 do corrente mês, em carta fechada e lacrada, com os seguintes dizeres exteriores:

«Concurso para o fornecimento de 2000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba»

A abertura das propostas será feita na presença dos concorrentes, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Alcool, pelas 17 horas do mesmo dia.

Lisboa, 1 de Março de 1973.

ADMINISTRAÇÃO-GERAL DO AÇÚCAR E DO ALCÓOL
O ADMINISTRADOR-GERAL
António Emilio de Tovar Faro (Engenheiro-Agrónomo)

Que confabula a unidade do vivo, trata os velhos pobres como coisas incómodas que o meio-ambiente de uma falsa felicidade tolera mal. Não estou certo se conseguiremos tornar o homem habitável a ele próprio. Mas se existe hoje em dia um problema político, é esse e nenhum outro. Pode-se-lhe dar muitos nomes, tal como o de crescimento qualitativo substituído, senão oposto, crescimento quantitativo: o paradoxo está em ser preciso traduzir este problema em termos pseudo-económicos para o tornar sensível à inteligência moderna, incapaz, na falta de filosofia, de o pôr em termos humanos. Isso prova que não é da exclusiva competência dos novos ideólogos que têm antecipadamente resposta para tudo. Pô-lo em conjunto será em breve o dever cívico de todos; e trabalhar na sua resolução, refazer em comum o tecido da vida solidária, poderia ser a tarefa criadora, a alegria unânime em cada um.

Graças às orientações fixadas pelo VI Plano, o Governo tomou consciência disso. A despeito da sua relativa fraqueza política, o Ministério dos Assuntos Culturais tentou ser a garantia da vida cultural da nação. Dentro deste espírito, criou uma comissão interministerial para a cultura, um fundo de intervenção, e um conselho do desenvolvimento cultural. Este último é pouco conhecido, mesmo das administrações que se ocupam da cultura. Mas quer afirmar-se como o primeiro «foyer» do que deve ser, através de todo o país, um acordo permanente entre aqueles que, por intuição, concebem em perspectiva, e aqueles que, por gosto do concreto, decidem no imediato. Têm muito que aprender uns dos outros — que se aproximam sem se confundirem. Um dia, conselhos regionais análogos farão ouvir por toda a parte as necessidades, as inquietações, os avisos dos cidadãos conscientes da sua responsabilidade. Então a França reencontrará a sua proporção tornando-se novamente consciente de si própria, em todo o seu corpo, situar-se-á melhor no mundo, e em primeiro lugar neste conjunto europeu que, também ele, deve procurar a sua verdadeira cultura para se salvar da desmedida do progresso.

do Estado, falta ainda criar por inteiro uma política da ajuda particular, sob formas diversas.

De facto, a maioria das iniciativas culturais tem menos necessidade de dinheiro do que de um lugar que poderia ser o local escolar, a biblioteca, o museu, ou um edifício equipado para vários fins centralizando o que hoje em dia se dispersa. Para grande número das associações particulares, o essencial é que tenham uma situação local, que colaborem entre elas e sejam reconhecidas como interlocutores sobre as questões relativas à forma e à animação do meio. E inútil produzir animadores em série sem recensar previamente as pessoas que, no próprio local, artistas, artesãos, técnicos, professores, trabalhadores sociais, são os ímans naturais de uma acção comum. A sua vocação, com demasiada frequência obrigada a constanger-se, é dar a ver, a sentir e a fazer — seja na escola, de que deveriam ser hóspedes, na cidade, que ajudariam a tornar humana, na natureza, que se esforçariam por «recentralizar».

Por toda a parte, trata-se de recriar a pátria, lugar de enraizamento e de pertença. Reintegrar este povo, dos seus filhos aos seus velhos; quebrar a horrível segregação que o pretenso progresso acelera e

MOEDAS

FEIRA DE MOEDAS
SELOS E MEDALHAS
EM

RIO MAIOR

nos dias 3 e 4 de
Março (sábado e domingo das 14 às 21 horas)

A MAIOR FEIRA
DA ESPECIALIDADE

ESTE ESPAÇO
PODE SER
PARA SI!
CONTACTE-NOS!



«MIDA»



Serra circular
automática
Modelos 400-500-600

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

UMA FÁBRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZADA
NO FABRICO
DE MÁQUINAS
PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

espelho da imprensa

A população que habita no Bairro Ribeiro das Perdizes (uma zona de Castelo Branco) é relativamente nova. «Tenho trinta anos e estes quatro filhos que aqui vê!».

As crianças brincam com a poeira dos caminhos — a lama do inverno!

As habitações são na maioria clandestinas «pois eles julgam que a gente tem dinheiro para os projectos? Temos pago as multas!».

Há quem tenha casa própria, há quem viva em casa alugada e há também quem viva em casa alheia. «Eu? Quanto pago de renda? Para que é que lhe interessa isso? Olhe pago duzentos escudos porque já estou aqui há dez anos. Se agora abalasse ia para quatrocentos ou quinhentos escudos». A casa não passava de uma miserável barraca coberta de telhas. No quintal, espalhadas, algumas cadeiras estragadas.

A C. P. informa:

BILHETES DE FIM-DE-SEMANA

Por motivo da «QUADRA DO CARNAVAL», os «bilhetes de fim-de-semana» têm validade, para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 2 do próximo mês de Março (sexta-feira) até às 12 horas de domingo, dia 4, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de quinta-feira, dia 8.

das. Rastejando pelo chão o menino. «Tinha seis meses quando lhe deu isto. Foi logo ao hospital e era meia noite. Level o meu menino embrulhado num chaille. Quando lá cheguei o médico até disse: ah, meu menino que não morres mas ficas aleijado». Na mesma casa vive ainda a avó do menino que já fez «setenta anos! Estou viúva há trinta anos. Olhe esta minha filha foi criada no Asilo». E o ordenado do marido «não cobre tanta desgracia».

«Na minha casa não tenho casa de banho» e em muitas outras também não há. «Para que é que havíamos de fazer casas de banho se não tínhamos água? Sabe porque é que hoje já cá a temos? Porque a pagamos nós! Se já cá tivéssemos água nada nos tinha custado fazer uma casa de banho ou só uma pia que fosse. Agora...».

O aspecto geral é desagradável. So se vêem mulheres. Os homens esses «andam para o trabalho que a gente precisa de comer». Quanto é que pago de renda de casa? Quinhentos escudos! E o meu marido só ganha com escudos por dia e ainda por cima com os descontos...».

(Jornal do Fundão — 25/2/73)

LAPUZES AMEAÇAM BRAGA

Não queremos acusar nin-

guém. Mas vejam-se certas esplanadas — onde começa a chegar o odor da Primavera, através das primeiras flores, e que entra também pelas mini-saias da moda (o que corresponde à mini-ideia da nossa era) — e é de reparar nesses «bambinos» todos, que se nos mostram tipicamente figuras degeneradas e, pelos vistos, embelecados pela ideia-mestra de serem do «seu tempo».

Por que não se cansem os responsáveis de proteger a sociedade contra os lapuzes imberbes, que descem da serra — como os que constam dessa epígrafe: — «Menores presos em Braga» — e possam pedir pernoita nos albergues citadinos, à falta de melhor enxerga. Não se cansem eles de nos protegerem dessa caçarada toda; mas que atentem outrossim na fauna tatuados pela currutela da droga.

Dêem por aí uma volta, e há-de-se lhes deparar coisa de meter dó.

(Correio do Minho — 23/2/73)

E SE OS EMIGRANTES REGRESSAREM?

A nossa emigração colocou-nos numa situação aparentemente paradoxal: fazem-nos falta os braços portugueses, que vendem o seu esforço no estrangeiro e, todavia, se se verificar um retorno dessa emigração, as nossas estruturas económicas são tão frágeis, que não poderão responder, satisfatoriamente, a uma procura maciça de emprego. Daí resultará, portanto, uma situação, se não de calamidade, pelo menos a pedir rápidas providências, de modo a não prejudicar, em grande parte, o esforço que se vem fazendo no intuito de conseguir a maior expansão da economia nacional.

Não é possível excluir para breve a hipótese do regresso de alguns milhares de emigrantes, pelas medidas legislativas postas em prática, nos países da Europa Central e no Canadá, que receberam, na passada década, o nosso excedente de mão de obra.

Ora a verdade é que, segundo dados tornados públicos pe-

lo Serviço Nacional de Emprego, nos últimos meses do ano findo começou-se a registar uma alta percentagem de desemprego, em certos sectores, devido ao despedimento, sobretudo nos serviços administrativos, em especial nos ramos de contabilidade e da estatística.

(Gazeta de Coimbra — 24/2/73)

A TERCEIRA DIMENSÃO NA EDUCAÇÃO FAMILIAR

A educação familiar realiza a educação integral, desde o materno leite ao paterno resguardo, e, na recepção do pão para a boca opera-se também a mensagem para a alma, levando a alimentação e a educação ao funcionamento, no lar, como segmentos reais de um todo unitivo e uniente, a formação humana, o trânsito entre a infância e a hombridade. A tríade é composta pela paternidade, pela maternidade e pela fidelidade — a Sagrada Família, em que o Filho, nutrido pela Mãe, é educado pelo Pai. Nenhum deles, quando operando em família, individualmente considerados, mas todos eles institucionalmente vistos, numa terceira dimensão em que, na personalidade de cada um, se reflecte o carácter familiar de todos. O amor materno e o temor paternal incentivam a necessidade da criação, na liberdade da educação. O património e o matrimónio expressam-se, ou realizam-se, nesse para quem, e por quem, tudo é e será feito, a criação, ser a nutrir, ser a educar.

(Pinharanda Gomes — «Notícias do Carfax» — 24/2/73)

SECÇÃO SINDICAL SEM VIDA PRÓPRIA

Ora, Agueda é um dos grandes concelhos industrializados do país, com um efectivo operário da ordem dos milhares. O que, parece-nos, justificaria desde logo uma actividade sindical mais intensa, ou menos estagnada.

E afinal o que se tem verificado?

Uma vez por outra a secção

sindical dos metalúrgicos, por exemplo, reúne os seus associados mais para cumprir formalidades legislativas do que para lhes estimular uma intervenção activa na vida do sindicato. Uma vez por outra, surge um «espectáculo» da F. N. A. T. «para passar o tempo» (com ópera pros trabalhadores) e, nessa altura, faz-se publicidade por todos os lados porque algo de «grande» vai acontecer!

Mas a secção sindical não tem vida própria. Existe burocraticamente e pouco mais do que isso. Os trabalhadores precisam duma dinamização colectiva que os integre numa actividade e numa participação consciente, nos diversos escalões sociais, económicos e culturais.

Os trabalhadores não servem só para garantir altos índices de produtividade...

(Inde.endência de Agueda — 24/2/73)

O MAFARRICO

Esses cristãos a que se refere o Senhor Presidente do Conselho não são cristãos verdadeiros. São os Judas do nosso tempo, apostados em fazer que tudo naufrague, incluindo — claro está — a própria Igreja Católica, Apostólica e Romana. Venderam a alma a Belzebú. E uma pesada ameaça que pendia sobre a Santa Igreja de Jesus, conhecida pelo nome de «Progressismo», um dos muitos disfarces do hediondo Comunismo, Satanás à solta para a perdição dos povos. Não há dúvida a História já várias vezes o demonstrou — que o Demónio sabe fazer-se frade para atingir, da melhor maneira, os seus tenebrosos objectivos. O «Progressismo», entre nós, dentro da Igreja Católica, Apostólica e Romana, conseguiu, como facilmente se verifica, apoderar-se de posições valiosas, espalhando a confusão, desorientando os espiritos. Abriu brechas nas fileiras defensoras da Ordem e da Pátria — as fileiras nacionalistas — e chegou mesmo a infiltrar-se em plena Assembleia Nacional, aí desencadeando ataques suezes à política de defesa dos superiores interesses nacionais, mes-

mo à acertado política de acérrima defesa da integridade da Pátria, ataques inúteis e sempre repelidos com vigor por um quadrado firme, constituído pela maior parte — a quase totalidade — dos que ali bem representam o País. Está demonstrado que, graças a Deus, a traição não encontra, entre nós, terreno propício para obter êxitos.

(«Actividades Nacionais» — 20/2/73)

O TEATRO DE REVISTA E A FALTA DE CRIADAS

Até que começou a crise das criadas, porque apareceram donas de casa a mais e se ofereceram novas oportunidades de colocação às raparigas que, até então, não tinham senão o destino de servir ou trabalhar no campo ou na casa paterna, na cidade.

Para as cidadinas abriram-se várias oportunidades, dependentes da sua instrução e da sua capacidade: comércio, mulheres de limpeza ou mulheres a dias, alguns serviços públicos, como os correios e o ensino primário e outros.

Para as camponesas — o teatro de revista, que pedia coristas novas e vistosas — e era o caminho do bordel.

Dai, a falta de criadas, tão características no século XX. Mais tarde surgiram novas oportunidades: as ordens religiosas onde, mesmo como irmãs leigas, se oferecia uma carreira de mais dignidade do que a de criada, e a Indústria.

Mesmo no tempo em que o trabalho industrial feminino era muito duro e muito mal pago, as fábricas que apareciam, atraídas, entre outras coisas, pelo custo da mão-de-obra relativamente baixo, foram, sempre, uma chamariz para as raparigas do campo, uma opção superior à função de servir.

E, quando se disciplinou o trabalho feminino, com mais vantajoso horário, melhor remuneração e as numerosas vantagens da previdência, não só rarearam as criadas eficientes, mas, também, as outras; e muitas delas encararam a possibilidade de não serem, sempre, unicamente, criadas de servir.

(Falcão Machado — «A Voz do Minho» — 24/2/73)

SINUSITES

Vias respiratórias obstruídas

GOTAS NASAIS BRONE

A VENDA NAS FARMÁCIAS

Pedidos de Literatura:

PESTANA & FERNANDES, LDA.

LISBOA — Rua da Prata, 153, 2.º

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800\$00
Balanças - Casa de banho	150\$00
Torradeiras	180\$00
Frigoríficos 140, L.	1790\$00
T. V. 2 canais	3390\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

BILHETE DE IDENTIDADE

Verifique se o seu bilhete de identidade atingiu ou está próximo de atingir o prazo de validade, ou se está desactualizado. Se assim for, procure renová-lo ou actualizá-lo quanto antes. Pode ser-lhe necessário de um momento para o outro.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª-feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

MORAES

editores

HOJE E AMANHÃ

APRESENTAM A SUA NOVA COLECÇÃO

OS LIVROS SOBRE OS SEUS PROBLEMAS

Em cada volume, historiado e analisado um problema fundamental da vida política, económica e cultural do País. Cada volume é um pequeno «dossier» sobre um assunto candente da actualidade portuguesa, elaborado por um especialista, mas acessível a toda a gente.

Pequeno formato (11,5X18 cm)

Pequeno volume (100/150 pp.)

Pequeno preço (30\$00)

UM VOLUME DE DOIS EM DOIS MESES

Já publicado o primeiro volume (introdução geral à colecção)

UMA PERSPECTIVA SOBRE PORTUGAL

por Francisco Sarsfield Cabral

PRÓXIMOS VOLUMES:

A EDUCAÇÃO (Rogério Fernandes) * A IMPRENSA (A. Arons de Carvalho) * O PODER JUDICIAL (Francisco Sá Carneiro) * A AGRICULTURA (J. Carvalho Cardoso) * A IGREJA CATÓLICA (Frei Bento Domingues) *

A Moraes Editores Travessa Estêvão Pinto, 6-A - Lisboa 1

Queliram considerar-me assinante da colecção HOJE E AMANHÃ na seguinte modalidade (risque o que não interessar):

- Junto envio a quantia de 180\$00 em cheque - vale de correio para pagamento adiantado dos primeiros 6 volumes, que me serão enviados, sem mais despesas, à medida que forem sendo publicados.

- Envie-me pelo correio, à cobrança, cada volume, ao preço de 30\$00 + despesa de cobrança.

NOME _____

MORADA _____



Hã "brasileiros" ã espera que as rendas subam para voltarem a Portugal

PÔR SETE SENHORIOS

Para lembrar a importância que teve sempre para o nosso país a emigração, recordamos que ela proporcionou os antigos brasileiros ricos das nossas aldeias e cidades.

No intuito de demonstrar o que declaramos no nosso artigo publicado na página doze do número 18.007 deste Jornal de 9/2/73, quanto à emigração e o congelamento de rendas antigas passados a transcrever alguns dados dos signatários o antigo emigrante:

Ouve-se no Brasil ser São Paulo, logo abaixo de Lisboa, a segunda cidade do mundo a ter mais portugueses.

Quem for a Guanabara verificará ser também muito numerosa a representação portuguesa. O mesmo sucede noutros locais. Assim, ao norte, no Estado do Pará, a sua capital, a cidade de Belém, tem muitos milhares de portugueses.

O número dos nossos compatriotas com os seus familiares diz-se que atinge alguns milhões.

As suas condições económicas são variadíssimas, e os seus descendentes distribuem-se por todas as profissões e classes sociais.

Não vá julgar-se, com o que dizemos deste nosso muito querido Brasil, não ser esse País merecedor da amizade e dedicação dum grande número de portugueses residentes em

Portugal e na grande nação irmã. Mas, sim, antes pelo contrário, ao lembrar tais factos, manifestamos o desejo de manter e fortalecer as possíveis amarras económicas que possam existir para luso-brasileiros, que a velha Lei do Inquilinato portuguesa não parece ter permitido.

Longos anos passados em terras brasileiras, ouvindo lamentações dos nossos conterrâneos, que aqui tinham adquirido prédios com o produto do seu trabalho naquele país, planejando assim o regresso à Pátria querida, lamentamos que estes nos revelassem terem sido obrigados pela demora do congelamento das rendas, que lhe proporcionava, com o tempo, cada vez menor ou nulo rendimento, posteriormente desiludidos os vendedores.

Perderam-se, assim, pelo congelamento das rendas muitos portugueses, seus descendentes e economias!

É que, a Lei do Inquilinato evolucionara já, há anos, no Brasil. O antigo presidente Costa e Silva quando determinou que os reajustamentos dos alugueres não poderiam ser percentualmente superiores ao aumento do maior salário-mínimo, na Lei n.º 322 de 7/4/67, fazia entre outros os seguintes considerandos:

„Considerando que os con-

gelamentos dos aluguéis provoca fuga de capitais privados do sector imobiliário e constitui assim uma agravante da crise habitacional;

Considerando finalmente, que os problemas referentes a aluguéis, por sua repercussão, interessam vivamente à segurança nacional.

É de notar que o legislador brasileiro já anteriormente havia estabelecido a livre convenção e admitia a correcção monetária dos alugueres na forma e pelos índices que o contrato determinasse. Compreende-se o significado da lei que registamos anteriormente.

Ora, mantendo-se em Portugal a velha Lei do Inquilinato que congela as rendas, quase há 30 anos, apesar da nossa inflação, percebe-se a atitude de opção tomada por muitos compatriotas que emigraram para o Brasil. Além disso aqueles pais criam e garantiam títulos de rendimento que produziam taxas superiores à sua inflação.

Também naquela progressiva Nação as pensões, os salários, os ordenados, os alugueres e bem assim outros rendimentos corrigem-se ultimamente todos os anos, consoante os coeficientes decretados para a correcção ou aumento do salário-mínimo.

A nossa Lei do Inquilinato foi muitas vezes comentada na frente dum dos signatários, em rodas constituídas por brasileiros e portugueses. Lembra-se este de uma situação no Rio de Janeiro em que outro português, seguindo a norma dos nossos emigrantes, defendia e procurava lógica na defesa de tudo que se passasse em Portugal. Ora, precisamente, uma pobre senhora viúva dum nosso compatriota, contava haver sido intimada através das autoridades portuguesas a fazer obras numa sua casa em Lis-



Diz-se que no Brasil há velhos emigrantes portugueses que se lamentam da actual Lei do Inquilinato em Portugal, onde mantêm casas que não dão rendimento.

boa. Exibia ela orçamentos elevadíssimos para tais reparações se os comparássemos com o baixo rendimento.

Um dos portugueses presentes defendia e apoiava a acção da Câmara Municipal de Lisboa em obrigar a realização de obras, contra a opinião de vários entre os quais um brasileiro que fazia notar que antigamente as Prefeituras brasileiras em idênticas circunstâncias não obrigavam os senhores a realizarem tais beneficiações.

Bebido o resto do meu guaraná, aleguei ser tarde e despedi-me apressadamente da roda, fugindo à discussão, que se tornara para mim desagradável. Mas, afastando-me, saudoso da minha terra, pensava como é que aquela pobre viúva, sem dinheiro, iria resolver aquele seu problema? Iria possivelmente pedir meios a um parente brasileiro, para depois os pagar com a ajuda talvez do salário dum filho, se o tivesse, para proporcionar aos seus inquilinos em Portugal terem habitações baratas. Seria isso moral?

Meses depois tomava conhecimento que aquela pobre senhora vendera a única amarra que a ligava a Portugal.

A Lei do Inquilinato tem de ter uma base moral que considerando a desvalorização da moeda atenda portanto ao menor poder aquisitivo do escudido. É certo que o nome da salários, custos de materiais de considerar, tem diferente valor para a troca nas épocas da realização do contrato e na actual. Isso sucedeu em todo o mundo e não só em Portugal. No Brasil 1.000 cruzeiros antigos passaram a valer um novo cruzeiro. Em França 100 francos antigos passaram a valer um franco moderno. A situação entre nós não chegou a tal ponto; todavia tudo tem tido aumentos. Ora, sendo assim, por que razão somente as rendas antigas devem ser sempre constantes apesar de não o serem as tributações, os salários, custos de materiais de construção e conservação, etc?

O congelamento das rendas há cerca de 30 anos, criou nalguns um falso conceito do que seja um contrato de locação; no entanto compreendem o que é o mesmo contrato relativamente ao aluguer dum automóvel, dum quarto de hotel, do telefone, etc, cujos preços têm sido alterados. Ultimamente os táxis, e neste caso um outro aluguer, também o seu custo e muito justamente foi alterado.

Pelo simples motivo de lon-

go tempo de congelamento das rendas, há quem pretenda confundir o contrato de arrendamento com o contrato de venda a longo prazo ou a prestações; todavia é somente uma das partes que assim poderia pensar e isso por motivos de instrução ou ignorância. Mas, quem tem culpa disso se não aquele que tal pensa?

Foi dito recentemente pela Televisão que a maioria das pessoas não se interessam por problemas monetários e desvalorizações da moeda. Certo é que o emigrante, dado à sua condição, sabe bem do que se trata pelo que opta, quando pode, pelo que mais lhe convém.

A colaboração forçada, injusta e exagerada dos senhores na economia dos inquilinos é posta em foco pelos autores do projecto a ser apreciado pela Assembleia Nacional, quando neste dizem que o congelamento das rendas «coloca os senhores na posição de suportarem um encargo equivalente a um subsídio de alojamento, a que socialmente não deviam de estar obrigados».

Ao que dizem os autores do projecto salientamos que precisamente na propriedade de rendas antigas é que estão investidas as pequenas economias que se têm sacrificado em favor ou benefício de bolsas por vezes bem recheadas.

O QUE SE PASSOU NO BRASIL

A fim de resumidamente relatar o que se passou no Brasil, tiramos as notas que se seguem extraídas do artigo de Adérito Lourenço Teixeira, presidente da Associação de Proprietários do Rio de Janeiro, publicado no número 200 do mês de Janeiro último do Boletim da Propriedade Urbana da Associação Lisbonense de Proprietários.

Enquanto os aluguéis dos prédios urbanos residenciais permaneciam congelados, com as locações compulsórias e automaticamente prorrogadas, tudo em volta sofria o impacto da espiral inflacionária.

Ao invés de solucionar a crise habitacional, a Lei do Inquilinato veio agravá-la, conduzindo-a a níveis jamais pensados.

O défice de habitações aumentou sensivelmente, era fácil de explicar. O investimento em construção de casas para alugar tornou-se um péssimo negócio.

É claro que, dentro deste quadro, só um louco iria empastar seu capital na construção de imóveis para alugar. Não havia sequer estímulo para que o indivíduo se tornasse pro-

prietário, comodamente instalado, em imóvel alheio pagando aluguer baixíssimo.

Ao lado disso tudo, notava-se incoerência flagrante, pois os novos locatários pagavam elevados alugueres, enquanto que inquilinos em situações idênticas, pagavam irrisórias quantias, por seus contratos serem anteriores.

O que houve no Brasil foi o enriquecimento de muitos locatários à custa dos proprietários, pagando mínguados alugueres enquanto auferiam pouquitas rendas do seu comércio ou indústria.

DEPOIS

O Governo consciente da iminência então a obra de reconstrução nacional. Compreendeu que o congelamento dos alugueres jamais nos conduziria à solução da crise habitacional.

O Governo consciente da importância do problema da habitação, criou o Banco Nacional da Habitação que age em todo o país não só actuando directamente construindo como financiando firmas particulares.

A liberação dos aluguéis não só estimulou os já proprietários, como ainda os locatários, para que se tornassem proprietários dos seus próprios imóveis, o que anteriormente não ocorria.

A actual política habitacional procura fomentar o ramo das construções civis, proporcionando a cada um o direito de adquirir a casa própria.

A indústria da construção civil, que sabidamente é uma fábrica de fábricas em volta da qual se desenvolvem inúmeras outras actividades económicas.

A transformação do maior número de brasileiros em proprietários, que parece ser um dos objectivos do Governo, fará com que a propriedade privada do Brasil alcance uma posição de importância e destaque dificilmente igualada noutros países.

O passar da história há de demonstrar uma vez mais que o respeito à propriedade privada constitui um dos pilares da sociedade democrática e a base da liberdade pessoal.

Muito mais queríamos dizer sobre rendas modernas, acesso à propriedade, créditos a longo prazo, instituições ligadas à casa própria, estruturas económicas respeitantes a jovens, estudantes, operários, emigrantes, débeis económicos, etc. etc. O artigo, porém, já vai longo, donde deveremos ficar por aqui esperançados no futuro.

LEIA

motor

**TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?**

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

TELS. 367444/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45



**CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO**

DIA E DATA

100% IMPERMEÁVEL

ANTICHOC

RESISTENTE:



EXIJA A MARCA **CAUNY**
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA



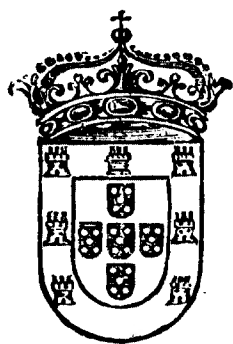
CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

GAZETA. EMQVESE

RELATAM AS NOVAS
TODAS, QUE OVVE NESTA

CORTE, E QUE VIERAM DE
varias partes no mes de Nouem-
bro de 1641.



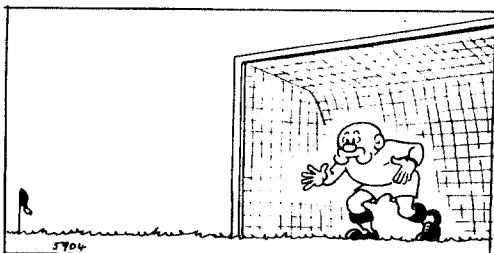
Com todas as licenças necessárias.

E priuilegio Real.

EM LISBOA.

Na Officina de Lourenço de Anueres,

O primeiro jornal português foi censurado por Mestre
frei Ignácio Galvão: «Esta Gazeta está conforme com
seu original. Em S. Domingos de Lisboa, 3 de Dezembro
de 1641».



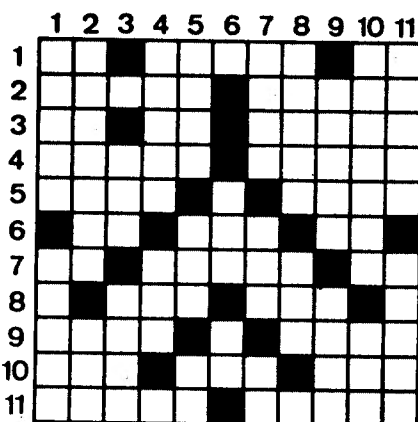
DELEVARAS CRIATIVAS

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10357

HORIZONTAIS

- 1 Utensílio doméstico. Jamais. Símbolo químico do tólio.
- 2 Vaguear. Realizo.
- 3 Doutor. Basta. Reprimir.
- 4 Palmeiras da Amazônia. Patrona da ilha de Malta.
- 5 Costumes. Artigo definido. Garantia de pagamento de uma letra dada a terceiros.
- 6 Tális (s.q.). Claridade. Altea Real.
- 7 Bário (s.q.). Espécie de canoa. Prefixo de afastamento.
- 8 Apelido. Genro de Maomé.
- 9 Antiga embarcação indiana. Pernas de sobreiro.
- 10 Ligue. Preposição. Mitologia.
- 11 Equipei. Sorte.



VERTICAIS

- 1 Requeceu. Calote.
- 2 Induz. Oásis.
- 3 Lista. Acolá.
- 4 Cremes. Nome de jogo.
- 5 Larvas das feridas dos animais. Magoa. Partes iguais (abrev. médica).
- 6 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Preposição e artigo definido.
- 7 Papão (pop). Pega. Batráquio.
- 8 Aplaca. Renque.
- 9 Prendia com elos. Mana.
- 10 Cuidara de. Aqui está.
- 11 Estado de espírito. Espesso.

Resolveu completamente este problema?

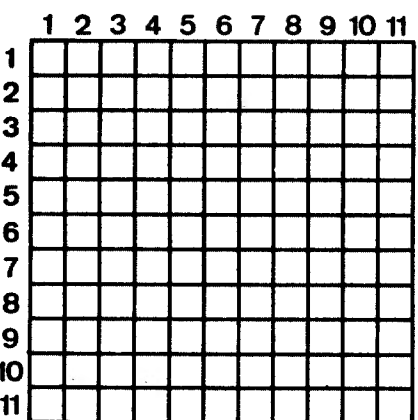
P: ocure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6513

HORIZONTAIS

- 1 Todo o corpo que existe no espaço. Freguesia do concelho de Bardez, distrito de Goa (Índia Portuguesa).
- 2 Tombas. Ir para fora.
- 3 Salto brusco do cavalo. Ponta aguda. Base aérea portuguesa.
- 4 Preposição. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Viração.
- 5 Província da China ao N. do Tonquim. Prendia com elos.
- 6 Remedeia. Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
- 7 Sódio (s.q.). Nota musical.
- 8 Filtra. Ligue. Pátria.
- 9 Nessa ocasião. Verbais. Batráquio.
- 10 Salvo. Ponham a data em.
- 11 Uma das Espóradas. Aplana.



VERTICAIS

- 1 Vim. Ergueis.
- 2 Povo da Trácia. Interjeição usada no Algarve, para chamamento.
- 3 Irmã do pai. Romance de Emilio Zola. Preposição.
- 4 Reis. Cidade da Galileia. Sufixo que designa abundância.
- 5 Focinho. Bois selvagens.
- 6 Transpira. Eia!
- 7 Freguesia do concelho de Mondim de Basto. Nome de mulher.
- 8 Artigo definido. Folhas de coqueiro. Chiste.
- 9 Aldeia indiana de que procede o termo gancar. Leve. Pronome pessoal.
- 10 Que numa série de oito ocupa o último lugar. Pernadas de sobreiro.
- 11 Ave trepadora. Come (pop).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10356

HORIZONTAIS

- 1 Par. MAUS. Tu.
- 2 Opera. Copia.
- 3 Sisa. Ni.
- 4 VIZINHOS.
- 5 Elava. Aarão.
- 6 Alar. Traça.
- 7 Tia. Aso. Sr.º
- 8 Os. Si.
- 9 Recorda.
- 10 Orago. Tui.
- 11 Siso. Crismo.

VERTICAIS

- 1 Poste. TODOS.
- 2 Api. Lais. Ri.
- 3 Resvala. Ras.
- 4 Raiva. Pego.
- 5 Ma. Zara. Co.
- 6 Bi. SÃO.
- 7 Cu. Nato. Rer.
- 8 Sonhar. Id.
- 9 Pioras. Ais.
- 10 Ti. Sacos. UM.
- 11 Uai. Oaristo.

Provérbo: Maus vizinhos todos são um.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6512

HORIZONTAIS

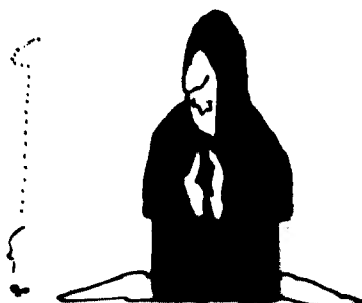
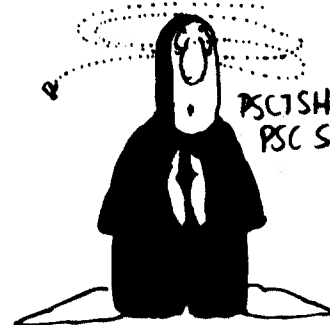
- 1 Sara. Fita.
- 2 Avô. Rum. Rol.
- 3 Bi. Coral. Si.
- 4 Ossada. Alta.
- 5 Rairar. Siar.
- 6 Nem. Aca.
- 7 Bati. Ama.
- 8 Arar. Rodada.
- 9 Re. Amela. Oc.
- 10 Rau. Ena. Eça.
- 11 Alma. Tuas.

VERTICAIS

- 1 Sabor. Barra.
- 2 Avisa. Areal.
- 3 Ro. Sinta. Um.
- 4 Caveira.
- 5 Rodam. Me.
- 6 Murar. Arena.
- 7 Ma. Amola.
- 8 Lascada.
- 9 Ir. Lia. Eu.
- 10 Tosta. Adoça.
- 11 Aliar. Maças.

DONA SPINTE - VII

TOPIN



Combater a doença em Portugal

Continuação da primeira página

Pelo que toca à saúde, Portugal encontra-se a meio caminho entre os países subdesenvolvidos e os países industrializados. Os nossos indicadores são superiores aos índices registados na generalidade dos países subdesenvolvidos. Mas situam-se na cauda dos indicadores de saúde dos países europeus. Acresce que a melhoria do nível sanitário verificada desde o final da guerra, em particular no último decénio, imporá redobrados esforços nos anos futuros. Exigirá investimentos muito mais dispendiosos, maior número e melhor distribuição geográfica do pessoal médico e do pessoal de enfermagem, alimentação mais saudável, construção de estações de tratamento das águas e de redes de esgotos, extensão a toda a população dos benefícios do desenvolvimento económico, generalização do ensino médio.

A ESPERANÇA DE VIDA EM PORTUGAL

A esperança de vida à nascença da população masculina, a duração média da vida, roça pelos sessenta e cinco anos. Gregos, italianos e franceses já possuíam igual esperança de vida há duas décadas de anos. A comparação com os índices suecos, holandeses, ingleses ou alemães revela atrasos gritantes. A esperança de vida à nascença da população feminina anda pelos sessenta e sete anos. Valor idêntico foi alcançado na Itália e na Grécia há uma quinzena de anos. A duração média da vida das raparigas nascidas este ano na Suécia, na Holanda ou na França, será superior sete a oito anos à das raparigas dadas à luz em Portugal. A melhoria da esperança de vida nos anos futuros exigirá redobrados esforços: a análise das estatísticas estrangeiras mostra que os progressos são muito lentos a partir de esperanças de vida da ordem dos sessenta e seis e quatro anos.

A MORTALIDADE INFANTIL DESCEU ENTRE 1960 E 1970

A taxa de mortalidade infantil é outro indicador correntemente utilizado para avaliar o nível sanitário de uma população. A taxa de mortalidade infantil mede-se pelo número de óbitos em idade inferior a um ano, por mil nados vivos. É directamente influenciada pela quantidade e qualidade da alimentação pelas condições de habitação, pelo nível de instrução dos pais, traduz o desenvolvimento económico e social da comunidade em que a criança nasceu. Em Portugal a taxa de mortalidade infantil sofreu acentuada redução nos anos recentes. Em 1960, por cada mil nados vivos, 77,5 morriam antes de terem alcançado um ano de idade. Em 1970 a taxa de mortalidade infantil desceu para 58. Uma análise mais pormenorizada revela diferenças clamorosas no interior do país. A taxa de mortalidade infantil vai de 33,4 no distrito de Setúbal, a mais baixa do país, a 90,8 no distrito de Vila Real, a 128,2 no distrito de Angra do Heroísmo. Em relação aos restantes países da Europa, o desnível é acentuado. Na Espanha, na Itália, na Grécia, a taxa de mortalidade infantil ronda os 30 por mil.

Na Holanda e na Suécia não vai além dos 13 por mil.

DE QUE SE MORRE EM PORTUGAL

Três quartos das crianças mortas antes de completarem um ano são vítimas de doenças como a gastroenterite e a broncopneumonia, que poderiam ser evitadas ou debeladas pela melhoria das condições de vida e por uma assistência médica mais eficaz.

O atraso de Portugal em relação aos restantes países europeus é menos pronunciado pelo que toca à esperança de vida calculada para a população com um ou mais anos de vida. É uma consequência da nossa elevada mortalidade infantil, da selecção que se efectua logo nos primeiros meses de vida. No entanto, Portugal continua a apresentar as mais elevadas taxas de mortalidade da Europa em quase todos os grupos de idades correspondentes ao período mais activo da vida.

Quase quatro quintos dos óbitos ocorridos entre o primeiro e o quarto ano de vida poderiam ser evitados por uma melhor assistência médica, são causados por doenças como a broncopneumonia, as gastroenterites, o saramo, a gripe. Entre os cinco e os catorze anos, as principais causas de morte são os acidentes de viação, a broncopneumonia e outros acidentes, como os afogamentos. Os acidentes também causam dois quintos das mortes entre os quinze e os vinte e quatro anos, cabendo um quinto dos óbitos só aos acidentes de veículos automóveis. No grupo dos vinte e cinco anos quarenta e quatro anos, os acidentes de viação continuam a ser a principal causa de morte, seguidos por doenças controláveis, como a tuberculose do aparelho respiratório e a broncopneumonia. A partir dos quarenta e cinco anos, coexistem como causas de morte doenças características dos países atrasados e doenças mais frequentes nos países industrializados, o que talvez traduza o carácter intermediário em que Portugal se encontra.

As deficiências da cobertura sanitária do país são denunciadas ainda pelo elevado número de mortes atribuídas a «Causas desconhecidas», nos grupos mais jovens a «senilidade», nos grupos mais idosos.

COME-SE MAIS EM PORTUGAL

Outro indicador do nível sanitário do país é a situação alimentar. Nos últimos anos, verificou-se nítida melhoria. O consumo de calorias, por dia e por habitante, passou de 2530 em 1960-1962, para 2930 no final dos anos sessenta. O nosso consumo de calorias é superior aos consumos da Espanha, da Suécia e da Grécia. Também o consumo de proteínas progrediu nos últimos anos, sendo já superior aos consumos registados na Suécia, na Espanha e na Holanda. No entanto, a nossa alimentação permanece desequilibrada, os cereais continuam a predominar na nossa alimentação, o consumo de carne e de leite ainda é insuficiente. O consumo de proteínas de origem animal é excessivamente baixo, em confronto com os consumos regis-

tados em países como a Holanda, a Suécia ou a França.

MÁ DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS MÉDICOS

Modificar a situação existente é tarefa que ultrapassa a competência dos serviços de saúde. Exige a melhoria das condições de salubridade e do sistema de transportes, impõe o crescimento da produção agrícola, pecuária e piscatória e o saneamento dos circuitos de distribuição obriga a uma política de defesa do consumidor e de combate à poluição. E não poderá ser levada a cabo sem uma distribuição mais equitativa do rendimento nacional, sem o acesso à instrução de toda a população do país. Tanto é dizer que a melhoria do nível sanitário implica a modificação das nossas estruturas económicas e sociais.

O mesmo não é dizer que a acção dos serviços de saúde não seja condição indispensável para a melhoria do nível sanitário do país. Bastará recordar que boa parte dos óbitos nos primeiros anos de vida poderiam ser evitados por cuidados médicos mais assíduos. E que vastas regiões, sobretudo no interior e nas ilhas adjacentes, continuam a não dispor da cobertura sanitária indispensável. Ou que apenas vinte por cento dos chefes de família de Lisboa recorrem aos médicos das Caixas de Previdência, o que traduz a conta em que estes serviços são tidos pela população da capital.

A Organização Mundial da Saúde considera indispensável a existência de um médico por mil habitantes. É o mínimo necessário para assegurar uma assistência médica eficaz. Em 1970, possuíamos 0,94 médicos por mil habitantes. Situação que é agravada pela forte concentração dos médicos nas três principais cidades. Em 1970, mais de setenta por cento dos médicos fazia clínica nos distritos de Lisboa, Porto e Coimbra. O distrito de Lisboa dispunha de um médico por 430 habitantes, enquanto seis distritos possuíam apenas um médico por 3000 habitantes. O número de médicos cresceu regularmente nos últimos anos. Paralelamente, a população diminuiu devido à emigração. Se estas duas tendências se mantiverem nos próximos anos (aumento do número de médicos, redução da população), em 1979 deveremos dispor de 1,21 médicos por mil habitantes, mais do que o mínimo indispensável. No entanto, em relação aos restantes países europeus o nosso atraso continuará a ser acentuado. Teremos alcançado, então, a proporção de médicos por habitante que já existia em França em 1967, em Espanha em 1962, na Alemanha Ocidental em 1951. De resto, uma elevada densidade de médicos nem sempre é sinónimo de bom nível sanitário. A densidade de médicos na Sicília por exemplo, é superior à da Holanda, o que não se traduz por um nível sanitário superior. Mais importante será, como salientou Clément Michel, no primeiro colóquio do Instituto Europeu de Segurança Social, a «adequação das estruturas e dos modos de exercício da clínica às características contemporâneas da ciência médica, da acção social e dos imperativos económicos». Michel acrescenta: «As estruturas actuais das instituições e das



profissões sanitárias nasceram no século dezanove, num contexto económico, social e técnico radicalmente diferente daquele em que vivemos. Estas estruturas envelhecidas, estas modalidades ultrapassadas de organização e de funcionamento, continuam a suscitar tanto os médicos como os doentes, uma ressonância psicológica, uma carga afectiva fortíssima o que torna difícil qualquer modificação».

CONTINUARÃO A FALTAR OS ENFERMEIROS

Mais graves são as carencias de pessoal de enfermagem. Em 1970, possuíamos um enfermeiro por 1990 habitantes. Considera-se, geralmente, que deverá haver um enfermeiro por 500 habitantes. O pessoal de enfermagem era quatro vezes inferior às necessidades do país. A análise da densidade de enfermeiros por distrito revela situação ainda mais grave. No distrito de Lisboa, havia um enfermeiro por 700 habitantes. No distrito de Beja, 13770 habitantes por enfermeiro, em Bragança 16 880. Prevê-se que em 1979 o número de habitantes por enfermeiro não vá além de 1500, três vezes inferior às necessidades.

Quanto aos auxiliares de enfermagem, o abismo entre as disponibilidades e as necessidades ainda é maior. Para que os doentes beneficiem dos cuidados indispensáveis, deve haver um auxiliar de enfermagem por 167 habitantes. Em 1970, havia um auxiliar de enfermagem por 1850 habitantes, as disponibilidades eram onze vezes inferiores às necessidades. O distrito mais favorecido era o de Coimbra, com um auxiliar de enfermagem por 790 habitantes, cinco vezes menos do que o indispensável. Em Bragança, havia um auxiliar de enfermagem por 15 680 habitantes. Prevê-se que em 1979 o país disporá de 6 984 auxiliares de enfermagem, quando o mínimo necessário deverá andar pelos quarenta e cinco mil.

As carencias em enfermeiros e em auxiliares de enfermagem ameaçam paralisar o funcionamento da rede hospitalar. Os baixos salários pagos ao pessoal de enfermagem, a falta de consideração social da profissão, agudizarão ainda mais o problema nos anos futuros.

BAIXO RENDIMENTO DAS INSTALAÇÕES HOSPITALARES

Pelo que toca às instalações hospitalares, a maior parte dos hospitais centrais funciona em edifícios antigos, possui condições de trabalho deficientes. As instalações e o equipamento dos hospitais escolares, bastante melhores, ameaçam degradar-se por falta de verbas de manutenção. Quanto aos hospitais regionais, setenta por cento funciona em edifícios velhos, com um apetrechamento técnico inadequado.

As condições de funcionamento da maioria das casas de saúde não é melhor, ao con-

trário do que geralmente se julga. A Comissão de Vistorias de Casas de Saúde da Zona Hospitalar do Sul inspeccionou sessenta e cinco casas de saúde entre Julho de 1970 e Maio do ano passado. Encontrou graves deficiências de instalações, apetrechamento e funcionamento. Propôs o encerramento de dezasseis casas de saúde; a realização de grandes remodelações em trinta e três, pequenas remodelações em onze.

Dizer grande remodelação é quase o mesmo que dizer encerramento, dado o custo imcomportável dos trabalhos propostos. Pelo que toca ao funcionamento, a comissão verificou que as casas de saúde que colaboram com o Instituto de Assistência Psiquiátrica não dispõem de enfermagem adequada, que as que colaboram com o Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos prestam aos doentes enfermagem deplorável.

A densidade de camas de hospitais gerais é baixa em Portugal: 2,49 camas por mil habitantes, contra 4,36 em França, 4,66 na Holanda, 6,37 na Suécia.

As instalações e o equipamento hospitalar são deficientes. O seu rendimento é baixíssimo. As camas dos hospitais sub-regionais, cerca de metade do total, têm taxas de ocupação inferiores a cinquenta por cento. A maioria dos médicos em serviço nos hospitais centrais trabalha em regime de tempo parcial, teoricamente (apenas teoricamente) quatro horas por dia. É muito reduzido o número de médicos que trabalha em regime de seis horas diárias. A baixa utilização das instalações e dos equipamentos agrava os custos, diminui os rendimentos, encarece os cuidados médicos prestados à população.

AUMENTARAM AS DESPESAS COM A SAÚDE

As despesas com a saúde têm crescido muitíssimo nos anos recentes. As despesas correntes totais efectuadas no sector da saúde correspondiam, em 1964, a 2,8 por cento do produto nacional bruto, a 3,2 por cento do rendimento nacional. Em 1969, subiram para 4,4 por cento do produto nacional bruto, 5,2 por cento do rendimento nacional. As despesas do sector público passaram de 925 mil contos em 1964 para 3 milhões 145 mil contos

em 1969. Em percentagem da despesa corrente total do sector público, subiram de 5,5 por cento em 1964 para 10,8 em 1969. No entanto, a percentagem dos gastos públicos em saúde continua a ser inferior à registada noutros países. Enquanto Portugal consagrou à saúde 10,8 por cento das despesas totais do sector público, em 1969, a França despendia com a saúde 25,4 por cento em 1963, a Jugoslávia 21,3 por cento em 1961, a Holanda 18,3 por cento em 1963.

O aumento das despesas com a saúde é fenómeno universal e que tende a acelerar-se. Nos Estados Unidos, as despesas globais com a saúde absorviam 3,5 por cento do produto nacional bruto em 1929, 4,5 por cento em 1950, 6,9 por cento em 1969. Na Grã-Bretanha, o custo do serviço nacional de saúde aumentou, no último decénio e a preços constantes, à média anual de 3,5 por cento.

Portugal será obrigado, nos anos futuros, a consagrar verbas sempre maiores às despesas com a saúde. As despesas de hospitalização crescem em todo o mundo, o custo dos medicamentos também aumenta, embora em menor grau, os honorários pagos aos médicos tendem a subir. O progresso da medicina, o desenvolvimento da tecnologia médica, exigem despesas sempre maiores. O aumento dos custos da saúde será estimulado, ainda pelo crescimento do consumo. Pela necessidade imperiosa de reduzir a nossa taxa de mortalidade infantil. Pelo aumento do número de pessoas idosas: na Suécia e nos Estados Unidos, as despesas de saúde com as pessoas de mais de 65 anos são quatro a cinco vezes superiores às despesas com o resto da população. Pelo aumento da urbanização: o consumo médico dos habitantes das cidades é superior ao da população rural. Pelo próprio aumento da oferta de melhores cuidados médicos, uma vez que a procura da assistência médica é função da oferta.

Tudo o país terá de contribuir para o esforço no sentido de garantir a todos os portugueses o direito à saúde. O bem estar físico e mental, a saúde, têm um preço.

Ao fatalismo do passado, à resignação, à aceitação da morte por doenças controláveis e por acidentes evitáveis, deverá suceder uma opção consciente no sentido da vida e do direito à saúde.

